



3 1761 07047143 8

PQ  
9261  
S7D3  
1913







Digitized by the Internet Archive  
in 2010 with funding from  
University of Toronto

79  
ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA

---

D. PEDRO

---

POEMA DRAMATICO

EM

CINCO JORNADAS

POR

JOSÉ DE SOUSA MONTEIRO

---

INTRODUCCÃO

DO

DR. ANTONIO CANDIDO



IMPRESA NACIONAL DE LISBOA

---

1913

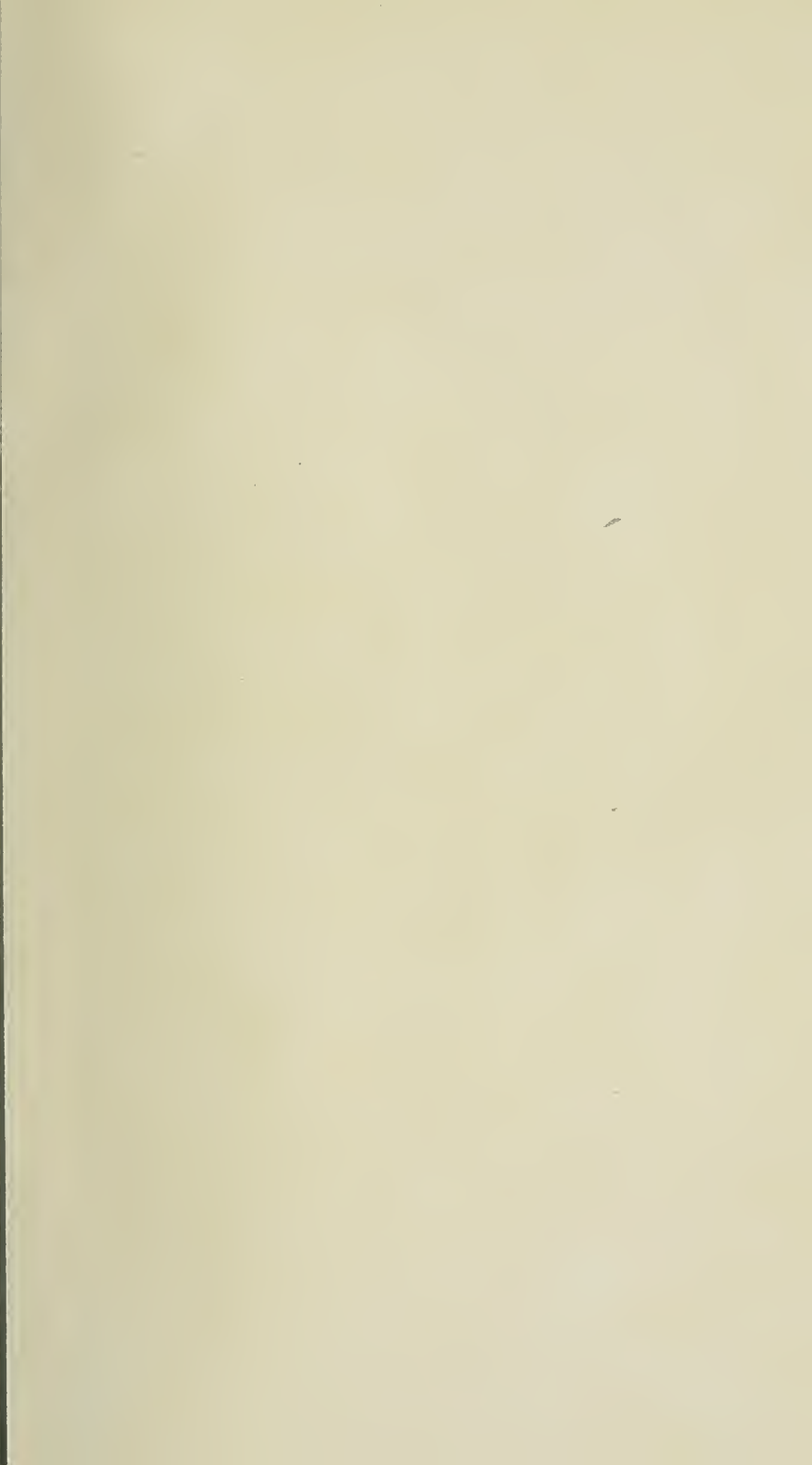


PQ

9261

S1D3

1913





*José de Sousa Martins*



A H. E.

---

Foste-me guia e luz ao pensamento.  
Sagro-te, humilde, o livro que o traduz,  
Alma gentil, minha alma e vida e alento,  
Lyrio nascido aos pés da minha cruz.

J. DE SOUSA MONTEIRO.

23 de Junho.



## INTRODUCCÃO

---

Foi na noite memorável de 22 de Abril do anno de 1890. Os senhores marqueses de Gouvêa abriram os seus opulentos salões da Rua do Ferregial para um sarau de homenagem a José de Sousa Monteiro, convidado a ler o seu drama *D. Pedro*, que sabiam concluído havia pouco. Eram do sarau quasi todas as culminantes summidades da côrte, da academia e da politica. Assistiam as mais nobres senhoras da nossa sociedade, illustres pelo nascimento, pelo talento ou pela gerarquia mundana. Nada faltava para que a reunião fosse luzidíssima, e a mais competente para premiar, com o seu applauso, o fino labor litterario do festejado e insigne escriptor.

Sousa Monteiro havia attingido o apogeu da sua merecida gloria. Era justamente reputado como uma das grandes illustrações do paiz: erudito de genuinas fontes, poeta lapidar e perfeito, prosador vernáculo e impecavel. *Os Amores de Júlia*, em que revelara tanta sciência e tam lúcida penetração da vida romana, e mostrara tam inteiro conhecimento da nossa língua, tersa, flexível, harmoniosa e terníssima segundo a necessidade ou a conjunctura, firmaram-lhe solidamente os creditos, que d'ahi em diante cresceram e refulgiram dia a dia. Já no precioso escriptorio dos seus *Sonetos*, nos seus poemas

mysticos, em algumas monografias de raro valor historico, em esmeradas traducções, e num sem número de estudos e artigos, liberalmente esparços por jornaes e revistas, elle attraíra a consideração geral e rápidamente se lhe impozera; e ainda as letras pátrias lhe haviam de dever o *Auto dos esquecidos*, a melhor obra de arte, de profunda inspiração nacional, que ficou do centenário da Índia, e a bella, engenhosa, difficillima adaptação do Falstaff de Shakespeare.

Tudo o que se produzia no seu espirito, mais reflexivo do que improvisador, e depois tracejava a sua penna, aparada sempre com summo e deleitoso cuidado, tinha a marca da perfeição. Quando ella não estava no pensamento, que nem sempre havia de ser original, lá aparecia na forma: na linguagem ou no metro. Licção copiosa, e alta, e pura, havia sempre no que escrevia: nem o seu asseiado nome firmaria nunca uma destas banalidades sonoras e ocas, votadas, apenas nascidas, a menosprêso certo e a perpetuo esquecimento: e que, accrescendo ao vozear livre e desafinado do seu tempo, nada depositavam na alma que a edificasse, ou deixavam no coração que o levantasse ou volvesse melhor. E talvez no rebuscar incessante da perfeição como a entendia, no alçar da linguagem às suas fontes originaes, na preferencia que dava muitas vezes aos adereços e donaires antigos sôbre as larguesas e facilidades da locução corrente, houvesse da sua parte algum excesso. . . Tal excesso, se o houve, era de amor à sua língua e à sua terra; e, se a critica o censurasse pela paciente e preciosissima joalharia da sua prosa, ao reparo poderia responder-se que elle era com effeito exímio nessa arte, mas que, se os engastes tinham a marca da antiga, authentica fabricação portugueza, os brilhantes e as pérolas embutidas eram de primeira água e do mais lúcido oriente.

Não se julgue que o seu estylo cinzelado a primor lhe enleivava a envergadura para vôos do pensamento ou para fugas aladas da phantasia. Se os mestres do pensamento moderno não eram os seus mestres, os grandes artistas de todas as épocas eram seus modelos: pelo menos sua constante lição e o seu gosto mais saboreado. O seu classicismo, provindo da Grécia e de Roma, imitado e composto depois na Renascença, não o absorveu, não o escravizou. Nas litteraturas modernas, e principalmente na allemã e na inglêsa, que conhecia a fundo dos idiomas originaes, é que o seu espirito substancialmente se nutria, e se ampliava e enchia a sua imaginação. Goethe, Schiller, Klopstock, Heine, entre os alemães: e, dos ingleses, Shakespeare, Schelley, Carlyle, Dickens, Ruskin, eram os seus autores predilectíssimos; e não havia nas suas obras criações, modos de ser profundos, luminosas perspectivas da alma, da história ou do mundo, lances supremos de verdade ou de belleza, que não percebesse e notasse com assisado critério, perfeita penetração e apurado bom gosto. Das litteraturas latinas em flor e voga nos seus dias, mostrava-se menos parcial: era nos mananciaes da alma saxónia, e na dualidade das suas correntes, que a sua sêde de arte se satisfazia plenamente. Detestava a adaptação pela França do romantismo inicialmente gerado na Alemanha sob a égide de Goethe, o soberaníssimo génio de Weimar, e nunca lhe relevou os desvios, que elle acoimava de traições à idea-mãe da escola; e, exceptuando da sua reprovação um ou outro poeta, como Leconte de Lisle, Heredia, Banville, que também por sua vez se haviam afastado do movimento geral, dirigido e commandado pelo grande Hugo, a attitude de Sousa Monteiro era para os outros systematicamente hostile e combativa. Mas ainda aos que desadorava, se tinham talento ou génio, reconhecia-lh'o, e rendia-lhes

voluntariamente a justiça que mereciam. Ao último e maximo poeta, ao maravilhoso poeta nominalista, que enlevou e educou com a sua voz de ouro o espirito de duas gerações, e que seria um épico de primeira grandeza se a epopeia fôsse hoje possível, mas era, em prosa e verso, um lyrico de tamanho incommensuravel, não perdoava Sousa Monteiro o ter servido ao mundo, na omnipotente fôrça verbal de que dispunha, um theatro, que elle tinha como phantastico e desconforme, uma philosophia, que considerava erronea e banal, e uma sociologia vaga, indeterminada, injustificavel e perigosa; mas sabia de cór, e reproduzia deliciosamente trechos e trechos da *Légende des Siècles*, e muitos dos pequenos poemas em que Vitor Hugo crystalisou e fixou para sempre o subtil e remontado lyrismo da sua alma, e da alma humana em todos os tempos e logares.

Com tam altos e luzentes predicados, e prodigando o seu talento e erudição em cousas de pura arte e de sabor nacional, Sousa Monteiro era admirado, acatado como autoridade competentissima e segura — mas não era, nunca foi popular. Não o podia ser; não o queria ser. A popularidade não o embaía. Teve-a sempre na conta em que a devia ter. Demanda e exige, aos que a cortejam, sacrificio maior ou menor do que se pensa ou sente; e ao seu bellissimo carácter, de ouro pela tempera e pela luz, repugnava invencivelmente transigir com o que se lhe affigurasse falso em pontos de philosophia, ou de qualquer modo contrário ao seu ideal esthético, feito e refeito na larga e meditada cultura do seu grande engenho. E do que professava e cria ninguem pretendesse dissuadí-lo: defendia-se com imperterrita valentia; e, no denodo com que aparava e rebatia os golpes do adversario, subentendia-se bem o ardor da propria fé e a rizeza das convicções formadas. E para

que havia elle de ser popular? A popularidade é um meio, não um fim. Por ella se alcança fortuna às vezes, e uma glória instável nos seus fundamentos, ephémera e fugaz: e o nosso poeta nunca sonhou successos de livraria, nem se inebriou com o entusiasmo febril, não consciente, das multidões, nem com os invejados gabos da imprensa, quanta vez amplificados fora de medida e termo!

Assim veio Sousa Monteiro pelo tempo adiante (que nem sempre lhe foi plano e de rosas), de espirito tranquillo e fronte erguida, dando à nossa sociedade, batida pelos ventos da descrença ou da dúvida, até no que interessa estreitamente à essência da própria vida, o exemplo raro, raro e preexcellente, do homem forte de si mesmo, illuminado interiormente pela verdade ou illusão fundamental da sua alma, sereno, não indifferente, ante o vão tumulto das cousas e a contradicção e injustiça dos que o seguem e aplaudem, adstricto a normas que não preteria fosse pelo que fosse, mas sympáthicamente aberto a todas as innovações saudaveis que não encontrassem o que havia de sancto, inviolado, intangivel no sacrário íntimo da sua consciência!

Um homem assim é raro: e as sociedades que o possuem não sabem o que teem n'elle; e, se o perdem, perdem alguma cõsa indispensável à nobre perspectiva e à ideal paisagem dos agrupamentos humanos. Fulge na sua vida uma unidade moral cada vez mais difficil de encontrar nos individuos, solicitados por correntes várias, dispartidos por mil interesses oppostos. Representa augustamente a tradição de que vimos, a tradição que nos fez: e quando, como neste caso, a quem a representa sobredouram talentos e virtudes apreciaveis, teem de respeitá-la aqueles mesmos que a repul-



sam, confessando que poderá não ser verdadeira na amplitude e influencia que se lhe attribue, mas é indiscutivelmente legitima no lugar que occupa ainda na ordem do pensamento e na consideração do mundo.

Vindo dum berço arripiado de interrogações, por mais ridente e auspicioso que elle hoje pareça, e caminhando entre golfãos de dúvidas, atraído por uma fé de que refoge a sciência e convidado por uma sciência moral, sempre mudável, e cujas certezas pouco mais do que a luz do relâmpago duram, — apegar-se a uma crença religiosa, ou a uma philosophia que resolva a seu modo os momentosos e inquietantes problemas da origem e finalidade humana, e permanecer nella, é bom, e é bello também. Com a cabeça reclinada nesta almofada esperaram tranqüillamente a morte alguns dos maiores génios do pensamento e da arte; e a posteridade, envolvendo-lhes a memoria entre louros e púrpuras, não faz caso do estreito desdem sectário, ululante, irreverente, que a alguns os apupou em vida!

A noite de 22 de Abril foi, para Sousa Monteiro, de festa: de festa para o seu espirito, de jubiloso regalo para o seu coração. Não seria artista de temperamento, de raça, se fôsse inacessível de todo o ponto à vaidade: à vaidade que é das mais naturaes e sympáthicas qualidades humanas, uma vez que se vele em recatos decentes e se mostre com um discreto véu de pudor. Mas, como aos deuses do Olympo a dulcissima ambrosia, o louvor que elle gostava havia de ser servido em burilados vasos de ouro, e ministrado por mãos delicadas e amigas.

A sociedade que o acolheu nessa noite, e com tanta avidez o escutou, e com tanto entusiasmo o applaudiu, era, já o disse, requintadamente elegante e culta. A minha memória, já diminuida pela idade, lembra-me



António de Serpa, tio dos donos da casa, espírito alto como os que mais o fôssem, grande jornalista e homem de letras, rico duma erudição assombrosa, com uma curiosidade intellectual nunca satisfeita, e a quem, pouco antes de morrer, ouvi que só o penalisava partir deste mundo, que tanto o interessara, sem saber como seriam resolvidos os problemas scientificos e sociaes do nosso tempo: e que eu comparava, quando praticava com elle, a esse venerável carácter de Jules Simon no optimismo resistente, no espiritualismo convicto, nas virtudes cívicas e nos talentos litterários que lhe exaltaram a vida, e lhe prolongam o nome. Ao seu lado, com a cabeça levemente descaída sôbre o hombro direito, e o seu habitual sorriso de fina, espiritual ironia e de melancólico desdem, via-se Oliveira Martins, um dos maiores homens do seu tempo: portentoso cabedal de ideas, theorias e factos; encyclopédia viva de conhecimentos antigos e modernos, e razão superior para os coordenar e reger soberanamente; capaz de discutir no mesmo dia ou em dias seguidos, e com insuperável competencia, um complicado assumpto de estadistica e uma thèse de philosophia transcendente; reconstructor da nossa historia, e seu poeta e seu moralista; litterato eminente, em cujos livros a prosa portuguesa assumiu, fora da tradição classica, a mais esplendente belleza de pensamento e de linguagem, e pela qual perpassa frequentemente, em imagens inéditas e em phrases imprevistas, o hálito quente da alucinação e da poesia num como desvairamento de febre... Tomaz Ribeiro, esbelta figura de homem e espírito gentil, grande poeta, o último que teve, por algum tempo, interessado nos seus carmes patrióticos o coração collectivo da sua raça, ia naquela mesma noite dizer com a sua inegalável voz, com a sua voz que era dum encanto irresistível, algumas soberbas estrophes da sua poesia *A Patricia*: querendo

o destino que à mesma suprema inspiração, o santo amor da sua terra, sagrasse a sua lyra de ouro os sons divinos, desde a fecunda e florente mocidade até pouco antes da vida se lhe fazer noite, e o coração gelado baixar à rasa sepultura que elegeu, não sei se, como Lamennais, por último, revoltado protesto contra este mundo de ingratições e injustiças, se por uma sugestão christã, simples, rendida e humilde... Pinheiro Chagas assistiu também, tendo podido subtrair ao seu trabalho quotidiano, hercúleo e extenuante, algumas horas de aprasível descanso: que bem as merecia o indefesso productor intellectual, imaginoso e abundante, espontâneo e facil nos livros que quasi improvisava, nas polémicas da imprensa em que triumphava pela lógica ou pelo riso, nos discursos da tribuna, em que foi notabilissimo: jorrando tudo do seu cerebro em caudaes vivas, em irisadas espadanas de eloquência, de espirito e de graça. As condições da sua vida, e talvez a índole própria, que menos se compadecia com a lentidão paciente e escrupulosíssima d'um G. Flaubert do que com a prodigalidade d'um A. Dumas, pai, não lhe permitiram a especialização perfeita num género e forma de arte: mas, à mingua de obras definitivas, ficou delle uma impressão de riqueza verbal e de fecundidade exuberante que tarde se desfará.

Estava na selectissima reunião, destacando em singular relevo, a Sr.<sup>a</sup> D. Maria Amalia Vaz de Carvalho, a grande amiga do poeta, dedicada em vida, fiel depois da morte, já então na plenitude gloriosa do seu brilhante renome, e em quem a assombrosa erudição e as finas graças da linguagem, suave, cadenciada, melodiosa como a musica de Bellini, só são egualaveis ao seu genio critico, de profundesa e penetração admiraveis.

E viam-se também Ramalho Ortigão, o sadio e poderoso escriptor, magistral critico de arte e dos costumes

nacionaes, que revolucionou e poliu: estylista incomparável, que sôbre a estrutura genuína da nossa língua assentou felicíssimamente a scintilação, a côr e a luz da expressão moderna; o Conde de Ficalho, talentoso e cultíssimo, sábio e homem de letras, o mais esplêndido lustre da côrte no seu tempo, que seria da Academia Francesa como era da nossa Academia das Sciências, gentil homem em tudo, tam direito de alma como aprumado de figura e porte; o Conde de Sabugosa, fino poeta em dias não distantes da sua fulgente mocidade, primoroso contista, erúdito investigador das bellezas históricas da nossa pátria, e mestre acclamado na arte de as compor e adereçar; Carlos Mayer, observador sagaz, cabeça provida de quasi toda a sciência do seu tempo, grande bôcca repleta de eloquência e de graça; Carlos Valbom, orador, jornalista, homem do mundo: sob este tríplice aspecto dum brilho extraordinário, e cujo futuro político era para quasi todos uma auspiciosíssima promessa, que a morte brutalmente cortou de improviso...

Sousa Monteiro leu. Quem nunca o ouvisse ler não faria idea do que era a sua prosa e como soavam os seus versos passando-lhe pela voz! Não que esta fôsse muito sonora, de rara melodia ou dum tom encantador: mas sabia emmiti-la e modulá-la por forma que cada palavra e cada phrase destacassem com relevo saliente, som próprio e côr distincta. E onde havia uma aspereza (que algumas tem a nossa língua, e, quanto mais próxima das suas fontes, com mais arestas se mostra) elle lograva illudi-la maravilhosamente; e gostando cada vocábulo, e deslizando com ternura sôbre cada período, conseguia muitas vezes communicar aos outros, aos que o escutavam enlevados, uma voluptuosa sensação igual à sua.

De todas as qualidades características, pessoas, inconfundíveis do individuo humano é a voz a mais característica, a mais pessoal, a mais inconfundível.

Extincta pela ausencia ou pela morte, não se reproduz mais. A Physica inventou instrumentos que a prolongam: prolongam uma cousa que se lhe assemelha, que a lembra; mas a *alma da voz*, êsse eflúvio subtilissimo, que é como o perfume dum ser, o toque diferencial de cada personalidade humana, esvái-se num segundo, consome-se toda na sua produção, não ha revivê-la. Edison logrou fixal-a por algum tempo; mas o travor metálico ficou substituindo, e que mal!, o que havia de quasi divino na voz que emmudeceu.

Para o violino de Paganini e para o piano de Liszt havia a transfusão da voz interior dum e outro incomparável virtuose: mortos estes grandes artistas, ninguem tira desses instrumentos musicos o mesmo sublime som... A mais ephémera forma da nossa actividade mortal é a voz. Como tudo o que somos, devêmo-la à morte; e a morte toma-a a cada momento. De quantos a saudade nos conserva a imagem perfeita, nenhum ressurge na nossa memória com o timbre da sua voz. São figuras mudas as que o nosso amor contempla. Eternamente mudas! A morte é verdadeiramente o silencio, o silencio perpétuo...

O drama *D. Pedro* versa sobre o sabido, famoso, lance da nossa historia antiga: *os amores e a morte de D. Ignez de Castro*. É o mais impressivo de quantos a fatalidade urdiu e complicou no transcurso da idade media portugueza. Na chronica e nas lendas o colheu e aproveitou, volvidos dois seculos, a dramaturgia nacional; e no entretanto a lyra divina de Camões, desferindo eternos sons, consagrou para sempre o lastimoso caso no oiro e na musica dos seus versos.

Antonio Ferreira, inspirado da litteratura hellenica, iniciou a serie das composições nacionaes. A sua tragedia tem de singular e notavel, diz o Sr. Dr. Theophilo Braga, ter sido o primeiro facto nacional tratado pela Renascença no theatro; o visconde de Almeida Garrett admitte como possivel ter visto Ferreira a Sophonisba de Trissino, pouco antes apparecida. Tivesse-a elle visto ou não (o assumpto da Sophonisba não era sobre um thema nacional, italiano), a tragedia Castro é, por unanime consenso, um verdadeiro monumento do genio portuguez; e posto não revele uma real grandeza de concepção e execução dramatica, a que aliás nunca logrou alçar-se o nosso espirito, em outros generos litterarios tão insigne, fica e vale esta obra, pelo tempo em que foi composta e pela adaptação felicissima do modelo que o poeta elegeu, n'um logar á parte: e o renome do seu autor n'uma justa e radiante aureola de gloria.

Numerosas imperfeições se lhe apontam; e algumas que nem o atrazo do tempo é razão bastante a releval-as e absolvel-as. Mas todos os juizos são concordes em que, a compensal-as de sobejo, estão aquelles coros que o poeta lhe introduziu, imitando-os da Grecia e Roma, da Grecia principalmente: e que o genial reformador do theatro portuguez considera *superiores a todos os exemplares da antiguidade, nada tendo que invejar aos tam gabados da Athalia*. . . Parece que ha excesso no louvor, e que a sobriedade critica de Garrett cedeu aqui da sua habitual moderação.

É certo que quando o coro na tragedia portugueza moralisa as duras experiencias da fortuna e do amor, ou geme e soluça dolorido sobre os trances do infeliz e miserando caso, eleva-se, como no theatro grego, aos páramos mais altos da poesia lyrica. É ver o coro do acto III:



Teme seus erros, mocidade cega.  
 Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,  
 Que assi te deixa correndo, e voando  
 Com suas asas.

.....  
 Cruel morte.....

Ha piedade e magoa  
 Dos seus fermosos olhos,  
 Do seu fermoso rosto.  
 Doam-te aquelles peitos  
 De marfim, ou de neve.  
 Doam-te aquellas faces  
 De lyrios, e de rosas,  
 Que já perdem sua cor  
 Pela falta do sangue,  
 Que no coração junto  
 Lhe tens frio, e coalhado  
 Com medo do teu nome.  
 Aquella alva garganta  
 De cristal, ou de prata,  
 Que sostem a cabeça  
 Tam alva, e tam dourada,  
 Porque cortar a queres  
 Com golpe tam cruel?

.....  
 Ha piedade e magoa  
 De tanta fermosura,  
 D'aquelle triste Infante,  
 E d'estes seus penhores.  
 Detem-te, em quanto chega,  
 Detem-te, em quanto tarda...

Revive nestes versos a celica harmonia dos coros de Sóphocles. Foi elle que elevou este personagem multiplo, que já avultava nos luminosos cimos da tragedia grega, a tam eminente dignidade e a tam luzida perfeição. *La poésie de Sophocle n'ouvre ses ailes que dans les Chœurs; mais le vol du cygne, dans cette sphère, peut défier l'envergure de l'aigle*: diz, no seu phrasear rutilante, Paul de Saint Victor.

E, na grandiosa imagem, a aguia é Eschylo!

Outros dois longos seculos hão de passar antes que na bibliographia patria se haja de inscrever uma nova peça referente a este assumpto. O poeta que a engenhou e compoz não era porém de força a arcar de plano com as ingentes difficuldades que se lhe deparavam. Capaz de sentir a infinita poesia, tragica e lyrica, do episodio que versou, sim; o seu coração brando, que tam profundamente se embebia da innocencia e belleza da vida pastoril, sentia, de certo, o que havia sublime e raro n'aquelle amor que incendiara de rubros clarões um momento da vida medieval portugueza; a sua alma, inclinada para o lado da existencia, em que as dores são mais agudas e os espinhos mais percucientes, tinha-lhe preparado, de longa data, a sensibilidade para resentir tudo que havia de negro e horrivel no espantoso desenlace. Mas isso não era bastante. Para que o genio do theatro esplenda e triumphe, outras condições se requerem, alem da imaginação poetica, da emoção facil, e da correcta e elegante expressão pela prosa ou pelo verso. E o malaventurado Alcino terá de contentar-se, á mingua d'outro titulo, que lhe não cabe, com o de primeiro bucolico portuguez que justamente a posteridade lhe confere. Foi o poeta de mais alto vôo dramatico que assim o julgou; e a auctoridade é de peso.

E consola ver o inditoso Arcade cingido, em coroação posthuma, da invejavel grinalda que lhe cingiu a mão patricia do mais glorioso homem que modernamente lustrou a carreira do theatro portuguez. Se os caminhos da vida lhe não foram planos, e a sociedade do seu tempo tam impiedosa foi, e tam injusta, no seu inintelligente egoismo, Domingos dos Reis Quita teve a sua grande e triumphal desforra. Veio tarde, é certo. Mas não é outra a regra geral; e o prolongado infortunio do que seria tido como rival de Gessner, a pobreza e a miseria, o humilimo officio que exerceu, tam

desproporcional aos seus talentos e letras, se deshonram o seu tempo, não singularisam muito o seu destino.

O Sr. Dr. Theophilo Braga dil-o plagiado pelo portuense João Baptista Gomes; e, antes do insigne historiador da litteratura portugueza, tinha já Innocencio mareado a reputação do autor da *Nova Castro* com a mesma acerba critica. Rendido o meu profundo respeito á ponderosa auctoridade d'estes escriptores, muito principalmente á do primeiro, direi que não sou do parecer expresso por ambos. A tragedia de Baptista Gomes, iniciando-se por uma scena bem lançada, relampagueada de presentimentos e sobresaltos, penetrada do que hoje diriamos espirito ibseniano, e era apenas imitação litteraria da velha fatalidade grega, tem incontestaveis merecimentos, vibrações de sensibilidade humana, entre versos imperfeitos muitos elegantes e tersos: e se não fôra a servil dedicação á escola de Bocage, do qual foi discipulo addictissimo, o autor da *Nova Castro* viria a ser o nosso primeiro tragico. Pensa-o e dil-o Garrett. Não foi muito illustre porque morreu moço. A morte antes de tempo não deixou que crescessem, na arvore da gloria, os louros que por direito colheria. E da tragedia de Reis Quita, tam froixa, tam carecida de vigor dramatico, tam languida em quasi todos os versos, descaida por vezes no estylo pastoril, improprio e descaído nos lances de força em que era empregado, se aproveitou a intervenção d'alguns personagens, e uma ou outra inspiração de segunda ordem, por ahi ficou o seu plagio: não podendo negar-se que em tudo mais Baptista Gomes manteve o character de originalidade que o deixa a coberto de tam deprimente apodo. Ambas as tragedias, de Baptista Gomes e de Quita, foram representadas no seu tempo e tiveram, na impressão produzida, a prova irrefragavel do seu merito muito desigual. Um documento importante de 1815 escripto por autor



anonymo, e exhumado do esquecimento em que jazia por Camillo Castello Branco, põe em grande altura a peça do primeiro; e Garrett nem sequer cita a do poeta Alcino, para quem aliás, e muito justamente, é abundante de elogios e louvores, sob differente aspecto considerado.

Outra gloria, e interessantissima, e que uma alma de poeta não poderia desdenhar se a previsse, estava destinada á tragedia de Baptista Gomes: ella é, de todas, incluindo as melhores, a mais popular, a que tem principalmente servido para commover a sensibilidade virginal do povo no mais tragico successo da nossa historia. Ingenuamente representada por esses casarões e eirados da provincia, com actores improvisados e bocas, no mais inverosimil *travesti* que possa imaginar-se, tem sido um como regalo d'alma, a ante-visão dos grandes fulgores dramaticos, dada ás almas simples em cuja natureza mal aberta germinam obscuramente os ideaes de toda a esthesia humana. Como n'outro tempo os mysterios, e depois as varias especies de representação popular, esta tragedia tem agitado, encrespado em ancias, revolto por momentos a superficie d'essas almas que assim vivem, em algumas horas, uma vida profundamente emotiva; e entre as lagrimas que a *morte escura* da linda Ignez fez derramar no correr de tantos seculos, as que o humilde povo das nossas aldeias chorou e chora memoram bem, como o poeta queria, o caso eternamente triste.

Nas longas noites de inverno lembram, recitam-se, repetem-se versos seguidos, tiradas completas d'essa tragedia. Á força de a ouvir, a gente do povo sabe-a de cor. E eu ouço-a sempre com interesse e ternura. Foi atravez da sua representação, com uma caracterização verdadeiramente primitiva, estropiados os versos pela selvatica rudesa dos actores, grotesca e clamorosa a dicção, confundidas as rubricas com a parte que in-

cumbia a cada personagem: foi assim que eu, creança ainda, assisti pela primeira vez a um espectáculo dramatico. E, como não ri então (provavelmente chorei), não rio agora. Tudo que tenda a transformar a multidão em povo, tudo o que por alguma forma contribua a polir e melhorar, pouco que seja, as almas que a ignorancia e a miseria trazem vinculadas á crassa animalidade—tenho-o por muito bemvindo, e saudo-o e applaudo-o sempre. Não vou ao extremo de querer, como Victor Hugo, um mestre em cada aldeia a explicar Homero aos homens do campo; mas bem estimaria que se multiplicassem as diversões d'arte, com intenção moral, em forma assimilavel, que despontassem pouco a pouco as arestas da maior rudeza popular, e suavemente erguessem de sobre a terra os que com ella tanto se confundem ainda, como no tempo de La Bruyère!

Os auctores citados, e mais ainda Manuel de Figueiredo (cujas *Ignez de Castro* não logrei haver ás mãos), foram os poetas classicos que trataram este assumpto no theatro. Em todo o tempo que levou a renovação litteraria de Portugal, não appareceu outro drama original que repetisse o mesmo assumpto historico; e já a escola romantica que succedeu ao classicismo declinava dos cimos luminosos, culminantes, que attingira, quando nova serie principia rememorando na scena ou no poema os amores e a morte da desditosa Ignez: como se cada escola e cada poeta tivessem de render-lhe seu preito de homenagem e de lagrimas, mantendo-lhe, ainda e sempre, depois de morta, a illusão de que fora rainha!

Foi no Brazil que em 1875 se imprimiu o drama com que o Sr. Julio de Castilho (2.º Visconde de Castilho) enriqueceu a bibliographia attinente á especie de que me occupo. No referido drama o interessantissimo thema

foi tratado com o esmero que os modernos processos da arte e da litteratura dramatica requeriam de tam reputado escriptor. Poeta de sangue e alma; tendo tido o berço embalado sob a famosa olaia, em que as cigarras de Anacreonte cantavam; apaixonado por egual da arte e da historia; indefesso e exactissimo perquiridor das antiguidades que interessam ao viver passado da nossa patria; conjunctando na sua alta individualidade litteraria attributos que andam quasi sempre dissociados, e muitas vezes malavindos: o Sr. Visconde de Castilho, se não alcançou a palma do triumpho no concurso aberto ha seculos, assignalou notavelmente a sua passagem por este caminho difficilmente praticavel aos mais poderosos artistas. Terá a sua peça todas as condições de viabilidade em scena? Talvez elle se não preoccupasse com isso. De pequenos nada depende o successo no proscenio; e quer-me parecer que a parte grandemente lyrica do drama, na feição sentimental caracteristica do illustre poeta, lhe poderia prejudicar d'alguma maneira o effeito e o interesse. Tambem, a meu pensar, não se contradiz indifferentemente a criação pela chronica e pela lenda d'uma figura historica como a de Diogo Pacheco; nem se antecipam, com tamanha extensão de tempo, no dialogo e dizeres dos personagens, as ideias correntes de tempos posteriormente longinquos.

Mas que belleza de versos! que de flores esparzidas a flux, a mãos cheias, por todos os actos e por todas as scenas! por vezes que notavel perfeição em alguns incidentes, como no reconto da scena III do acto I, e nas primeiras scenas do acto II, em que a apaixonada alma de D. Pedro e o bonissimo coração de sua Mãe se alternam no mais adoravel dialogo que se pode ouvir ou sonhar! que traço largo e firme no desenho e composição dos personagens que formam o conselho de Estado

do acto IV, e que, talhados na materia positiva da historia ou no bloco mais factivel da lenda, surgem, fallam, questionam com a paixão, o carácter, a physionomia moral que a tradição lhes attribue. . .

Como da serie antiga um drama mereceu e alcançou os applausos do publico, e este foi o de Baptista Gomes, outro ha na nova phase que os teve e terá, e com mais justo, alto e brilhante titulo. Escripto por um mestre consummado na arte de trasladar á scena, e mover ahi, as grandes figuras historicas e legendarias de Portugal, dotado do singular talento de influir vida e alma e caracter aos personagens que levanta e retoca, e sabendo habilissimamente dar a cor local e do tempo ao meio em que os revive: o Sr. Lopes de Mendonça mostrou mais uma vez, escrevendo a *Morta*, um raro engenho de dramaturgo; e, mais ainda e melhor, deixou perceber que as difficuldades da empresa as sentira bem, como talvez Garrett as viu e pesou. E querendo produzir uma obra representavel, uma verdadeira obra de theatro, e não escrever um poema (e para isto lhe sobravam os talentos proprios), tomou por uma senda diversa da trilhada até então, e logrou-se soberbamente do seu intento. Este drama é em verso sonoro, luzente, vibrante que, como todos os de Lopes de Mendonça, fazem pensar mais na tuba do que na lyra; e foi o primeiro que abandonando a metrificacão do verso solto se apartou assim da tradição classica. O personagem em volta do qual gira a intriga do drama, e essencialmente interessa ao seu desenlace, é com effeito Ignez *morta*, Ignez encerrada na crypta de S.<sup>ta</sup> Cruz, Ignez levada n'aquelle apparatuso prestito, como outro não houve nunca, desde Coimbra até Alcobaça: o qual é como um traço inapagavel que listra funebremente esse longinquo horisonte da nossa historia.

Do drama resai, formidavel e pittoresca, a chronica de D. Pedro. Ora folião e divertido como um monarcha biblico, ora despota, sanguinario como um principe barbaro do extremo Oriente; justo sempre á maneira de Salomão, mas executor, elle próprio, da sua cruel justiça em furiosos ataques de intermittente epilepsia; truculento e amavel; protector da plebe em odio ás outras classes; apertado até á avaresa na sua administração economica, e por vezes dadivoso e accessivel como um Cesar d'aquelles tempos obscuros; amado, muito amado, no fim de tudo, porque sempre esta raça portugueza amou os caracteres que lhe davam uma grande impressão de dominio e força: D. Pedro enche as scenas principaes, em que o poeta o levantou das paginas de Fernão Lopes, e lhe assoprou a vida natural e imprimiu o devido movimento. Perfeito como obra d'arte e como exacção historica! Desde Camões, que o definiu e explicou genialmente n'estes dois versos:

Fazer nos maus cruezas, fero e iroso,  
Eram os seus mais certos *refrigerios*...

até ao que a physiologia do cerebro, nas suas inducções scientificas, apura e liquida d'este extraordinario personagem, tudo ahí se vê, tudo ahí se comprehende.

O acto II é verdadeiramente admiravel. Tem movimento, vida, naturalidade e graça. As scenas ligam-se, relacionam-se. Succedem-se os quadros flagrantés da Lisboa mourisca, n'uma especie de polyptico enorme, em que apparecem, como realmente estavam, reunidas as mais *desvairadas* gentes, mescladas todas as raças e todas as classes, juntos todos os officios, travados todos os misteres. Esfuziam de quando em quando no dialogo phrases, palavras, que pintam ao vivo a inculta alma popular, a rude e simples moral d'aquelle tempo.



O rei é ahí retratado de tamanho natural, com as paixões que o avassalavam, com as taras adquiridas ou herdadas, á meia luz do sentimento da justiça que alvorecia, com a forma barbara de instincto sangrento, vindicativo, na sua alma allucinada. As scenas VII e VIII teem o pittoresco intenso e a ingenua frescura das chronicas, tudo exalçado e composto pela phantasia e pelo talento do poeta.

No acto IV, a maior agudesa do drama; a interessantissima parte d'elle decorrida na funebre crypta de S.<sup>ta</sup> Clara; as fallas exaltadas de D. Pedro em formosissimos versos, — e tam formosos que se esquece que o illustre academico sacrificou ao effeito immediato a precisa verosimilhança, pondo na bocca d'um principe ignaro do seculo XIV aquelles impios desafios a Deus em revoltadas apostrophes; o fecho d'esse acto, tam habilmente theatral, como é lindo, melancolicamente desfallecido o remate do V, qual o frio acordar d'um sonho que foi delicioso:

Pela segunda vez  
Me fugiste da terra, idolatrada Ignez!

tudo isto se lê e ouve n'um fino regalo d'arte!

Mas o meu acto preferido é o II.

Remata e coroa este brevissimo capitulo da nossa litteratura dramatica o *D. Pedro*, de Sousa Monteiro. Vem a lume dos prelos da Academia de Sciencias de Lisboa que quiz, publicando-o em edição posthuma, render esta distinctissima homenagem ao que foi seu socio effectivo, e benemerito secretario da sua segunda classe. O marmore ou o bronze, fixando-lhe para a posteridade a physionomia intelligente, não teria pres-timo equal ao d'este precioso livro, que nitidamente retrata da sua fina alma as feições principaes, resume

e condensa a eminente cultura e a dilatada capacidade do seu talento poetico: bello, regrado, perfeito.

É mais um poema em forma dramatica do que uma peça escripta de proposito para o theatro: posto que ahi podesse ser levada e representada com successo. O theatro... amava-o decerto Sousa Monteiro; mas creio que o temia, que se arreceava d'elle. O pudor natural e o natural orgulho d'alguns espiritos mais susceptiveis, postos em contacto com a multidão, faz que se retraiam como melindrosissimas sensitivas, e que avulte para elles, como se fôra desgosto grande, a mais leve contrariedade percebida ou supposta: e são faceis de produzir no meio theatral.

É preciso que a alma collectiva e anonyma, e tantas vezes sympathica, irrompa da physionomia de enigma com que o publico se figura sempre aos olhos d'esses taes para que o equivoco se desfça, a sympathia se estabeleça e a confiança se fortifique. Byron sentia a mais invencivel repugnancia pela exhibição ao publico dos seus dramas, por mais excellentes que lhe parecessem a elle: dil-o no prefacio do *Marino Faliero*. E quantos, aliás homens de genio, deixam de tentar essa gloria, summamente capitosa e deslumbradora, para se não exporem a ser julgados por esse juiz temivel, caprichoso, apaixonado, fallivel tantas vezes, e que só n'um largo decurso de tempo assume a alta dignidade que dá ás suas sentenças um character augusto e definitivo? O grande tragico inglez, Shakespeare, jazeu longos annos esquecido, antepondo-lhe o mau gosto britanico umas composições theatraes, que hoje se desfazem, pelos archivos eruditos e curiosos, no pó do esquecimento que mereceram, a que foram justamente votadas.

Apropriando, d'uma rica variedade de metros, o que sempre convinha mais a cada ideia, sentimento ou lance — ora cheio e solemne, ora partido, convulso e rapido;

imprimindo em todo o drama uma sobriedade que lembra, a relanços, a tragedia grega; tendo em cada verso a tempera e a luz do aço fino; individualisando, caracterisando bem os personagens, poucos, que intervêm na acção, os quaes dizem e fazem o que era natural e logico que fizessem e dissessem; na parte puramente dramatica, simples, sem diluir em escusados incidentes o interesse principal, e, quando a poesia lyrica abria as suas azas, attingindo as culminações maximas da belleza sem comtudo desregrar a inspiração, presa a fios d'oiro e seda, sentindo-se que na alma do poeta se equilibrava sempre o engenho com a arte: Sousa Monteiro legounos, no seu *D. Pedro*, um livro formosissimo. Se lhe derem a preferencia a todos que a sua preclara mente ideou e a sua penna aparadissima escreveu, concordarei. Em nenhum foi mais o correctissimo poeta, o versejador impeccavel, o amovavel exemplificador de quanto pode, e para quanto é esta opulenta e inexaurivel lingua de Portugal que foi dos mais intensos amores da sua vida: e, descontado um ou outro excesso (que o foi só de meticulosa pureza e d'ancianidade no dizer), o ha-de contar como um dos seus modelares escriptores em prosa e verso.

A figura principal é tratada primorosamente. Da tradição que se lhe antolhava mais certa colheu dados provaveis, feições parecidas, e nada desaproveitou; nos espaços vasis, ou que a vegetação das lendas tinha emmaranhado e obscurecido, a sua phantasia suppriu, criou, attribuindo-lhe em todo o caso qualidades, sentimentos e actos que a boa razão podia presumir e a verdade sabida não encontrava de frente. Muito avisadamente procedeu. A imaginação creadora é um talento sublime: faculdade soberana, preciosissima delegação de Deus ao homem, e sem a qual a vida espiritual, por mais que a sciencia a illuminasse com os seus rutilos



clarões, volver-se-ia, e a breve praso, inerte, pallida, dissaborida. Não é portanto de boa lei que o escriptor se compraza em amontoar negrumes onde alguma nesga de ceo é visivel, e assombrar de escurissimos horrores os quadros do presente e do passado, que d'outra forma poderiam ser debuxados.

Que insinuante, veneravel, ideal mulher se nos mostra a rainha D. Brites! Já o talento sensivel, a alma elevada e tam poetica do Sr. Visconde de Castilho, se havia enamorado d'esta angelica figura, e a havia posto em acção no seu drama, com toques de singularissimo encanto, n'uma luz tenue e doce, n'um redolente perfume de santidade continua: Sousa Monteiro deu-lhe no seu livro maior importancia, intensificou mais o seu character beneficente, e desde o primeiro acto, acto admiravel, que merecia illustrado com gravuras a agua forte, ella não deixa de ser nunca um como arco-iris, ora claramente desenhado, ora sumido, quasi desfeito, n'aquelle ceo de nuvens acapelladas, n'aquelle espaço em que tam sinistros signaes se succedem, presagos e ameaçadores, até á final catastrophe.

Conta Paul de Saint Victor que a Athalia de Racine, *la reine des tragédies*, só se lhe revelara em toda a sua sublimidade na basilica de S. Pedro, em Roma, lendo-a encostado a uma balaustrada, *á luz mystica das cem lampadas eternas que ardem sobre o tumulo dos Apostolos*, no esplendor e mysterio restantes d'uma d'essas augustas ceremonias que abrem, em quem as presenceia, marca profunda, vinco largo e perpetuo que não mais se desfaz... Não se pode resentir todo o encanto de verdade e poesia que ha n'esta figura da santa Rainha, que Sousa Monteiro collocou ao lado de D. Pedro e D. Afonso, se não evocando-a no tempo proprio d'ella, e repondo-a no seu *meio*, com o scenario simples que as rubricas indicam, dominada pela forte,

elementar psychologia da sua raça e da sua idade historica: mas, evocada assim, as preces fervorosas e humillimas que lhe saem dos seios d'alma, o amor ao filho que é o doce sorriso constante da sua physionomia suave, a rendida sujeição ao marido, que não excluia o seu direito de mãe e a sua dignidade de princeza, percebem-se, comprehendem-se á maravilha! E a figura de D. Gonçalo? De fibra heroica, como era natural no que havia de ser tronco d'uma familia destinada á gloria e ao mando; grande guerreiro e grande prelado, como só na idade media foi possivel tam estranha conjuncção; verdadeiramente homem, mais homem do que padre; typo acabado de lealdade cavalheiresca, que, no momento supremo, perguntado por Affonso IV se seria por elle ou pelo infante (pelo infante a quem devéras queria), responde apenas

Minha alma a Pedro;  
a minha espada a vós...

porque ao seu rei tinha prestado menagem, e lhe tinha jurado a sua fé!

E a que rei! Pessimo homem, sem duvida. Violento e desleal. Reservado e vingativo. Rebelde como infante e como filho; e, como rei e como pai, despota sem piedade e sem entranhas. Porque promulgou leis sabias e uteis, mereceu a Herculano que o considerasse uma pessoa de juizo: mas Herculano era a historia, e a historia importa-se pouco da bondade ou malvadez dos que regem ou representam povos; valente até á mais louca temeridade, as margens do Salado restrugiram com o tropel dos seus cavallos, e viram-no batalhar como a furia d'um leão: e a posteridade cognominou-o *bravo*, o bravo por excellencia. Mas sobre a sua memoria, como na mão de Macbeth, alastra uma nodoa eterna; e esta mancha que o tempo não dilue, como a

de Macbeth a não lava *todo o oceano do grande Neptuno* na phrase de Shakspeare, é a morte, a execução de Ignez de Castro.

Sousa Monteiro esculpiu-o no drama com verdade e com amor d'artista. Fugiu a attribuir-lhe uma branda, quasi desfallecida sentimentalidade que a chronica, a lenda, a propria realidade das coisas repellem por increditavel; e apenas lhe concede alguns momentos de hesitação, que o ciume do poder real, mais que a razão de estado, logo susta e faz cessar.

No acto II o encontro do rei e do infante é soberbo de força, brilhante como o faíscar de duas lanças ao sol e em riste: e no V, no ultimo, o temeroso, formidavel duello ergue-se ao tom mais rubro da epopea. Defrontam-se, arremettem um para o outro, o desgraçado infante, talvez no primeiro accesso da sua demencia, e o velho do Salado, velho e não invalido, pedindo a altos brados a lança que ainda pode sopesar e o arnez que o seu herculeo peito ainda soffre. O leão vencerá d'esta vez; mas o pulo do tigre, tigre que a loucura fez n'um momento de desespero, vai ser temivel.

A gloriosa espada do Salado  
quebrada, convertida em vil cutello  
em portuguezas mãos... Ora o soberbo,  
o triumphante heroe só pelas costas  
sabe ferir, e fere cauteloso,  
mulheres desarmadas.

E depois da ameaça de o mandar açoutar pelas costas, ameaça trovejada pela colera do pai, estas palavras do infante:

As sanguesugas  
geradas nos passes que brotam varas  
para açoutar infantes, sugam sangue  
de reis sem grande custo. Os d'esse talhe,  
e estatura meã, cabem á larga  
no mais curto marnel d'estas defezas.

No *Romancero*, a resposta do Cid a D. Diego na prova singular em que este o aperta e tortura, não é tam terrivel, não é tam feroz e sangrenta. O Cid arrancar-lhe-ia as entranhas, revolver-lh'as-ia com as suas mãos, como se as suas mãos fossem uma espada ou uma adaga; mas, acrescenta, *se elle não fosse seu pai*.

Para o acto III reservou o poeta os sons mais doces, mais froixos, mais ternos da sua lyra. Todo elle é repassado d'uma penetrante, infinita melancholia. A scena v é deliciosa mais que todas, quando na saudosa despedida, em versos cantantes d'amor e de entranhavel tristeza, de mutuo abandono — tudo rapidamente golpeado pelo fremito sinistro de presentimentos que passam — o admiravel quadro é interrompido pelos arpejos da guitarra distante, a que um pescador se acompanha modulando esta tonadilha dolente e inesperada:

Ao som das quietas aguas  
me vou deslizando ao mar  
co'um mar de sentidas maguas  
no meu peito a marulhar.  
Não tens, mar das tristes aguas,  
mais sentido soluçar.

.....

Sei que hei-de morrer asinha  
no meu lidado lidar;  
mas em tua alma, era minha,  
não me deixes acabar...  
Viva em ti eu, alma minha,  
bem basta morrer no mar.

Lembra o Othello na partitura de Rossini. Quando Desdemona vai para cantar a canção do salgueiro é de repente surpreendida pela voz d'um gondoleiro que passa perto, lançando aos ventos e sombras mysteriosas da noite o immortal lamento do Dante: *Nessum maggior dolore...* E Desdemona preludia a canção com a

mesma phrase musical, que se evolara da gondola fatidica...

São sem conta as bellezas lyricas e dramaticas d'este livro. Seguramente tenho razão para o antepor aos outros trabalhados pela mão de mestre de Sousa Monteiro. E não posso commigo que não reproduza aqui ainda o relato que o infante faz a sua mãe, suffocada de dor, da visão presaga que teve, e era o annuncio certo da ingente desgraça que lhe ia despedaçar o coração e despenhar o cerebro n'um revôlto abysmo de loucuras.

De subito a meus pés cae fulminada  
 uma garça real: toda a plumagem  
 crespa e sangrenta, o olhar humido e triste,  
 cor do ceu portuguez se expira o dia,  
 feito de sombra e dor, e em mim pousado...  
 Pungia aquelle olhar... Desmonto e observo-o.  
 E n'elle eu proprio vi — tal relembração  
 me turva ainda — o olhar cheio de pranto,  
 de saudade, de luto, d'agonia  
 do meu *collo de garça!* A vossa filha  
 n'aquelle olhar seu doce olhar puzera  
 de eterno adeus, tam triste quanto a morte...  
 juro-vos que chorei...

Na nota final, bibliographica, que fecha o excellente drama do Sr. Visconde de Castilho, menciona-se uma tragedia em verso d'Almeida Garrett, e explica-se que o auctor só concluire o acto I. Foi novidade para mim. Nada mais sei; mas esta informação dá-me que pensar... Porque não comporia mais do que o acto I? Por que seria que o gigante do theatro, auctor acclamado e triumphante de tantas obras primas, apenas tentou, e não logrou ultimar, obra que a todos pareceria tanto do seu genio e do seu gosto?

Na erma serra em que vivo e escrevo; sem possível trato com pessoas doutas que possam instruir-me;



não estando ao alcance de archivos e bibliotecas, em que alguns documentos talvez me fallassem alto e claro, não sei deslindar este mysterio, que não é de somenos importancia.

Ao tempo em que Almeida Garrett lançava ao papel as scenas iniciaes da sua tragedia, ainda a litteratura patria não contava, alem da *Castro* de Antonio Ferreira, obra bem digna do genio portuguez em assumpto tam portuguez, tam attractivo e interessante.

Seria que Almeida Garrett acabasse por se convencer que a tragedia, como especie theatral, tinha feito o seu tempo, não valendo a pena galvanisal-a se não em dias revolucionarios, armando o proscenio em tribuna politica e fazendo do actor porta-voz das reivindicações populares, como nos dias já remotos do seu *Catão*? Mas, se assim foi, porque tentou a empresa e lhe deu começo de execução? Poderia ser que a relativa proximidade do drama real, a luz que revestia os factos componentes da tragedia, muito pouca para a historiação exacta do acontecimento e demasiada para a sua figuração dramatica, — na qual a dose de ficção e phantasia não devia exceder muito o quadro da tradição sabida — lhe parecesse insuperavel difficuldade de technica; e é plausivel esta razão, porque elle era essencialmente homem de theatro e para o theatro escrevia: e como poeta, e dos maiores que gerou a nossa terra, aliás feracissima n'esta esplendida producção, já o seu estro tinha sagrado á linda e desventurada Ignez o pretoito mais rendido da sua alta inspiração e da sua profunda piedade. (Por signal que o episodio dos *Lusiadas* fica muito acima, a perder de vista, no confronto com o canto VII do *Camões*).

Talvez que a formidavel intriga, a morte d'uma linda e amada mulher, em holocausto á dura, trivial, fria razão de estado, dando para um capitulo d' historia, ou

para episodio d'um poema, quando não para um poema inteiro, não tivesse as condições requeridas na sua dramaturgia exigente. E esta hypothese acode-me por ter lido ha pouco n'um bello e luzido artigo critico, fortemente pensado, a proposito do notavel livro do Sr. Anthero de Figueiredo, que Theophilo Gautier a aventara para explicar a pobreza da nossa litteratura (poderia dizer da litteratura universal) nas obras sobre tam impressionante thema. E direi, porque muito a proposito vem, que o livro do Sr. Anthero de Figueiredo, *D. Pedro e D. Inês*, foi um grande acontecimento litterario na nossa terra. Esplende e scintilla cada pagina com as finas joias d'uma linguagem purissima: e sendo a narração de successos lamentosos, tam rigorosamente verificada quanto o podia ser, e uma soberba evocação historica, que faria honra a Michelet, dá a impressão rica e nitente d'um vasto estendal de perolas sem jaça n'um fundo escuro, artisticamentè proprio a fazel-as realçar.

A razão de Th. Gautier procede, satisfaz-me, acrescentando-lhe que o genio portuguez só a raros espaços se illumina d'alguma gloria em coisas de theatro: e que como a Inglaterra, apesar de Shakspeare, a Alemanha, que teve o refulgentissimo talento de Schiller, e a Italia, não obstante o desenvolvimento da sua arte dramatica na Renascença, não pode dizer-se muito bem fadado para este genero em que a França exerce ha muito, e notavelmente, o invejavel primado da fecunda producção e da contagiosa influencia.

E a observação do brilhante escriptor francez, bom critico n'este caso, pode ainda ampliar-se. É certo que a tragedia, como especie litteraria, perfeita e caracteristica, acabou desde que desceu dos cimos puros da

Hellade, onde culminara a uma luz esplendida, unica — e que, rediviva, estudada, imitada depois da Renascença, ainda serviu para despertar e fecundar o espirito europeu, que em grande parte educou: e não o é menos que o drama historico, como flor desabrochada do romantismo, cedeu já a sua privilegiada importancia á comedia social em que melhor se espelham os costumes geraes e as ideias dominantes.

Não obsta o exemplo de Shakspeare. As suas tragedias vivem, representam-se, repetem-se. Mas o colossal semi-deus foi uma *voz da natureza*, que só uma vez se ouviu no mundo; e a historia, nebulosa e sangrenta, em que elle aprendeu, cerrou-se e ninguem mais a verá. Na escuridão d'aquelles seculos medievaes (e que seculos! e que horriveis chronicas ou lendas em que elles ficaram! e que monstros do mal rompentes das suas paginas!) podia o mais authentico genio que ainda houve livremente crear, phantasiar á sua vontade os personagens: ou não eram da historia, ou viam-se em tam longinqua perspectiva que as alterações que lhes fizesse comprehendiam-se como realidade possivel; e o assombroso creador d'almas sabia tornar as ficções flagrantes como a propria vida.

Concorda porem a hodierna critica em que aquelles dramas são inferiores aos que a sua só imaginativa ideou.

Ricardo III e Macbeth que o artista surpreendeu na lenda e ergueu do *bas-fond* da raça anglo-saxonia, ainda no seu estado barbaro, são inferiores ao Rei Lear, ao Hamlet, ao Othello, as tres creações maravilhosas d'esse homem quasi divino de quem, na sua linguagem olympica, Victor Hugo pôde escrever: *L'œuvre de Shakspeare est absolue, souveraine, impérieuse, éminemment solitaire, mauvaise voisine, sublime en rayonnement, absurde en reflet, et veut rester sans copie.*



A verdade do que ahí fica, se o é, não pode ser impedimento a que o formoso livro de Sousa Monteiro se inclua entre as obras primas, selectas, da litteratura nacional. Dão-lhe direito a essa invejavel consagração a linguagem modelar, a metrificacção variada e certissima, a nobre contextura e a alma rasoavel de todo o drama. Nos livros d'arte a perfeição da forma é como aquelle preparado que se conhecia em algumas antigas civilizações, e que preservava da corrupçãõ os objectos em longos seculos por vir: e esta perfeição, no verso e na prosa do eminente academico, ninguem a contesta.

Por que não seria publicado o *D. Pedro* ainda em vida do seu auctor? Não sei. Alguma razão houve, porque todos os seus actos obedeciam a principios e leis da sua consciencia moral ou artistica. Bom foi que nol-o legasse inedito. Pôde assim a mais alta corporação scientifica do paiz, publicando-o agora, premiar dignamente os talentos e os serviços d'este illustre homem de lettras, que o foi no mais comprehensivo sentido d'estas palavras; e eu pude, substituindo um grande e brilhante escriptor, seu par e seu amigo, que a doença impossibilitava então de escrever, distrahir a minha attenção de mil coisas impertinentes, e algumas tão amargosas! que m'a solicitam sem eu querer, para o espirito e para a obra de Sousa Monteiro, em que mais uma vez colhi exemplo, licção e consolação pura. Dos dias em que de novo convivemos agora, e tam estreitamente que chegou a parecer-me que o tinha despertado do seu somno de morte (foi illusão da minha saudade; nem elle me perdoaria que o revocasse á vida. . .) ficou-me mais alta e amavel a sua imagem, e mais dentro do coração a pena de o ter perdido.

Sousa Monteiro era profundamente religioso. Convicto e praticante. Aceitava submissamente os ensinamentos da Igreja, que tinha como indefectíveis. Nunca tomou

partido por nenhuma das *nuances* ou escolas que se disputavam a conveniencia do melhor processo sobre as relações de Roma com o seculo. Tinha a religião das almas simples: elle que não era simples na sua estructura mental! Não o fascinava o christianismo romantico e poetico de Chateaubriand; ao invéz de Lacordaire e Montalambert, não sonhava um catholicismo liberal em que, até certo ponto, a Igreja e a Revolução se concilhassem; e tambem não era cegamente parcial das doutrinas extremas, e da forma rudemente batalhadora de Luis Veuillot, por quem aliás tinha a maior admiração e a mais fervente sympathia. Quantas vezes repetiu diante de mim aquelle sublime epitaphio, que L. Veuillot compoz para ser gravado na sua pedra tumular!

Não era um mystico; e, menos ainda, um asceta. O mysticismo, que é tanta vez a degeneração moral, progressiva, em almas sem resistencia, de pouco solido equilibrio, nunca se apossou da sua organização activa, nunca invadiu e atacou a sua sanidade mental. Não era a *fé* em Sousa Monteiro como um fogo ardente que o abrazasse e consumisse todo: melhor pode comparar-se a uma labareda distante que nunca deixasse de o illuminar com o seu clarão continuo, e de o aquecer com um calor moderado e perenne. E, sendo assim, era como devia ser.

Pouco facil de conhecer este homem superior e bom. Uma tal qual rispidez que lhe erriçava a apparencia muitas vezes, e era apenas a defeza de que a educação o armara contra as familiaridades excessivas, que facilmente compromettem o decoro nas relações entre os homens; e uma certa desconfiança, injusta, de si e dos outros, que successos brilhantes e as mais altas distincções não conseguiram debellar ou reduzir: embaraçavam o ingresso ao seu coração sensível, leal, piedoso e

affavel até á ternura. Mas despontados os espinhos, que só abrolhavam á superficie; distendido e desfeito o retrahimento do seu humor habitual; desenrugada a fronte, que a myopia e a reflexão de ordinario vincavam; e aberta a bocca de que manava, fluente, abundante, a eloquencia da conversa: Sousa Monteiro transfigurava-se, era outro: e dos dobrados refohos da sua alma rescendia então o aroma d'uma natureza verdadeiramente encantadora.

Desadorava a discussão; quasi sempre a contradicção o feria. Repugnava-lhe admittir como coisa duvidosa, não tanto a materia concreta das suas crenças ou convicções, como as razões supremas, ultimas, do seu crer e do seu pensar. Ao afastado logar da sua alma, d'onde essas razões irradiavam, era absolutamente defezo o accesso. Defezo a todos. No mais, d'uma indulgencia facil e d'uma liberal e bondosa tolerancia. Erraria quem o considerasse d'outro modo.

Tinha frequentemente as tristezas e os longos silencios dos que vivem muito dentro de si. Não são felizes estes. Por mais purificada que uma consciencia se mostre; por mais que a memoria se recame de recordações só agradaveis; por mais que, a quem quer que seja, a vida tenha cumprido as promessas feitas, e a fortuna haja aplanado todos os caminhos; ainda que o amor e a gloria, as duas mais fortes illusões do egoismo humano (movediça poeira d'oiro que o vento dos desenganos varre e leva afinal), floresçam plenamente e perfumem os dias d'uma existencia, sombria apesar de tanta luz, miseravel até em meio dos esplendores do proprio genio: sempre, a quem se demora na visão e analyse do seu mundo interior, uma grande melancholia o invade, profunda, inenarravel, indefinivel a maior parte das vezes! Pelo menos é forçado a contemplar ahi a desproporção existente entre o ideal sonhado e a parte

d'elle que lhe foi dado realisar. É no foro intimo que essa distancia, sempre enorme, se mede com implacavel exactidão. E, ao mesmo tempo, tudo o vai advertindo, os sentimentos que esfriam, as esperanças que se desfolham, os enthusiasmos que desaparecem, as forças que cançam, as energias de toda a ordem que se intibiam e succumbem — de que se caminha, pelo effeito d'uma attracção incontrastavel, para a voragem final, para o supremo desengano . . .

E a certeza da morte, em vez de ser, como queria Pascal, uma razão de superioridade do homem sobre o mundo, será sempre a sombra fatal, que segue e envenena as alegrias da vida.

No circulo estreito, e dia a dia mais estreito, dos seus principaes affectos, que tam leaes lhe tem sido, diffundia-se toda a luz suave do seu coração. Era ahi, n'essa estufa moral, que se desapertava e floria todo o seu encanto intimo. Rendido a attensões, de que a sua educação diplomatica a ninguem dispensava, facilmente propiciado por affectos, de que a primeira prova o volvia logo confiado e satisfeito, a graça, o talento, a prodigiosa erudição do seu espirito appareciam espontaneamente: e Sousa Monteiro mostrava-se como realmente era. Um amigo precioso e um conversador interessantissimo. A correspondencia intima, em que com a palavra mais correntia sem nunca deixar de ser elegante, punha o que havia de melhor na sua alma, o seu interesse pelos outros, a sua sympathica melancolia, a desfeita ternura dos seus affectos, se um dia se publicasse, seria um acabado exemplo de bondade, e um modelo de redacção no genero . . .

Por tudo isto os corações que o amaram trazem ainda hoje o luto pesado da sua morte.

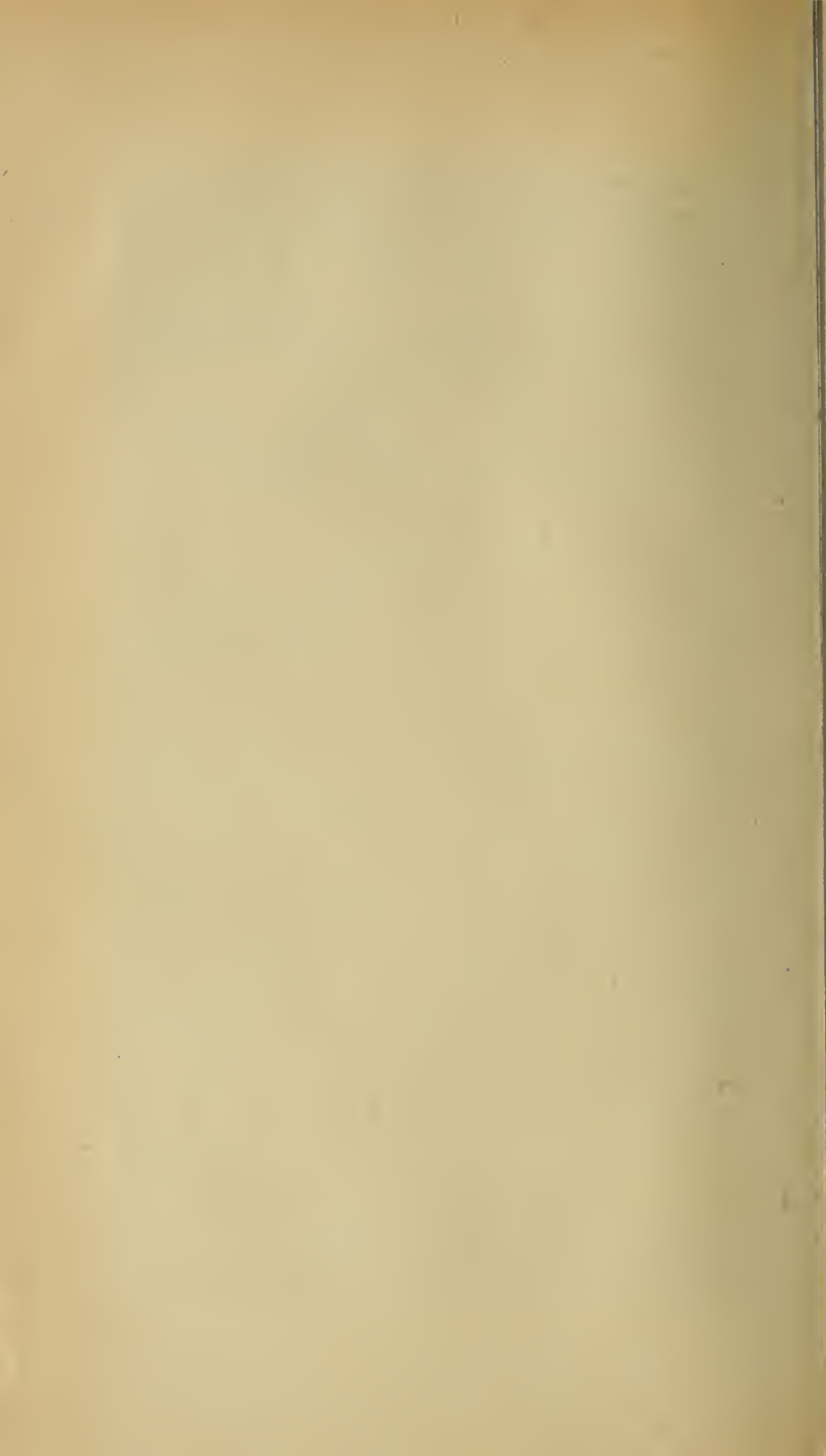
Do irmão predilecto, e amicissimo seu, amavel e constante companheiro, interessada testemunha de todas

as alegrias e de todas as dores, digno d'elle em tudo, sua imagem em tanta coisa — a quem devo a honrosa incumbencia d'estas palavras que vão antepostas ao presente livro — sei eu que a vida se lhe ia partindo quando a morte, que nunca se lhe annunciara, *de que elle ainda não vivia* (creio que a phrase é de Montaigne), lh'o arrebatou improvisamente!

Bem vistas as coisas, foi feliz o seu destino. Ao cabo d'uma vida sem mancha, e a que não faltou a gloria... a morte repentina, sem apparato, em silencio!

Candemil, 2 de Junho de 1913.

*Antonio Candido.*





## PESSOAS

---

RAINHA D. BRITES.

D. GONÇALO, arcebispo primaz de Braga.

O INFANTE D. PEDRO.

D. AFFONSO.

DIOGO LOPES.

PERO COELHO.

TELLO.

ALDONÇA.

GIL EANES.

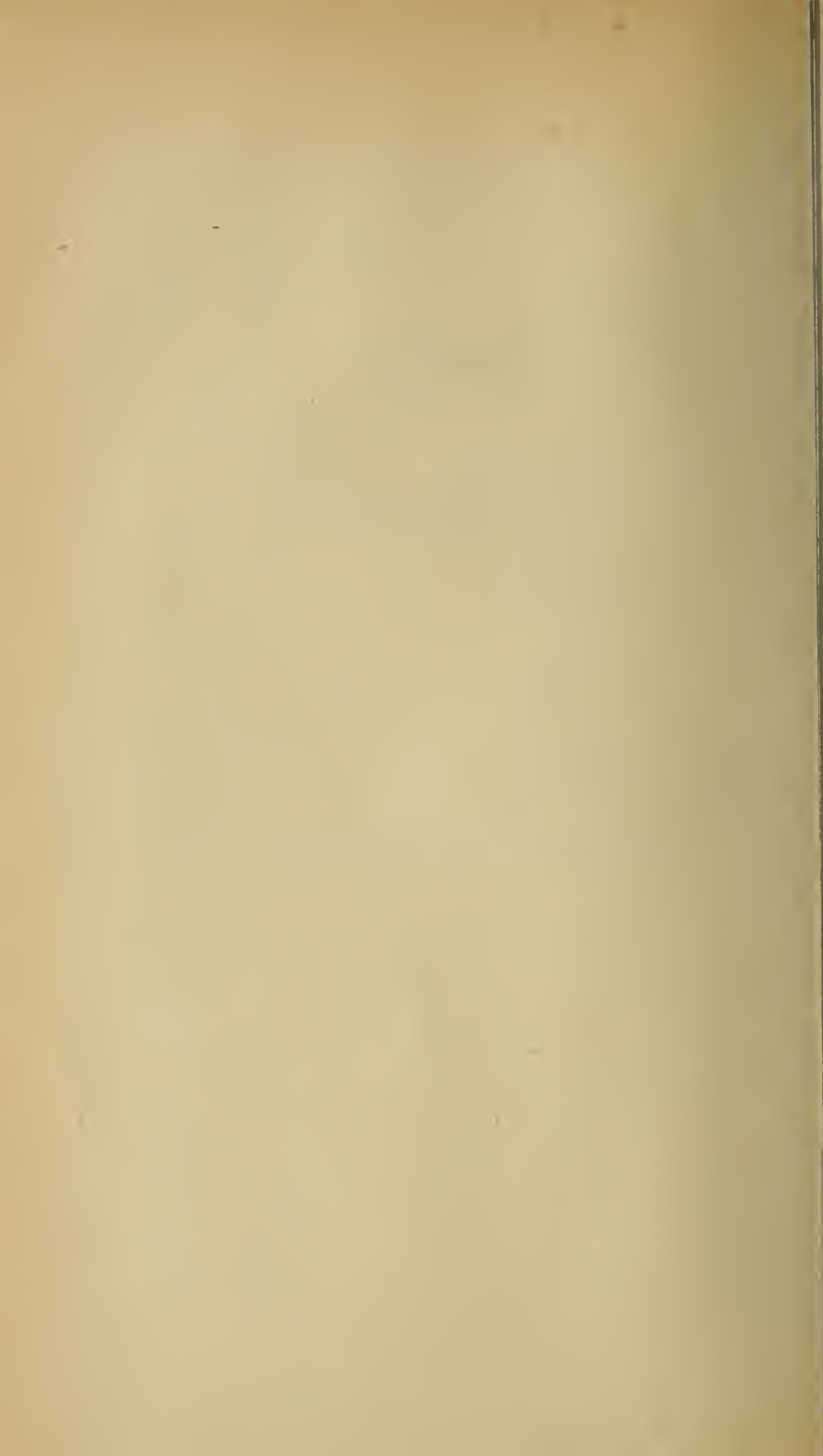
FERNÃO VAZ.

UM PAGEM.

D. IGNEZ.

DULCE AFFONSO.

CUVILHEIRAS, PAGENS, ESCUDEIROS, CAVALLARIÇOS, ETC.



# JORNADA I

Recamara da rainha D. Brites nos paços da cidade em Coimbra. No topo duas esguias janellas de vidraça colorida. Entre ellas, amplo estrado com mesa e dous cadeirões pregueados. Á direita, portas de serventia; á esquerda, oratorio da rainha ante cuja porta aberta, pende uma lampada accesa. Vae descahindo a tarde.

---

## SCENA I

D. BRITES e duas CUVILHEIRAS

*D. Brites, sentada n'um dos cadeirões do estrado, lê em voz alta n'um grande livro seguro nas mãos das duas cuvilheiras ajoelhadas a seus pés.*

D. BRITES, lendo

«Porém, entendendo Jesus seus pensamentos, disse-lhes: Todo reino contra si mesmo diviso é assolado; toda cidade ou casa, divisa contra si mesma, não subsistirá.»

*(Breve pausa de meditação)*

É palavra de Deus; quem n'ó duvida?  
E ensinava Jesus que toda vida,  
a terra, os ceus, o mar,  
a gloria, a luz haviam de passar,  
com tudo que hoje existe e firme está,  
mas palavra de Deus não passaria  
e palavra de Deus não passará.  
Só ella, nunca.— Vão soar trindades.  
Finde a leitura co'o findar do dia.

Invoquemos o nome de Maria :  
são seus estes momentos. Soledades,  
desconfortos, tristuras,  
tudo apaga a Melhor das creaturas  
co' o seu manto de Mãe e de Rainha.

*(Ergue-se e ora de pé entre as duas cunvilheiras de joelhos)*

Santa Maria, Mãe de Deus e minha,  
Fonte de graça e luz,  
do trono dos perennes resplendores  
rogaes por nós que somos peccadores,  
nesta hora e na da morte. Amen. Jesus.

## SCENA II

As MESMAS e uma CUVILHEIRA entrando pressurosa.

CUVILHEIRA

Alta Senhora . . .

D. BRITES

Grande nova traz  
a minha Dulce.— Falla.

CUVILHEIRA

A tal deshora  
o arcebispo primaz  
requer que o recebaes e sem demora.

D. BRITES

O bom senhor de Braga?! Sou contente.

*(Às duas cunvilheiras)*

Sahi a recebél-o e prestesmente  
recolhei-vos a vossos aposentos.

*(As cunvilheiras levantam-se e, depondo o livro sobre o buffete, saem ao encontro do Arcebispo)*

D. BRITES, entre si

O que dará tal pressa a D. Gonçalo?

Acalma, coração, pressentimentos  
de lucto e de terror.

*(Senta-se de novo. Para D. Gonçalo que assoma á entrada)*

Entrae, Padre e Senhor.

D. GONÇALO, abençoando as duas cuvilheiras,  
que lhe ajoelham devotamente aos pés

Que Deus resguarde gentileza tanta.

*(As cuvilheiras deixam passar o Arcebispo e saem)*

### SCENA III

D. BRITES, sentada no cadeirão, e D. GONÇALO

D. GONÇALO, entrando e saudando

Senhora !

D. BRITES, levantando-se

Não vos calo

que, se me alegra assaz, assaz me espanta  
vossa presença, muito honrado amigo ;  
que já as aves do ceu buscam abrigo  
para o somno, e o occaso apenas doura,  
e num desmaio, as altas cumeadas.

D. GONÇALO

Queira o Senhor, Senhora,  
emcimar meu empenho e grão motivo  
havereis de conforto.

D. BRITES

Amen ! Quebradas

heis de sentir as forças, se vos trouxe  
vosso rijo murzello em passo vivo.  
Sentae-vos ; resfolgae.

*(Indica-lhe o cadeirão)*

D. GONÇALO, sentando-se

Oh ! se não fosse  
o carrego dos annos, dissabores . . .

D. BRITES

Padre e Senhor, se nos prostrassem dores...

D. GONÇALO

Mas submissa á vontade de quem pode  
o que lhe praz heis sido e Deus acode  
a quem lh'o bem merece.

Ora é paciencia a mais ouvida prece,  
dizem os que têm lido.

B. BRITES

Deus sabe a affronta em que hei lidado e lido...

D. GONÇALO

Aos que mais ama Deus mais prova e pena.  
O que vos vou narrar ouvi serena.

D. BRITES

Deus m'o envia, dizei-o sem piedade.  
Piedade é ás vezes não n'a ter.

D. GONÇALO, depois de breve pausa

Por mal

de nossa iniqua idade  
de dia a dia crece  
a colera real  
contra o senhor Infante.

D. BRITES, com angustia

Oh! ceus!

D. GONÇALO

Parece

que Deus se esqueceu d'ambos...

D. BRITES

Pois não é

porque eu lh'os não recorde...

D. GONÇALO

Vil, refece,

baixa facção, com medo ao valimento,



da facção de Castella, á falsa fé,  
se esforça por mantel-os desunidos.

*(Gesto de D. Brites)*

Que cuidaes que ligou n'um mesmo intento  
os tres grandes validos,  
Pero Coelho e Alvaro Gonçalves  
e o senhor de Ferreira?

D. BRITES

Diogo Lopes!

D. GONÇALO

Deus grande! não me salves,  
se dos tres não fôr esse o mais culpado.  
Hypocrita, mentido em tal maneira  
que no inferno dá brado.  
Nos outros ha paixão infrene e fera  
que a nada cede, tudo quer e espera,  
a faminta ambição.  
O senhor de Ferreira, se natura  
nos permite viver sem coração,  
— digam-nol-o os sabidos na escriptura —  
por certo não n'õ tem.

D. BRITES

E eu que já lh'o suppuz austero e nobre,  
como o ferro do arnez que o cinge e cobre,  
e nado para o bem.

D. GONÇALO

Fazieis-lhe, Senhora, grave offensa.

D. BRITES

E ouve-os El-Rei...!

D. GONÇALO

E crê. Se os considera  
de seu seio. Assim, pensa  
que a recusa do Infante a novo enlace,  
invejando que seja, apenas nace  
de vil paixão que impera  
no infeitiçado e o liga á linda Ignez...

D. BRITES

Ella tão pura e santa na altivez  
de dama e de espanhola.

D. GONÇALO

Não ha feia  
pratica de que El-Rei,  
na braveza da colera, a não creia  
capaz.

D. BRITES

Pune o Senhor quando permite  
no mundo tanto mal.

D. GONÇALO

Não vos direi  
as culpas que lhe assaca sem limite  
o terror de Castella.

D. BRITES

Deus de piedade, amerceae-vos d'ella!  
Que em nossa doce Ignez não ha peccado  
vós o sabeis e eu sei.

D. GONÇALO

Determinado  
ficou porém que em bando  
se enviasse a Castella.

D. BRITES

El-Rei ordena...

D. GONÇALO

El-Rei!

D. BRITES

Ignez expulsa! Desde quando  
Affonso e em terras portuguezas pena  
de esposo e esposa a conjugal ternura?

D. GONÇALO

Se taxa El-Rei d'impura  
a união d'Ignez e Pedro.

D. BRITES

Mas a El-Rei  
eu propria asseverei  
— e não mente uma dama — que sagrara  
seu mutuo amor a Igreja.

D. GONÇALO

Cousa rara  
fôra El-Rei não vos crer. Mas, no conflicto  
d'incessantes enredos, accredita  
não que lhe hajaes mentido, — é funda, é santa,  
suavissima, infinita  
a affeição que vos tem, — porém que é tanta  
a que sagraes ao Infante que lh'heis dicto  
o que vos disse a astuta embahidora...

D. BRITES

Espanta-me, Senhor, não vos enfade,  
que vossa voz faltasse valedora  
á causa da verdade.

D. GONÇALO

Dardes-me vós enfado...!  
O celebrado enlace  
pensei em declarar; mas tal segredo,  
rainha e mãe, podéreis ter quebrado.  
Eu, não.

D. BRITES

A bem! concedo.

D. GONÇALO

O boato do enlace, recordei-o.  
E prometteu-me El-Rei por este meio  
a sentença annullar, se lhe provasse  
submisso o Infante o casamento.

D. BRITES, com um raio de esperança

E aveio

Affonso acaso em tal?

D. GONÇALO

De rosto ledó.

D. BRITES

Terá por filha Ignez ?

D. GONÇALO

Espero e creio.

D. BRITES

Será de novo Pae ?

D. GONÇALO

Juro-o e sem medo.

D. BRITES

Grandes novas me daes. Porque este intento  
surta immediato effeito  
que m'importa fazer ?

*(Entre si)*

Retomo alento,  
ri-me de novo o ceu.

D. GONÇALO

É meu conceito,  
— a El-Rei o disse e approva El-Rei—que o Infante  
determineis de pronto a vir perante  
seu rei, seu pae . . .

D. BRITES

Ha pouco leve a empreza  
julgava . . .

D. GONÇALO

E dura agora. É de victoria  
presagio, alvitram doutos, a graveza  
antever do tentame.  
Antevede e tentae que é summa gloria  
se, em caso tal, ha quem n'a busque e ame.

D. BRITES

Tentarei, mas em Deus sómente fio.

D. GONÇALO

Justissima fiança.  
E virá vosso filho ?

D. BRITES

O nosso Infante  
Não ha já vel-o. Quasi um fugidio!

*(Gesto de D. Gonçalo)*

Comtudo...

*(O infante assoma à porta e fica-se immovel)*

D. GONÇALO

Às vezes cança  
e dobra-se á vontade dos validos  
a vontade dos reis, embora espante  
aos menos entendidos...

D. BRITES

Deus guarde Affonso e a Pedro Deus o traga  
em breve...

D. GONÇALO

E em bem. Amen!

## SCENA IV

Os MESMOS e o INFANTE

INFANTE, entrando

E em bem o trouxe.

Socegae, minha doce  
e mais que santa mãe. Mui reverendo  
arcebispo primaz, senhor de Braga.

*(Sauda)*

Aqui me estou, Senhora, ao vosso mando.

*(Ajoelha aos pés da rainha e beija-a com ternura)*

D. BRITES

Chamou-te, filho, o coração tremendo.

INFANTE

E o meu sentiu-se docemente instado.  
Applauso a ti, meu coração viltado  
de rude e mau.

*(Ergue-se e falla para o arcebispo)*

Ouvi uns puros nadas  
do que ereis praticando.  
Não são mais tristes, tristes badaladas  
da ermida da deveza  
chorando a luz que expira na tristeza  
de lagrimas soadas.  
Tristes os dous! Ao pé de mim não quero  
saber triste nenhum. Senhor! Senhora!  
Sou mau de condição; tenho a vontade,  
sabeis, dominadora.  
Rosto de angustia, sobreceño austero,  
entristecem-me e eu gosto a gentileza,  
o garbo, o riso, a força, a mocidade,  
trovas e caça, e ainda foragido,  
como agora, nas mãos da natureza  
e quasi a par d'um cerdo perseguido,  
com alma, com loucura adoro a vida.  
Preciso ver alegres. Mãe querida,  
que pratica era a vossa?

D. BRITES

De ti era,  
de ti, filho.

INFANTE

E fallar do filho vosso,  
d'um filho tão amigo, faz severa  
tão meiga mãe! Não posso,  
podesse-o muito embora, não queria,  
não quero accredital-o. Quem seria  
que vos fez tristes?

D. BRITES, com intenção accentuada

Quem seria?

D. GONÇALO

Vós.

INFANTE

Eu! Sem cuidar. Emendo,  
se posso, em gesto e voz  
submisso a penitencia, o crime horrendo.

(Para D. Gonçalo)



Podeis dar-me perdão? Desejo. Peço.

(Para D. Brites)

Do vosso certo estou.

D. GONÇALO

Pede-o vassallo;  
não o ousou dar, Senhor.

INFANTE

O reu confesso...

D. BRITES

Reu!

INFANTE

Já tem seu perdão, não ha negal-o,  
de amigo e mãe. Agora  
que se transfunda em vós minha alegria,  
e que tão doce mãe que um filho adora,  
vendo esse filho, ao menos se sorria.  
Vós, exemplar prelado,  
e válido guerreiro,  
sede quem sois, porém mais prasenteiro.  
Sinto-me forte e bom ao vosso lado.  
Para comvosco me julgar completo,  
de todo em mim, só falta o mais perfeito,  
o mais suave objecto,  
que nunca ousou sonhar a mocidade,  
que não supprem extremos de amisade,  
nem todo o affecto de materno peito.  
Esse objecto, — de pronto se adivinha —  
é o meu suave *colo*  
*de garça*, a minha, a minha  
Ignez. Não me consolo  
de não haver quebrado a força dura  
que affasta, doce mãe, da vossa ilharga  
tão santa creatura.  
Choro, bravejô, lido em lida amarga;  
mas sempre em vão. Rainha,  
é tempo de acabar...

D. GONÇALO

É, mas primeiro,  
ouvi...

D. BRITES

Ouve-me, filho : a Providencia  
trouxe-te agora aqui. Tem paciencia...

INFANTE

De mais a tenho eu tido...  
O vosso filho, o vosso Pedro, o herdeiro  
de um...

D. BRITES

Pedro !

INFANTE

... D'um rei, de vós partido,  
de monte em monte arrasta esposa e filhos,  
em fadigosa eterna cavalgada.  
Cesse o barbaro exilio e contra o Infante  
bravejem muito embora uns vis caudilhos.  
Vou dar por finda a minha vida errante.  
Quero assentar pousada  
e proxima de vós.

D. BRITES

Approvo e louvo.  
E lembrados de antigas diferenças,  
tintas de sangue e morte, applaude o povo  
e louva El-Rei...

INFANTE

El-Rei !

*(Fica pensando)*

D. BRITES

Filho, em que pensas ?

INFANTE

Em nada, mãe ; dissei.

D. BRITES

Agora, o triste

és tu, meu Pedro, e minha a vez agora  
de te pedir...?

INFANTE

Eu, triste, oh não! Por ora...!

D. BRITES

Por ora! nunca. Se ainda um nada existe  
de força e vida antiga  
na velha e morta Brites. Chega cá,  
aos pés de tua mãe, de mãe amiga,  
como nunca se viu, nem se verá.

INFANTE. ajoelhando aos pés da mãe que o acaricia  
Renasço, mãe querida, em teus carinhos.  
Ao pé de ti, desafiara, em riso,  
o inferno, o demo, El-Rei e seus meirinhos...

D. BRITES

Então, Pedro, juízo.  
Vae sorrir nossa terra ameaçada  
de luctas sanguinosas. É preciso  
para isso que meu filho á mãe que elle ama  
nada recuse, nada.

INFANTE

Nada recusará.

D. BRITES

Isto se chama  
ser filho e doce filho. E se eu pedisse,  
sem medo a desenganos,  
um sacrificio grande...

INFANTE

Era disposto  
a dar-lhe pronto effeito.

D. BRITES

E de bom rosto?

INFANTE

A minha meninice  
não findou para vós. Não mudam annos

o que sois, o que eu sou. Se mais me humilho  
por vós, mais sinto engrandecer-me.

D. BRITES

Filho,

orgulho-me de ti. Mas um preceito  
de lei, que a Deus agrada,  
não toma por bom feito  
que mãe só seja de seu filho honrada.  
Falla em . . . Tens Pae.

INFANTE

Assim me hão dicto . . .

D. BRITES

Deves,

tu d'entre seus vassallos o melhor,  
bem sabes . . . Vae, supplico, a Montemór.  
Falla a teu Rei, falla a teu Pae; reconta,  
embora em modo expresso,  
sem tom solemne, filho, em termos breves,  
que em Bragança — se queres estou pronta  
a acompanhar-te — has desposado Ignez.  
Nada mais quero, nada mais te peço.  
Não farás isto a tua mãe?

INFANTE

Talvez.

D. BRITES

Talvez! pedindo eu tanto!

D. GONÇALO

A affirmativa

dera alegria e viva  
á mãe que tanto amaes.

INFANTE

Jurae primeiro, —  
vós, insigne prelado e cavalleiro,  
jurae em nome e vez

do meu e vosso Rei  
que não corre perigo a minha Ignez.

D. GONÇALO

Por certo jurarei.

INFANTE

E El-Rei desdiz o juramento aceito...

D. GONÇALO

Não se a tempo o não faz. É seu defeito  
zelos do mando regio.

INFANTE

É certo?

D. GONÇALO

Creio.

INFANTE

Mas teme El-Rei! de quem?

D. GONÇALO

De todos teme  
e de ninguém.

INFANTE

D'um filho...!

D. GONÇALO

Sempre alheio  
ao sangue o teve o regio sceptro. Treme  
de haver sonhado só que alguém ousara  
erguer cupido olhar á regia c'roa,  
que reputa melhor do que a tiara...  
quando menos tão boa.

INFANTE

Do filho...!

D. GONÇALO

Não, do filho e de ninguém;  
mas de todos talvez. Se acaso chega

a contrahir suspeita,  
 não sabe ponderar, não quer, de quem,  
 torva, braveja, cega,  
 nada esquece que pena e nada ingeita.

INFANTE

E então inteira prova  
 fôra de sujeição...?

D. BRITES

A nova...

D. GONÇALO

A nova...

INFANTE

Á fé! jurae-me e vosso juramento

*(Desembainha a espada)*

dae-o sobre este ferro,— é nobre, é puro —

*(Beija-a)*

que incontro, confessando o casamento,  
 de novo...

D. BRITES

Pae e rei benigno?

D. GONÇALO

Juro.

INFANTE, entre si

Por Deus! jurou.

D. BRITES, entre si

Virgem do ceu! não ousou...

*(Alto)*

Irás, meu filho?

D. GONÇALO, para o Infante

Seu cabal repouso  
 depende apenas dessa facil ida  
 a Montemór...



D. BRITES, anciosa

Irás ?

INFANTE, depois de pausa breve

Ó mãe querida,  
irei.

D. BRITES

E beijarás,  
penhor seguro de almejada paz,  
em joelhos as mãos... Sem grande custo,  
um docil filho assim, meu filho, faz.

INFANTE

Mãe minha, beijarei. E amae-me ; é justo.  
Serei submisso e docil e esquecido  
do antigo pae e rei  
como do filho... antigo e abhorrecido.

D. BRITES

Toda me alegra, Pedro, esta promessa.  
Retribuam venturas infinitas  
o gozo que me dás. A mim, confessa,  
à mãe que te ama com ternura tanta  
farias tal fineza, a mim somente ?

INFANTE

Sim, a ti só. Consente,  
ó mãe, que beije as tuas mãos bemditas.

*(Beija-lh'as)*

D. BRITES

És o melhor dos filhos.

INFANTE

Da mais santa  
das mães.

## SCENA V

Os MESMOS e uma CUVILHEIRA

CUVILHEIRA, entrando

Chegou el-rei; neste momento  
apeia.

Só? D. BRITES

CUVILHEIRA  
Com larga cavalgada.

D. BRITES  
Em som de guerra!

CUVILHEIRA  
No ar vi fluctuando  
solto pendão.

D. BRITES, para D. Gonçale, inquieta  
Que será, Padre?

INFANTE  
Ao vento,  
desfraldado o pendão, armado, e em bando?  
Segue na piugada  
El-Rei do moço Infante. Bella caça!

D. BRITES  
Será possível?

INFANTE  
Abelhuda fada  
na proxima espessura  
pol-o na pista.

*(Para a mãe)*

Que ordenaes que faça?

D. BRITES  
Que partas, Pedro. Vae-te.

INFANTE

E se procura

El-Rei saudoso . . .

D. BRITES

Já.

INFANTE

Porque não fico ?

Devo aguardar meu Rei.

D. GONÇALO, vindo da entrada

Parti.

D. BRITES

Supplico.

D. GONÇALO, que foi de novo á entrada e volta  
Inda . . . Vinde ; commigo.

D. BRITES

Vae.

*(D. Gonçalo toma do braço do Infante, vae até a entrada mas volta e entra com elle no oratorio. No mesmo ponto assomam os pagens que precedem com tochas El-Rei)*

## SCENA VI

D. BRITES e D. AFFONSO, precedido de pagens, escudeiros, etc.

D. BRITES, vê desaparecer o Infante  
e dirige-se ao Rei que entra. Levemente agitada.

Bemvindo,

esposo e senhor meu !

D. AFFONSO, sauda. Grave.

Senhora minha !

*(Olha em roda. Pausa)*

As vossas cuvilheiras, nem sentindo  
El-Rei que chega, assistem á Rainha !

Ou sois só por vontade ?

D. BRITES

Mui por vontade. Vinha  
caindo a tarde, triste e fria tarde  
d'inverno...

D. AFFONSO

E vós haveil-as dispensado.

D. BRITES

Basta que Deus me guarde.  
Tem a velhice amor á soledade.

*(Pausa brevissima)*

Dei-vos, Senhor, enfado?

D. AFFONSO

Nenhum.—Por modo instante  
heis de soffrer vos falle. É noute. E tenho  
de achar-me antes do dia assaz distante...

D. BRITES

Dizei, Senhor.

*(D. Brites senta-se. Depois D. Affonso)*

D. AFFONSO

Esposa!

*(Para o sequito)*

Na visinha  
camara aguardareis que eu saia.

*(Todos saem. Pausa)*

Tinha

certo recado D. Gonçalo. Intendo  
que vol o haverá dado. Agora venho  
dizer-vos, não querendo  
dar-vos fadiga vã, que d'esse empenho  
grave vos desonero.

Mudou-se-me a tenção e em tempo aviso.

A D. Gonçalo espero  
dizer porque, se chego a crer preciso.

Se não, vós lh'o direis.

Os de seu nome ignoram o caminho  
que leva á rebeldia. São arminho  
na pureza, e no mais igualam reis.

D. BRITES

Cumpre-me obedecer-vos sempre e em tudo.  
Fallaes em rebeldia! ..

D. AFFONSO, insistindo e aspero

Fallo, fallo.

Certo Infante... Mudei por isso e mudo  
d'intento, não vos calo.

D. BRITES

Rebelde, não!

D. AFFONSO

Um rei nunca se engana.

D. BRITES

Porém vossos privados  
de quem jurara a delação dimana,  
enganam-se talvez...

D. AFFONSO

São meus amigos;  
justo é que vossos sejam. De cuidados,  
d'enredos, de perigos,  
têm-me, mercê de Deus, livrado.

D. BRITES, friamente

Fio.

D. AFFONSO

Pensaes, fallaes-me d'elles, como pensa  
e falla o Infante, dizem. Por Maria!

D. BRITES

Não vos pese, sou mãe. Vós, pae. Ouvi-o...

D. AFFONSO

Sou velho a tal tarefa.

D. BRITES

É leve.

D. AFFONSO

Immensa!  
Tomem-n'a outros por mim. De rebeldia  
só deve saber rei para punil-a,  
seja em quem fôr, Senhora.

D. BRITES

Revel, não.

D. AFFONSO

Desmentia  
—sinto a memoria menos valedora—  
d'antes, Brites seu rei?

D. BRITES

E estou tranquilla:  
cumpro dever.

D. AFFONSO

De tal vos desobriço.  
Hei poder para tanto. Grão delicto  
é discordar de mim.

D. BRITES, com brandura, mas firme

Sinto o que digo...

D. AFFONSO

E o que uma vez, Senhora, eu disse, é dicto.  
Eu por vós penso.— Agora  
bastar-vos-ha saber que não mantenho  
quanto esp'rando melhora  
deixava prometter...

*(Pausa brevissima)*

D. BRITES

Mas outro empenho  
tendes...

D. AFFONSO

Tenho. Que Pedro se apresente  
submisso a meu meirinho. É innocente?  
Á paz o restituo e a meu serviço.

Não é? Terá, jurei, quanto merece.  
E... disse.

D. BRITES

Permittis, Senhor?

D. AFFONSO, levantando-se. Muito intimativo

Permitto,  
que, como sempre a vosso amor submisso,  
sejaes do meu alvitre. É justo e — dito.

*(Pausa. D. Affonso dá alguns passos pela scena, em silencio.  
Para D. Brites)*

Se proferi palavra que podesse...  
Havi-a por não dita.— O que assevero  
é certo.

D. BRITES

Mas...

D. AFFONSO, quasi desabrido

E quando quero, quero;  
e é sempre bem. Julgam-me duro a prece,  
a piedade, a perdão. Não sou. Pareço.  
Tenho razão em tudo, tenho-a agora,  
agora mais que nunca. Sou avesso  
sómente a peccadores:  
ruim disputador, mui pouco lido  
nos dictames e leis dos sabedores;  
muito aspero, e fallido  
de memoria... Entretanto, não me esqueço  
que tenho de partir e sem demora.  
Ouvi-me, que eu resumo: El-Rei ordena,  
sómente El-Rei sem consultar doutores,  
que a seu Rei natural  
o Infante se submetta e já sob pena  
de o crer rebelde e de o tratar por tal.  
O meu meirinho mór em certo dia  
ha de intimal-o a vir ante elle ao Paço.  
Perdoae-me, Senhora, tanto enfado.  
Apartado de vós, ao vosso lado,  
fui sempre e sou devoto esposo e mano.

*(Sauda)*

Deus vos tenha na sua companhia.



D. BRITES

Guarde-vos sempre seu divino braço,  
meu Rei, de todo damno.

D. AFFONSO

Guardará!

*(Para os seus na sala proxima)*

Hun! sou prestes. A caminho.

*(Sauda e sae)*

## SCENA VII

D. BRITES, e logo D. PEDRO e D. GONÇALO

D. BRITES, dirige-se aos dous que irrompem

Meu filho!

INFANTE

Tudo ouvi. Eis o carinho  
— é justo que eu, seu filho, em muito o estime —  
de Pae e de Senhor.

*(Num arremesso)*

Ia arrancando  
do vosso esconderijo,  
tão santo e caro, quando  
me teve o rijo braço...

D. GONÇALO

O rogo rijo  
de humilde servidor. Triplice crime  
commettereis num só. Deus não se esquece  
de ruim feito ousado  
Contra Senhor e Pae...

INFANTE, amargo

É certo!

D. GONÇALO, continuando

... E ha prece,  
ou pranto, ou sangue, ou morte em que attentado  
contra tal Mãe se lave?

INFANTE, muito amargo

É certo. Dil-o  
discreto sabedor. Mas contra um filho  
é permittido tudo. Santo estylo,  
que applaudem numa voz sceptro e cercilho.

D. BRITES

Meu Pedro !

INFANTE

Assocegae. Lembro o conselho  
que ha pouco se me deu . . .

D. GONÇALO

Lição de velho  
tonto talvez, mas certo amigo . . .

INFANTE, caindo em si

Santo

ensinador e Padre.

D. BRITES

Meu querido  
e doce filho, ouve-me, peço tanto !  
Não queiras retalhar-me o já ferido  
coração. Tenho fé  
e resarei . . . Vem cá, vem bem ao pé  
de mim, de tua mãe que te ama, quanto  
o ceu, mais que a si propria. Escuta : é grande  
valedor o rosario e grande o Carmo.  
Á Virgem pedirei — ha de negar-m'o ?  
não nega, tu verás — que toque, abrañde  
o coração d'El-Rei. É tanta, tanta  
a minha dor, meu filho . . .

INFANTE

Vosso terno

carinho, meu respeito  
à cruciante dor que vos quebranta,  
vão desfazer-me a fraga que natura  
me poz dentro do peito  
em vez de coração, em agua pura.

Mas pela luz dos ceus, ou pelo inferno,  
 não m'a torne a gelar em rocha dura  
 uma braveza injusta.

D. BRITES

A Montemór

não vás por ora...

INFANTE

El-rei e seu Meirinho  
 chamam-me, vou.

D. GONÇALO

Mais tarde.

INFANTE

De caminho.

D. BRITES

Quando el-rei vos citar...

INFANTE, para D. Gonçalo, com intenção

Terei de cór  
 vossa licção.

*(Para D. Brites, carinhoso)*

Sentir-vos-hei na mente  
 em transe tal fremente;  
 mas socegada então.

D. BRITES

Sanhudo gesto,  
 porte insubmisso, sombra de doesto  
 contra teu Pae, meu filho, é cutellada  
 que dás em tua mãe.

INFANTE

Oh mãe amada!  
 Porque me fez o ceu tão teu amigo?

*(Ajoelha e acaricia-a)*

Abençoa-me.

*(Ergue-se)*

Adeus, Mãe.— D. Prelado.

D. GONÇALO, ao Infante que sae  
Eu vou.-

D. BRITES, chamando-o  
Meu filho !

D. GONÇALO  
Cá vos fica abrigo  
aberto sempre ao coração rasgado  
de toda mãe que chora e pede : Aquelle.

*(Indica-lhe o oratorio)*

D. BRITES, ajoelhando ante elle  
Maria concebida sem peccado  
rogaes por nós, — por elle !



## JORNADA II

Em Montemór. Sala do conselho. No topo, grande porta arcada, aberta para outra sala. Ao centro, meza cercada de tamboretas rasas. Num dos lados, um cadeirão sobre pequeno estrado com docel. Portas lateraes.

---

### SCENA I

DIOGO LOPES e PERO COELHO

PERO COELHO, entrando

Recontas-me verdade?

DIOGO LOPES

E só verdade.

PERO COELHO

Então,

pelas hostes do ceu! tivemos do leão  
nas carnes, por um til, a garra penetrante.

DIOGO LOPES

Se entendes por leão o muito honrado Infante  
de Portugal, é certo. Ha pouco o disse e digo:  
Mercê do nosso guapo e devotado amigo,  
o muito Reverendo Arcebispo Primaz.

PERO COELHO

Um bufão de cercilho, um pio rufianaz.  
 Não cuidas mal cabido um ferro de cutella  
 nos peitos do bulrão?

DIOGO LOPES

Quiçá; mas á cautella  
 prefiro, para honrar a Igreja em seus prelados,  
 maravedis de Affonso a ferros afiados.  
 Ella em tresdobro torna as graças que recebe.

PERO COELHO

Em golpe de servir a mão não se percebe.  
 Defuncto bem defuncto, estou que nunca falla.

DIOGO LOPES

A Igreja faz fallar a quem melhor se cala.

PERO COELHO

Pelo inferno! Acabar ás mãos da santa Igreja  
 não punge muito mais que ás mãos d'Infante.

DIOGO LOPES

Fallou-lhe El-Rei. . .

Seja!

PERO COELHO

Fraqueza!

DIOGO LOPES

Aventas o que disse.  
 Escuta-o D. Gonçalo e, com subtil malice,  
 de não punir Ignez lhe arranca a vil promessa  
 se se humildasse o Infante a confessar-lhe que essa  
 donzella por esposa um'hora recebera.  
 Á mãe o propendel-o á confissão.

PERO COELHO

De cera  
 figuro, quanta vez, aqueste rei. Pois de aço,  
 muita outra o soube e vi, pela alma e pelo braço  
 De quem no riço aperto houveste aviso?



DIOGO LOPES

Do proprio rei; mas só, quando em razão do assento,  
se ia a cumprir o empenho o nosso D. Gonçalo.

PERO COELHO

E conjuraste o mal, que (não me irás negal-o)  
nos deixara á mercê das coleras do Infante.

DIOGO LOPES

Pardiez! De alguma cousa Affonso é mais amante  
que da esposa e da vida, e luz, e ceu: — da c'roa.

PERO COELHO, rindo

Pintaste-a no cairel de fundo abysmo; troa  
a colera real ao teu discreto aviso. . .

DIOGO LOPES

Nada d'isso.

PERO COELHO

Pois como?

DIOGO LOPES

Affonso é de bom siso.

Veu na persuasão,— talvez do que eu lhe hei dicto —  
que o Infante propendia ao mais que atroz delicto  
de em seu poder supremo ambicionar ter parte,  
por torpe suggestão da Castelhã. D'est'arte,  
e á força de lidar. . .

PERO COELHO, jubiloso

Prolfaças!

DIOGO LOPES, retrahido

Eu sei! vejo  
tudo muito ao revez do teu, do meu desejo.

PERO COELHO

Á mal! risco antevês?

DIOGO LOPES

E não dos mais somenos.

PERO COELHO  
Que risco? Dize.

DIOGO LOPES

A paz...

PERO COELHO

Entre ambos! Ha venenos,  
que em animo real nada correge.

DIOGO LOPES

Guar'te!

PERO COELHO

Deixaste-o presumir que o Infante almeja parte  
do seu poder sob'rano... Affonso é suspicaz.

DIOGO LOPES

É certo; mas importa a muita gente a paz.  
Lida por ella a Mãe, D. Gonçalo Pereira...  
A Mãe para D. Pedro é certa medianeira;  
para o Primaz a Mãe seguro auxiliar.  
São dous, que valem dez.

PERO COELHO

Ha receio de calar  
de vez, e para sempre, uma bocca importuna.

DIOGO LOPES

Uma; e duas?

PERO COELHO

Eu fio, e muito, na fortuna.

DIOGO LOPES

E eu pouco e só em mim.

PERO COELHO

Meio haverá que afaste  
um do outro o Infante e o Rei.

DIOGO LOPES, duvidoso

Que para sempre abaste,  
quando o Primaz e a Mãe lidam por congraçal-os?

PERO COELHO

Má peste m'os consumma, as Brites e os Gonçalos.  
Hei de ver vencedora a facção de Castella?  
Estranhos dominando o reino e a nós por ella,  
Depois de nos pelar de quanto haver... Inferno!

DIOGO LOPES

Foi sempre o Infante á Mãe filho submisso e terno,  
pensei; e no pensar temi que, por seu rogo,  
a tudo se prestasse e por inteiro e logo:  
era lavrada a paz. A Affonso ponderarei...

*(Corregindo-se)*

a manso e manso fiz que ponderasse El-Rei,  
que havendo, com razão ou sem razão, suspeitas  
d'intuitos ruins e transacções mal feitas,  
lhe mandasse acceitar a voz do seu Meirinho.

PERO COELHO, com applauso

Filhaste-me o leão. Não pode haver carinho  
que o induza a praticar fraqueza semelhante.

DIOGO LOPES, com desalento

É poderosa a mãe.

PERO COELHO

É mui soberbo o Infante.

DIOGO LOPES, mysterioso

Eu fôra pelo certo...

*(Na sala do fundo apparecem El-Rei e Alvaro Gonçalves)*

PERO COELHO

E o certo?

DIOGO LOPES

Ao que se diz,  
é atacar, e logo, o mal pela raiz.

*(Observando o que se passa ao fundo; á parte)*

Alvaro aperta El-Rei.

PERO COELHO

É bom talhar os males

pela raiz, de certo. As arvores dos valles  
de mais pingue torrão mirram se lh' é talhada.  
O ponto é acertar...

DIOGO LOPES

Pois acertar é nada.

PERO COELHO

Devolvêl-a a Castella?! Eu já pensára nisso.

DIOGO LOPES

Mas o caminho é curto e a não lhe dar sumisso  
no leval-a de cá, havemos de cá tel-a  
um dia, e melhorada.

PERO COELHO, preocupado

Assim será.

DIOGO LOPES

Cautella!

*(Com intenção, em confidencia)*

Eu sei, e sabes tu, de sitio mais ignoto,  
um pouco mais escuro, um nada mais remoto,  
d'onde o tornar é duro...

*(Pausa)*

PERO COELHO, em sobresalto

E o que conclues, amigo?

DIOGO LOPES, retrahindo-se

O que eu concluo? nada. Eu digo-te o que digo.  
Falei-te de raiz, falo-te agora em córte.

PERO COELHO

Acaso cogitaste em dar Ignez á morte?

DIOGO LOPES

Se cogitei? não sei; mas sei que és tu que o dizes.

PERO COELHO

Talvez o roble cae rachando-lhe as raizes,  
e esmaga no cahir o rachador...

DIOGO LOPES

É certo!

*(Aparte)*

Se é de apertado tino, e se estanceia perto.

PERO COELHO

Morte será de mais, e por demais riscoso.

DIOGO LOPES

Avenho. Eu logo disse ao Meirinho: não ousou. Antes perder a vida, o regio valimento... Todo o ponto é sentir, com são contentamento, a consciencia em paz. Levar a morte a alguém para a allongar de mim, matar para meu bem, nunca.

PERO COELHO, que ficara pensativo

Eu voto sem dó que se sepulte em crasta bem rigida e distante.

DIOGO LOPES, ironico

Isso é famoso. Afasta toda ideia de risco. O Infante, e os irmãos d'ella, nunca ousarão raptal-a, e mettel-a em Castella, d'onde ao primeiro lanço... Assim eu votaria nada querendo á vida.

PERO COELHO, áparte

Alcanço-lhe a ironia.

DIOGO LOPES

A crasta. Fica assente?

PERO COELHO, hesitante

A morte é mau partido, ou pode vir a ser.

DIOGO LOPES

Pois pode.

*(Aparte)*

Está rendido!

*(Alto)*

Ignez não tornará.

PERO COELHO, entre si; cedendo

Preciso, mas inglorio

feito.

*(Vae a fallar)*

DIOGO LOPES

Silencio! El-Rei que chega.

PERO COELHO, voltando se e olhando o rei; a Diogo Lopes

E merencorio.

DIOGO LOPES, entre si

Resiste do Meirinho ao salutar conselho.

Cautella, Dom Diogo.

## SCENA II

Os MESMOS, EL-REI e ALVARO GONÇALVES

D. AFFONSO

Acaso estarei velho.

Já me despraz o sangue. Assaz na do Salado

o fiz correr por Deus! Fiquei-me saciado.

Sem fallar de outro... Então, se Deus me ahi levava

toda a Moirisma, toda, eu toda lh'a matava

Hoje, sem grão porquê, por suspeição ligeira,

uma mulher, christã...

ALVARO GONÇALVES

Christã?! má feiticeira

E Castellã ruim.

D. AFFONSO

Alvaro, a traça é dura.

Um dia, um sabedor mui lido'na Escripura

me recontou de alguém,— e accrescentou: não louvo—

que dissera: convem que *um* morra pelo povo.

*(Saudando Diogo Lopes e Pero Coelho, que se inclinaram)*

Diogo Lopes... Coelho... Assaz de vós preciso.

*(Para Alvaro Gonçalves..)*

Vaes ver se são do teu se são do meu aviso.

ALVARO GONÇALVES

Esse *um* de quem fallaes, esse *um* do sabedor  
mui lido na Escriptura, era Jesus Senhor.

D. AFFONSO, a Alvaro Gonçalves

Já quiz o teu conselho, agora quero o destes.  
Os Reis que o sabem ser, inquirem, entendestes?  
inquirem, mas por si resolvem. Põe o caso.

ALVARO GONÇALVES, com emphase oratoria

Disse um douto que Deus se traça em breve praso  
punir uma nação...

D. AFFONSO

Encolhe o teu comprido  
palrar de bom letrado. O sabido é sabido.  
Isso não faz ao caso. O ponto é se é nocivo,  
se bom, o teu conselho...

ALVARO GONÇALVES

O ponto positivo.

D. AFFONSO

O ponto positivo.

ALVARO GONÇALVES, quasi no mesmo tom

Importa ou não que seja,  
segundo o juz do reino, e as prescripções da Igreja,  
entregue á morte quem, por artes de magia,  
aviva, ao que se julga, a ousada rebeldia  
do Infante Portuguez...

D. AFFONSO, acenando-lhe silencio

Agora o vosso aviso.  
Pensae que ao Rei fallaes. Tu.

DIOGO LOPES, simulando hesitação

Posto d'improviso  
ante tal caso, assim...



D. AFFONSO

Queres pensar. Pois pensa.  
Dirás depois. É tua a vez, Pero. A sentença.

PERO COELHO

Tem o Meirinho-mór a prova do flagício?

D. AFFONSO, para Alvaro Gonçalves

Tens prova? — Não, não tem.

ALVARO GONÇALVES

Mas tenho grave indício.

D. AFFONSO

Grave indício! Talvez. Entenderás: suspeita.

ALVARO GONÇALVES

Indício, se é flagrante, é quasi prova acceita  
ao julgador.

PERO COELHO, baixo a Diogo Lopes

Cá vou pelo teu certo.

*(Alto)*

Vê-se

que, se fallece prova, existe indício. E esse  
suppre, se é grave, a prova e basta á sã justiça.  
Deixar a vida a quem malmente enredo enliça,  
segundo é fama, contra a augusta plenitude  
do poder regio! É, certo, o perdoar virtude;  
mas sempre a regedor se tolhe esse exercicio,  
se salva acaso um reu da infamia do supplicio,  
e a sangue faz pagar ao povo a piedade.

DIOGO LOPES, áparte

Dá demais na raiz. Canduras da maldade.

D. AFFONSO, áparte

É pela morte.

*(Alto)*

Basta.

*(A Alvaro Gonçalves)*

É do teu voto.

ALVARO GONÇALVES

Enredo  
 contra a corôa e o Rei, se é minimo, degredo;  
 senão, morte d'infamia. O juz é bem preciso.

D. AFFONSO

Diogo Lopes!

DIOGO LOPES

Senhor!

D. AFFONSO

Vamos. O teu aviso.

DIOGO LOPES

Em caso que interessa o seu poder augusto,  
 tudo que Rei decide é necessario e é justo.  
 Diz que é lei nada em Roma e que de Roma vem.  
 Ora quiz sempre Roma e quer o nosso bem.  
 Pouco importa, se ha prova, ou meramente indicio.  
 A El-Rei o decidir se existe, ou não, flagicio.  
 É lei, juiz, algoz e cadafalso a c'roa.  
 Castiga, se lhe apraz; e se lhe apraz, perdoa.  
 Sois senhor da nobreza e da miuda arraya.  
 Quereis matar, matae; quereis dar vida, dae-a.  
 Eis, Senhor, o meu voto e o que do caso intendo.

D. AFFONSO

Pareces-me, se alcanço o que me estás dizendo,  
 mestre Affonso das Leis. . .

DIOGO LOPES, áparte

Pareço o que pareço;  
 e sou. . . Deus sabe o quê.

D. AFFONSO

Ao teu dizer avesso  
 não sou.

ALVARO GONÇALVES

Somente é crime o que por crime havido  
 foi por El-Rei.

D. AFFONSO

Mas custa . . . ás vezes. Não decido.

ALVARO GONÇALVES

Decida o bem do Reino.

PERO COELHO

E a sã razão.

DIOGO LOPES, que se ficou a scismar

Se dêsse

(perdoe-se ao meu affecto a hypothese refece)  
um traidor cutellada em vosso augusto seio,  
que farieis?

D. AFFONSO, n'um impeto de colera

A haver o tredo ás mãos, matei-o.

DIOGO LOPES

Supponde agora o sceptro acutellado e a c'roa.  
C'roa e sceptro, Senhor, não são vossa pessoa?

D. AFFONSO, que se não quer convencer

Diogo!

DIOGO LOPES, como desculpando-se

Eu não julguei. Sem odio, sem affecto,  
propuz o ponto e vós heis decidido.

D. AFFONSO, áparte

É recto

este Pacheco, e sabe.

ALVARO GONÇALVES

Enredos contra o Rei  
deve punil-os sempre e rijamente a Lei,  
e Lei que saiba a sangue.

D. AFFONSO

O duro é que disseste

que fallecia prova.

ALVARO GONÇALVES

O bem do Reino investe  
de poder summo o Rei.

D. AFFONSO

Permitte-lhe que invente  
a prova que fallece, amigo?

ALVARO GONÇALVES

Mas consente  
que preste a grave indicio attribuições de prova.

D. AFFONSO

Soa-me duro o caso e a theoria nova...

DIOGO LOPES

Mas se ao indicio accresce um juramento certo,  
dado em consciencia pura e coração aberto...

D. AFFONSO

Um juramento!

DIOGO LOPES, explicando

El-Rei inquire se se presta  
o accusador a ter e a dar por manifesta  
a culpa mal provada. E se jurar...

D. AFFONSO

A jura  
subroga a prova?

ALVARO GONÇALVES

Á fé!

DIOGO LOPES

Se a consciencia é pura  
e aberto o coração...

PERO COELHO, baixo a Diogo Lopes

Golpeias demasiado.

Guar'te do tronco!

DIOGO LOPES, baixo a Pero Coelho

Deixa.

*(Entre si)*

Em mim não dá

PERO COELHO, como acima

Cuidado!

D. AFFONSO

É grave o que dizeis. Um juramento! E se eu de pronto requeresse o teu, o teu, ou o teu? Que respondieis? Tu?

PERO COELHO

Juro.

D. AFFONSO

E tu? Juro?

ALVARO GONÇALVES, confirmando

Juro.

D. AFFONSO

E tu?

*(Entra um Pagem que falla ao Rei)*

DIOGO LOPES

Seguir aviso, em caso incerto e escuro, avesso aos d'estes dous, lustre não dá, desdoura. Pois se o Meirinho-mór...

D. AFFONSO, ao Pagem

Disseste-me a Senhora

Rainha?

DIOGO LOPES, áparte

Já! É cedo.

PERO COELHO, áparte

A Rainha?!

ALVARO GONÇALVES, áparte

Em má hora!

D. AFFONSO, indeciso do que faça

Sou em conselho. Espera.

*(Para os tres)*

Aguardae-me vós fora,  
e logo tornareis. Ficae. Poucos momentos...  
A que virá? Suspeito. Eu vou e torno.

*(Ergue-se e sac)*

DIOGO LOPES, aos dous, submissamente

Attentos!

PERO COELHO

Era esperado o lanço.

ALVARO GONÇALVES

O caso era previsto.

DIOGO LOPES

Pschiu! que o silencio é de oiro, e santo como um Christo.

### SCENA III

Os MESMOS, ao fundo. EL-REI e a RAINHA

D. AFFONSO

Praz-me ver-vos.

D. BRITES

Senhor, se nada vos impede  
de attender-me...

D. AFFONSO

Um momento o Estado me concede,  
e á minha esposa amada eis-me disposto a dal-o.

*(Acompanha a Rainha á sua cadeira e elle senta-se n'um tamborete)*

D. BRITES

Grave causa vos traz, em pressa e vivo abalo,  
Brites...

D. AFFONSO

A grave causa applaudo.

D. BRITES

Mas ao Estado  
cedo sem custo. Quando houverdes terminado  
vosso Real lavor. . .

D. AFFONSO

Jamais consentirei.  
Dá-vos o passo amor. Para vós não sou Rei,  
ou quasi não n'ó sou. Dizei. O Estado espera ;  
Brites, nunca. Assim praz ao vosso Rei. Quisera  
Vossa Real Mercê (eu era em meu conselho)  
que elle de nós se alongue. . .

D. BRITES

É de justiça espelho  
e espelho de prudencia. Elle, Senhor, me assista.

D. AFFONSO

Mandae o que vos praz.

*(Aos conselheiros, que um pouco se avisinham)*

Requer a vossa vista  
e conselho a Rainha.

D. BRITES, aos mesmos

E o forte amparo vosso.

*(Pausa. A D. Affonso)*

Quisera-vos dizer quanto cuidei. . . não posso.  
E ha pouco, supplicando a imagem de Maria,  
tanto lhe prometti que tudo vos diria !  
Senti valor então, e hesito agora, hesito ;  
tremo agora ante Affonso ; apenas posso um grito  
d'alma erguer ante vós. . .

D. AFFONSO. carinhoso

O que é mester, dizer-m'ó,  
Senhora, ousae, vos peço.

D. BRITES

Affonso, impoñde termo  
ao desamor que aparta um pae d'um filho. Eu tremo  
não sei de quê ; ou sei. Vejo d'extremo a extremo,



luctas, e sangue, e morte. Á maior dor sou pronta ;  
mas a tal dor não sou.

D. AFFONSO, colerico

A culpa d'esta affronta,  
de que soffreis, e eu raivo, a Affonso acaso cabe ?

D. BRITES

Meu coração de culpa e peccador não sabe ;  
não saiba o vosso, Affonso. Ha culpas ? esquecei-as.  
Ha reu ? não inquiraes. Culpas não ha tão feias,  
nem peccador tão mau, que Deus e um pae não queira  
perdoar.

D. AFFONSO

Mão de Rei tem de ser justiceira.  
Esquecer o passado ? ! E do porvir quem ousa  
ser fiador ao Rei ?

D. BRITES

Quem ? Eu ; a vossa esposa.

D. AFFONSO

A minha esposa é mãe ; e toda mãe, suspeita.

D. BRITES

Se meu suspeito abono El-Rei, que é padre, engeita,  
outro vos dou de pronto : o vosso filho . . .

D. AFFONSO, interrompendo

Tive  
um filho e herdeiro, é certo ; ignoro onde ora vive.  
Somente sei que vive : assaz me tem pungido.

D. BRITES

O passado é passado e esquecido.

D. AFFONSO

Esquecido !  
é mais duro esquecer que perdoar.

D. BRITES

Senhor,  
 que vos não ouça Deus. Suppondes peccador  
 o Infante? Ouvi-o. Deus no castigar é lento.  
 A filho é facil dar perdão e esquecimento.  
 Sois Rei, mas Rei que é Padre; ouvi-o pois. É goso  
 clemencia, e não rigor, a grandes Reis. Não ouso  
 supplicar-vos por mim; supplico-vos por Christo!  
 Pedro, quer-vos pedir. . .

D. AFFONSO, com certa aspereza

Mas, basta. Não desisto  
 de ouvil-o, descansae.

D. BRITES, com jubilo

Vós!

D. AFFONSO, emendendo-se

Eu! o meu Meirinho.

D. BRITES

Carece elle de Pae, de paternal carinho,  
 não de leis e juiz. É coração que apura  
 a dor; quer mão de Pae; toda outra mão é dura.

D. AFFONSO

Eu proprio ouvir a Pedro, ouvil-o um delegado,  
 que monta? Ao meu Meirinho incumbe de uso e estado  
 o encargo.

D. BRITES

O poder regio, embora n'um limite  
 breve, por bem commum se alheia e se transmite.  
 Outro poder, porem, mais alto e mais sagrado,  
 avesso a transmissão, não soffre delegado.

D. AFFONSO, incerto

Que poder!

D. BRITES

O de Pae. Ora a vós, Padre, eu fallo,  
 e Pedro quer fallar. É filho, se é vassallo;  
 e o Pae, se é Rei, é pae. Pedro é leal; venera. . .

D. AFFONSO

O que vos disse, eu, Rei, é dito ; não se altera.

D. BRITES

Falle-lhe o Pae primeiro, e só depois o Rei.

D. AFFONSO

Enganaes-vos. O envez pedem-n'ò usança e lei :  
falle-lhe o Rei primeiro, e só por seu Meirinho ;  
depois, o Pae ; depois. É este o bom caminho  
e a pratica melhor.

D. BRITES

O conselho é presente ;

ouvi-o.

D. AFFONSO

Ouçò o conselho em duvidas somente.  
Elle sabe o que é lei, que nunca lei se altera.  
Impero eu só no trono e em mim só o juz impera.

D. BRITES

Em vão pedi, Senhor ? Partirá desairada  
Brites de vosso lado ? Um rogo meu já nada  
vale cerca de Affonso ?

D. AFFONSO

Um rogo vosso, tudo,  
ou quasi. Meu affecto apenas sinto mudo,  
quando o emmudece a lei.

D. BRITES

Lei haverá, que mande  
dar pena, e grande, a filho, a esposa, pena, e grande ?

D. AFFONSO

A do Reino.

D. BRITES

A de Deus, Senhor, que é Rei dos reis,  
diz o envez.

*(Pausa longa)*

D. AFFONSO

Que me quer o Infante ? São crueis  
as novas que me vêm do seu procedimento.

D. BRITES

Rei e Senhor, sois Padre, ouvi-o manso e attento.

D. AFFONSO

Eu, não ; eu não.

*(Abbrandando)*

Meu mando ao vosso instante rogo,  
cedendo em parte só, em parte só revogo.  
O Rei decide ouvil-o ; o Rei, o Rei somente.  
Feitos ruins, que eu sei, verei se os bem desmente.

D. BRITES

Pedro merece o vosso amor...

D. AFFONSO

O que merece  
terá ; sou justiceiro. A justiça, parece,  
é virtude que pouco inda se acata e presa.  
A torto. Incumbe aos Reis mantel-a em tudo illesa.  
Se Roma foi tão grande (e foi tão grande Roma!)  
deve-o só á justiça. Ella corrige e doma  
todo instincto ruim, todo ruim desejo.  
Ella...

*(Enquanto falla, o Infante entra, ajoelha-se-lhe aos pés e beija-lhe submisso a mão)*

Por Deus ! que é isto ?

## SCENA IV

Os MESMOS, o INFANTE e D. GONÇALO

INFANTE, de joelhos

Eu que me inclino e beijo  
as vossas mãos de Pae...

D. AFFONSO

E Rei. Bom é que intendas :  
O Rei e o Pae são um. Dizem provaveis lendas  
que o esqueces muita vez ; mas, pelo Ceu ! não esqueças...

D. BRITES

Então, meu Rei !

D. GONÇALO

Senhor!

D. AFFONSO. a D. Gonçalo

Apraz-me que appareças

mas prefiro-te só.

*(Para o Infante quasi aspero)*

Levanta-te. A humildade,  
para que a Deus agrade, e para que me agrade,  
convem que seja da alma ingenua, pura; e essa...

D. BRITES

Por Deus!

D. AFFONSO

Mal duvidei...

D. BRITES

Piedade!

INFANTE

Uma promessa,  
meu Pae, meu Rei, ouvi. Sou, ser-vos-hei, submisso  
quanto jamais ninguem foi a seu Rei. Serviço  
que a ninguem praza, é meu, só meu, embora a vida  
arrisque no prestal-o. A mais forçosa lida  
por vós me ha de ser doce. A morte quantas vezes  
a ordene aceno vosso, a feros Leonezes,  
a bravos Castelhões, a torpes agarenos,  
a irei buscar. Por vós desprezarei venenos,  
afiados punhaes, a affronta mais pungente...  
Dae-me porem de novo, e agora eternamente,  
o affecto singular que outr'ora merecia  
ao vosso coração.

D. AFFONSO, medita um momento

É boa, mas tardia

a vossa prece

D. BRITES

Affonso, e tanto vos pedi...

INFANTE

Pae, a vossa afeição que tive e que perdi!

D. AFFONSO

Por vossa culpa. Sou co'os que são brandos, brando.

D. BRITES

Em vão vos pede a vossa esposa. . .

D. GONÇALO

Perdoando,  
e esquecendo por nós, do summo Deus se alcança  
perdão e esquecimento.

D. AFFONSO

À alma humilhada e mansa  
só Deus perdoa e só perdoam Reis.

INFANTE

Então,  
bem pode perdoar-me o vosso coração :  
manso e humilhado estou.

D. AFFONSO

Pedro, menos protestos  
tão leves de dizer, menos submissos gestos,  
faz-n'os qualquer jogral, e mais cumpridos feitos  
de filho e de vassallo.

*(O Infante ergue-se de salto)*

D. GONÇALO

Entrar humanos peitos,  
scrutar-lhe as intenções, quem, senão Deus, pretende ?

D. AFFONSO

Eu.

D. BRITES

Vós ?!

D. AFFONSO

Sou Rei. Um Rei tudo devassa e entende.  
Descemos do alto os Reis.

D. BRITES

Pois se avisinha a C'roa  
frente, que a cinja, ao ceu, o ceu, senhor, perdoa.

D. AFFONSO

Sabe tambem punir.

D. BRITES

Não, se perdão promette.

D. AFFONSO

Eu nada prometti.

D. GONÇALO

Setenta vezes sete

Deus manda perdoar...

D. AFFONSO

Basta que vãs disputas  
 não são do meu agrado. Aprazem-me outras luctas.  
 Palrar é de menino e o pranto é de mulheres.

D. BRITES

Meu Rei...

D. GONÇALO

Senhor!

D. AFFONSO, aspero

Chitão!

*(Sem olhar o Infante)*

Levanta-te. Que queres?

INFANTE

Ha muito estou de pé; nada, Senhor, vos quero.  
 Pensaes, em vez de pae, ser-me juiz severo.  
 Á vontade.

D. GONÇALO, para o Infante

Senhor, então?

D. BRITES

Meu Pedro.

INFANTE, continuando

Sede!

D. AFFONSO, encara-o duramente; depois desdenhoso

Mil graças! Ora traz bom lanço a minha rede.  
 Nella me vem, por Deus! licença de meu filho  
 de ser o que me apraz...

INFANTE, para a mãe

Amor, perdão, pedi-lh'ò.  
Formastes esse empenho, e logo o quiz cumprido.  
Heis visto se me é duro ou não vosso marido.  
Mal sabe o que é ser Pae. Fôra villão despejo  
tornar a supplicar. N'outro e melhor ensejo  
mostrar-vos-hei, Senhor, o que de mim heis feito  
e heis feito contra mim. Talvez em vosso peito  
entre remorso então, atroz como um peccado  
que o ceu fulmine, e mau como a alma d'um privado.

D. AFFONSO

Ameças-me?

INFANTE

Não, por Deus! não ameaço...

D. BRITES, para D. Affonso

Lembrae-vos que sois Padre e Rei.

D. AFFONSO

É o que ora faço.

D. BRITES, para o Infante

Lembrae-vos que sois filho e sois vassallo.

INFANTE

Lembro,  
mas quisera esquecer.

D. AFFONSO

Não findará Dezembro,  
sem t'ò fazer lembrado.

(A D. Brites)

A edificante scena  
quiz evitar; mas vós... Soffrede a justa pena.  
Accuso eu, Rei, ao Rei da vã debilidade  
com que, sem dó da lei e sem pudor da idade,  
cedeu do que ordenara, e tanto a vosso rogo.  
Agora o que mandei, mandei; não n'ò derrogo.  
Não findará Dezembro...

INFANTE

Ouvi-o já. Aguardo  
quanto vos aprouver.



D. AFFONSO

Confia em mim ; não tardo.

INFANTE, desdenhoso

Dissestes já.

*(D. Affonso arremette ao Infante. A Rainha interpõe-se e quasi ajoelha)*

D. BRITES

Meu esposo e meu senhor !

D. AFFONSO. levantando-a rapido e quasi reprehensivo

Então ?

Tropeçastes ? Por Deus, Senhora, a vossa mão.

*(Para os tres)*

Segui-me.

*(Sae acompanhado de D. Brites, que chora)*

## SCENA V

Os MESMOS, menos D. AFFONSO, a RAINHA e D. GONÇALO.

D. GONÇALO entra depois

INFANTE. interpondo-se á sahida de Pacheco, Gonçalves e Coelho

Vós, parae. Parae, sou eu que o mando.

Não sei, nem val saber, que traça o vosso bando.

Avento em cada qual de vós riço inimigo.

Isso basta-me ; sobra. Ouvi-me um caso antigo :

Enliçava-se em tempo, e com fortuna, trama  
contra inimigo Infante e contra certa dama.

Temor não sei de que, nem é mister sabel-o,  
formava a vil conjura e lhe ateava o zelo.

O Infante, d'uma vez (é mais que ser privado,  
só menos que ser Rei, o ser Infante) ousado  
poz fim no exilio, trouxe a dama a Santa Clara.

Mas aos tres da conjura antes, de cara a cara,  
em parabola antiga expoz miudamente,

a formada tenção. «Quem, por seu mal, intente

«alçar contra ella a mão, paga-o — lhes disse — juro ;

«tarde ou cedo. De muito, em vil mister me apuro :

«sei do prostrado cerdo arrebatat á mão,  
«dos peitos ou da espadoa aberta o coração.

*(Designa Pero Coelho e Alvaro Gonçalves)*

«Não deslembra o que aprende a minha mão lembrada».  
Assim fallou. . .

D. GONÇALO, entrando

Ainda aqui, Senhor ?

INFANTE

Narrada

quiz deixar, por licção, parabola discreta  
aos do Real Conselho.

D. GONÇALO

E vossa madre inquieta,  
e em lagrimas por vós !

INFANTE

Oh ! doce mãe coitada !

*(Vae a sair com D. Gonçalo. Volta-se aos tres)*

Fallei claro ; ouvis bem ; não vos direi mais nada.

## SCENA VI

Os MESMOS, menos o INFANTE e D. GONÇALO

DIOGO LOPES

Entendestes ?

*(À parte)*

A tempo uma licção é de oiro.

PERO COELHO, tocando o peito

Hade encontrar o meu maior do que o de um toiro,  
e mais leal que o de um cavallo.

ALVARO GONÇALVES

Na ferida,  
que abre do moço Infante a mão entorpecida,  
não cabe, eu vol o juro, o meu.

DIOGO LOPES

Não intendestes...

ALVARO GONÇALVES

Sou prestes para a lucta.

PERO COELHO

Até á morte prestes.

E ella?

ALVARO GONÇALVES, sinistro

Tem de morrer.

PERO COELHO

Sim, morrerá.

OS DOUS

Juramos.

*(Saem)*

DIOGO LOPES, seguindo-os; áparte

Ruge o leão com fome e incalçam-n'os dous gamos.



## JORNADA III

Quadra singella e vasta. No topo, grande portal que dá, quando aberto, para breve patamar de pedra e escada. Ao centro, meza e escabellos toscos. A um lado, ampla lareira accesa. A outro, armario de portas embebido na parede. N'um recanto do fundo escada que sobe em caracol. É route.

---

### SCENA I

TELLO e. ALDONÇA

*Tello, abancado, acaba de limpar uma faca de matto. Aldonça, jinto á lareira, cabeceia meio adormecida.*

TELLO, erguendo-se

Sus, Aldonça, sus!

ALDONÇA, acordando de salto

Que é, Tello?

É vindo o senhor Infante?

TELLO

Sim, é vindo.

ALDONÇA, alvoraçada

Onde está?

TELLO, mostrando-se

Vel-o!

Chegadinho deste instante.

ALDONÇA, estremunhada

Onde?

TELLO, designando-se

Aqui.

ALDONÇA

Quem? tu? Ruim  
perro!

TELLO, ri

Ah! ah! ah!

ALDONÇA

Boa graça!  
Que frio faz!

*(Torna á lareira)*

TELLO

Faz? que faça!

ALDONÇA

Esperta este fogo.

TELLO, recusando-se

Eu, sim!

Pouco me dou da lareira.  
Pouco! Nada. Não me aquece.  
Eu, quando o Tello arrefece,  
aqueço-o d'outra maneira.  
Ora, nota, e, se te agrada,  
faze como eu.

*(Bebe um largo trago)*

ALDONÇA

Beberrão!

TELLO

Sem vinho, uma tal noutada  
dava comigo no chão,  
mortinho.

ALDONÇA

Tanta demora,  
sem mais que, dá-me cuidado.

TELLO

Pois que resava o mandado?

ALDONÇA

Que vinham cedo.

TELLO

E é deshora?  
Noutes de findo Dezembro  
dão para tudo.

ALDONÇA

Bem sei!

Mas...

TELLO

Mas, o quê?

ALDONÇA

Mas, se El-Rei...  
Tremo toda se me alembro...

TELLO

Não te alembres. E não ha,  
para estornar má lembrança,  
como o vinho: pucha-a ú pança,  
dá-lhe morte e logo a dá.  
Experimenta.

ALDONÇA

Não quero.  
Por mais que prego e reprego,  
sempre a beber! T'arrenego!

TELLO

Sempre, é mentira. É, se espero  
e... se não espero...

ALDONÇA

Um momento.

Deixa o vinho.

TELLO. largando o copo

Já deixei.

ALDONÇA

E se acaso o senhor Rei...  
És attento?

TELLO, distraído com o copo

Sou attento.

ALDONÇA

Se El-Rei, com hostil rompante,  
por esses maus descampados,  
se sae com armas e armados  
escontra o senhor Infante?

TELLO

Não me alembres cousas tristes  
que me obrigas a beber,  
Aldonça!

ALDONÇA

Má reira!

TELLO

Insistes!

Mal te chego a perceber.

ALDONÇA

Mas pensa um momento nisto.

TELLO

Vá, feito. Cá estou pensando.  
Mas pelas chagas de Christo!  
não me dirás onde, quando,



porque, e como, e com quem  
havia El-Rei de arrancada  
sair assim? Fallei bem!

ALDONÇA

Tu inda não sabes nada.

TELLO

Não! Assim Deus me perceba!  
Has medo que ao filho saia  
El-Rei, e em sangrenta vaia  
lhe arranque ás mãos a manceba.

ALDONÇA

Manceba! Esposa.

TELLO

Pois seja!

ALDONÇA

Pois seja! Pois é. Mulher  
recebida como quer  
nossa Santa Madre Igreja.  
A Senhora Dona Ignez,  
filha d'um Castro, o da Guerra!  
Acha nesta ou noutra terra  
dona igual.

TELLO

Pois, sim! Mas vê  
que sei tudo.

ALDONÇA

Mas não sabes  
que hoje, esta noute, ás occultas,  
aqui virá...

TELLO

Tu consultas?  
Sei tudo isso. Não acabes.

ALDONÇA

Sabes tambem em que parte  
se fica em manso recato,

se do instante desacato  
logra salvar-se ?

TELLO

Dêsta arte  
não vens a acabar. Não sei.

ALDONÇA

Nestas casas. E depois ?

TELLO

Dizes ?

ALDONÇA

Vá lá.

TELLO

Saberei.

ALDONÇA

Mas olha que só nós dois . . .  
Se presumem que o dissémos . . .  
Segredo e muito segredo.

TELLO

Deixa estar, Aldonça.

ALDONÇA

Hei medo . . .

TELLO

Não hajas medo. Co'os demos !

ALDONÇA, em confidencia

Hade ficar neste asylo,  
havido por logar santo,  
a Senhora Infanta, enquanto  
os tempos vão neste estylo . . .

TELLO

Aqui fica até bisnetos,  
ao geito que as cousas tomam.

ALDONÇA

Não se sommam annos? Sommam.  
 Não morrem os mais discretos?  
 Morrem. El-Rei não é velho?

TELLO

Ha muito que dura.

ALDONÇA

Então!  
 muda o Rei, muda o conselho,  
 muda tudo.

TELLO

Tens razão!  
 E os infantinhos?

ALDONÇA

Em quanto,  
 ficam sob a asa da avó.

TELLO

Louvo, applaudo, e tanto, tanto,  
 que vae mais um gole. Um só.

ALDONÇA

Não te emendas. Vou-me embora  
 Ficarás sem saber cousa...

TELLO

Não vaes.

ALDONÇA

Pois vou.

TELLO

Fada, esposa,  
 deixa...

ALDONÇA

Não, e não.

TELLO

Agora!

ALDONÇA

Vou e vou.

*(Sobe a escada e desaparece)*

## SCENA II

TELLO, só

Vae com mil brecas!

Que mondongo de mulher!

Agora é quanto eu quizer.

*(Pega d'um pichel)*já tinha as guelas secas  
de tanto a ouvir farfalhar!*(Bebe)*

Abasta.

*(Larga o copo, mas toma-o logo)*

Inda um golpe e á lida.

*(Bebe de novo)*

Não tarda um credo a partida.

Vejo-a d'aqui a malhar

na arrenegada ladeira.

*(Batem de fora)*

Batem? Nada. Urro do vento.

*(Batem de novo e com mais força)*

Batem, sim. Vou n'um momento

Quem bate desta maneira

é frade, fidalgo ou démo,

que é raça da mesma madre.

Benzi-me e comtudo tremo.

*(Toma d'uma lampada. Vae a porta)*

Quem bate :

VOZ DE FORA

Em nome do Padre,

do Filho e Espirito Santo!

Amen. Irmão, agasalho.

Fria é a noute e estrada e atalho  
tudo é gelo e neva tanto !

TELLO

São romeiros.

*(Destranca o postigo)*

### SCENA III

TELLO, GIL EANES e FERNÃO VAZ  
Pagens, escudeiros, cavallariços, etc.

TELLO, para Gil Eanes e Fernão Vaz, que entram primeiro

Deus vos traz.

Eis franca a entrada á lareira.

GIL EANES, embuçado

Nossa Madre e Padroeira  
vos proteja.

FERNÃO VAZ. embuçado tambem

E vos dê paz !

TELLO, sem advertir nelles

Fecha o postigo, e ao lar.  
Sentae-vos que eu já vos trago  
com que hajaes de jarrear.

GIL EANES

O ceu vos dará bom pago.

*(Desembuça-se)*

TELLO, attentando nelle

Usaes estranha esclavina  
por signal de devoção.

GIL EANES, revendo-se

Si, é. E esta espada fina  
em vez de grosso bordão.

*(Entretanto pagens, etc. tem entrado)*

TELLO, n'um impeto  
Aqui do Infante . . .

GIL EANES, segurando-o. Amigavel

Caluda !  
Dom medroso d'uma figa !  
Não farisca a gente amiga  
toda esta arraya miuda ?  
Homens de prol ! Falcoeiros,  
professos na altanaria.  
Monteiros que em bisarria  
dão de rosto a cavalleiros.  
Mui gentil cavallariço,  
guapo escúdeiro, alvo pagem . . .  
Vimos todos ao serviço  
do Infante nesta romagem.  
Eu sou Gil, o menestrel,  
que vencera um cherubim  
no trovar ao bandolim  
trovas mais doces que o mel.  
Cumpre a promessa e verás.

TELLO

Fizestes então, mofinos,  
por burla de peregrinos.

GIL EANES

Si, é.

TELLO

Á bem ! Lume e paz  
heis de ter.

GIL EANES

Não é bastante.

TELLO

Pois que mais ?

GIL EANES

A pinga santa.

TELLO

Mas que é do senhor Infante  
e mais da senhora Infanta ?

GIL EANES

São em porto e salvamento.  
Busca-os nas casas de cima.

TELLÔ

Isso é serio ?

GIL EANES

Quem se estima  
não mente, nem por augmento  
de glorias no paraizo.  
A formosa cavalgada  
poz feliz termo á jornada  
sempre em canto e sempre em riso.  
Palavra de trovador.

FERNÃO VAZ, ironico

Cousa é de peso.

GIL EANES, desintendido

Sabido.

FERNÃO VAZ, para Tello

Trovador e burlador  
rimam em som e sentido.

TELLO, para Gil Eanes

Mentiste ?

GIL EANES

Verdade disse.  
Deixae palrar linguareiros

TELLO

Pagens, moços, escudeiros  
sois de má conta. Elle ri-se !  
Quem me socega ?

FERNÃO VAZ

Eu socego.  
Chegaram vossos senhores  
e em bem chegaram.

TELLO

Renego  
de bufões e burladores.

FERNÃO VAZ

Um Vaz não mente.

GIL EANES

É eu menti?

FERNÃO VAZ, motejando

Ha linguas muito compridas...

GIL EANES

Dae-me cutellas buidas  
que eu vol-as córto. Aprendi.

FERNÃO VAZ

Dom bravateiro, se as cortas  
como tanges sanfonina,  
são poucas as linguas mortas  
dessa destreza assassina.

GIL EANES

É que sempre ao talho é dura  
qualquer lingua; nanja a tua.

FERNÃO VAZ

Nunca sangrou mordedura  
de perro ladrante á lua.

GIL EANES

Não grunhas, se tens cutella  
e com fio a pobre está.

FERNÃO VAZ

Queres vel-a?



GIL EANES

Quero vel-a.

FERNÃO VAZ

Pois quando te apraza.

GIL EANES

Já.

*(Arremettem um ao outro. Os demais seguram-os e separam-os)*

FERNÃO VAZ, para Gil Eanes. Desdenhoso

Meu pintasirgo na muda!

GIL EANES, para Fernão Vaz. Idem

Meu macio pedernal!

TELLO, interpondo-se

Ralé do inferno! Caluda!  
Que estaes em Paço Real.

UM PAGEM

Figura do nosso rancho  
n'um de só dous pontos briga:  
qual vasa pichel mais ancho,  
qual canta melhor cantiga.

OUTRO

Tendes razão.

O PRIMEIRO

E vós, Tello...  
Assim vos chamaes.

TELLO

Tal qual.

O PRIMEIRO

T azei vinho e á farta

TELLO

Um bello  
vinho, um vinhinho real,  
d'enche-pança, — tu que o digas  
pança minha — vos trarei ;  
mas heisde cantar cantigas  
e bellas trovas de rei.

GIL EANES

São feitos ajustes.

TELLO, indicando os pichéis

Vede !

E que vinho ! Se haveis fome . .

GIL EANES

Sede apenas nos consome,  
e só de bom vinho sede

TELLO

Então é beber que farte  
e trovar ao bandolim.

*(Tomam dos copos)*

PRIMEIRO PAGEM, a Gil Eanes

Tu és mais sabido na arte,  
começa tu.

TELLO, vae enchendo os copos

Eu por mim

prefiro trovas de amores.

PRIMEIRO PAGEM

É fino amator.

GIL EANES

Sem liga.

Luctas, guerras são horrores ;  
destoam n'uma cantiga.

*(Senta-se. Toma do bandolim e preludia. Todos o cercam)*

## PRIMEIRO PAGEM

Nem chus, nem bus.

*(Faç-se silencio)*

GIL EANES

Se vos praz

dir-vos-hei garrida trova,  
com que enredei garça nova  
sabida de Fernão Vaz.

*(Gesto de arremesso de Fernão Vaz. Os demais con-  
teem-o. Gil Eanes canta)*

Da servidão já sentias  
as penas, meu coração ;  
e dessas penas fugias.  
Porque outra vez te prendias  
nas penas d'uma tenção.

Pena, que pena não hade  
sentir de ti ninguém, não.  
Desmereces piedade :  
tem penas a liberdade  
quiseste as da servidão.

Vivias horas serenas,  
sem penas, pois sem tenção.  
Tornaste-te a novas penas.  
Ninguém se pena, se penas,  
pena-te pois, coração.

*(Applausos, menos de Fernão Vaz)*

TELLO

São vossos?

GIL EANES

Meus são.

TELLO

Garrida

trova ensoada a primor.

GIL EANES

Nada ha mais doce na vida  
que trovas, que vinho e amor.  
Abaixo os copos.

*(Todos bebem, menos Fernão Vaz)*

PRIMEIRO PAGEM

D'um trago.  
 Ao cantor e ao seu cantar  
 que sabe á Provença. Affago  
 suave como o luar  
 ou como caricia amiga.

FERNÃO VAZ

Tange agora a mim a vez.

TELLO

His cantar ?

FERNÃO VAZ

Uma cantiga

TELLO

Em gallego ?

FERNÃO VAZ

Em portuguez.

TELLO

Cousa vossa ?

FERNÃO VAZ

Cousa minha.

PAGEM

D'amores ?

FERNÃO VAZ

D'amores pena  
 este meu peito que espinha  
 fundo o olhar d'uma morena.

*(Dispõe-se a cantar. Para Gil Eanes).*

Tange á trova sanfonina,  
 senhor do airoso corpete.

*(Gil Eanes arreda-se com arremesso)*

Não? Deixal-o. Trova fina  
 sobre si tem mais sainete.

GIL EANES, áparte

É prenda nova.

FERNÃO VAZ, de taça em punho

De graça!

quem quer que eu minha obra encime  
quem ama e vive encha a taça,  
beba-a d'um sorvo.

*(Todos bebem, excepto Gil Eanes)*

Ora ouvi-me.

*(Pausa. Encarando em Gil Eanes)*

Menina de verdes olhos,  
só a certo Gil perversos,  
deu-me em paga destes versos  
beijos e beijos aos molhos.

*(Gesto de Gil Eanes. Tem-n'o os demais)*

«Senhora, partem tão tristes,  
meus olhos por vós, meu bem,  
que nunca tão tristes vistes  
outros nenhuns por ninguém».

TELLIO

Bella entrada!

GIL EANES

Ao certo boa;  
mas delle não tem palavra.

FERNÃO VAZ

Esta é só da minha lavra.  
A que lhe ouvistes, achou-a.

GIL EANES

Mentis!

FERNÃO VAZ

É palavra dura  
essa palavra.

GIL EANES

Si, é.

FERNÃO VAZ

Talvez abre a sepultura.

GIL EANES

Abra-a agora. Sus!

FERNÃO VAZ

De pé!

*(Todos se erguem, cercam e seguram os contendores)*

Arreda, cantor ruim!

GIL EANES, desenleando-se

Finde-se a velha pendencia.

Quem ama a gaia sciencia

seja por ella e por mim!

FERNÃO VAZ

Fizeste sósinho o insulto:

escusas de armar baralha.

Procuras de balde malha

para escapar no tumulto.

GIL EANES

Fanfarrão!

FERNÃO VAZ

Que se decida

entre nós sómente o pleito.

Braço a braço.

GIL EANES

Peito a peito.

Tiro-te ou tiras-me a vida.

A punhal.

*(Desembainha o punhal)*

FERNÃO VAZ, idem

Seja a punhal.

PRIMEIRO PAGEM, rindo

Pulso a pulso; garra a garra.

SEGUNDO PAGEM

Mas quer-se lucta bizarra ;  
quer-se combate leal.

PRIMEIRO PAGEM

O campo se dilimite.  
*(Faç praça para a lucta*

SRGUNDO PAGEM

Quem hade ser o juiz ?

PRIMEIRO PAGEM

A mim me pertence o envite.

SEGUNDO PAGEM

Pois seja.

TELLO, ao primeiro pagem

Assento que ris.

*(Vendo dispor o combate)*

Em paços reaes tal briga !  
Ruim canalha, eu vos fallo.

PRIMEIRO PAGEM

Bagatella.

SEGUNDO PAGEM

É rixa antiga.

Cal'te lá.

TELLO

Vaes ver se calo

*(Vae junto á porta e toca a rebate n'uma sineta)*

Aqui do Senhor Infante !  
Aqui do Infante. Acudi.

PRIMEIRO PAGEM

Deixa acabar o descante.  
Depois bradarás.

TELLO

Aqui . . .

*(Todos em tropel cercam a Tello e seguram-n'o)*

## SCENA IV

Os MESMOS, o INFANTE, pagens e escudeiros com tochas,  
e D. IGNEZ

INFANTE, descendo em pressa

Quem brada por mim? Quem brada  
pelo Infante? Pronto acudo.  
Aqui estou.

*(Tudo emmudece)*

È quedo tudo!

Esta subita calada...!  
Acaso ruim bruxedo  
despertou tal borborinho?  
ou bulhaveis em folguedo  
de rufiões de mau vinho?  
Tello! Hade haver quem me pague,  
se isto é grosseiro entremez,  
a bruta scena que fez  
a golpadas de azorrague...

TELLO

Eis-me, Senhor...

INFANTE

Que foi isto  
Quem fez da minha pousada,  
pousada real, por Christo!  
arrayal de ciganada?  
Gil Eanes, és discreto,  
fallas por arte. Reconta.

GIL EANES

Praticava-se em quieto  
e ledó rancho, sem conta  
de mau feito, senão quando,  
de subito, vago dicto  
arma entre todos conflicto  
e o rancho desanda em bando.



INFANTE, para Tello

Tu que dizes ?

TELLO

Nada vi.

Grã balborda, de rebate.  
Para estermar do combate  
lançei-me a bradar : Aqui  
do Senhor Infante ! e a campa  
logo a tangel-a sem pausa . . .

INFANTE

Pois heisde apurar-me a causa  
do reboliço. Quem campa  
de tão volteiro e sanhudo  
hade pagar-m'ó. Eramá !

D. IGNEZ, que se tem aproximado do Infante sem ser notada delle

Que tem o meu doce tudo ?  
Tão acceso, e alheio está,  
que não me vê, não me sente,  
não me adivinha . . . ?

INFANTE, com transporte

Adorada

Ignez, julguei-vos dormente.  
Foi tão rude a cavalgada !  
Não vos prostrou ?

D. IGNEZ

Mal pudera  
junto de vós.

INFANTE

Tão fragueira  
não vos julguei, nem tão fera !

D. IGNEZ

Não sou esposa e companheira  
do mais fino monteador  
das Espanhas ?

INFANTE

Vosso affecto  
 explica tanto louvor.  
 Á sombra de regio tecto,  
 motim de rasteiro impulso  
 turbou teu dormir tranquillo,  
 meu anjo bento. A punil-o  
 me dispunhá a rijo pulsô.

D. IGNEZ

Não punas, Pedro. Uma estreia  
 de lagrimas não desejo.  
 Não deve faltar ensejo  
 para lagrimas.

INFANTE

Sois cheia,  
 Ignez, de graça e meiguice.  
 Nunca o perdão foi justiça  
 fraqueza ás vezes.

D. IGNEZ

Se eu visse  
 gente tanta, e tão submissa,  
 persistir no desagrado  
 de meu doce Infante, quando  
 eu vos supplico . . vos mando,  
 que perdão lhes seja dado . . .

INFANTE

Perdão ! Pois, sim ; só perdoa  
 quem não pense com dureza.  
 Dac-me, bem sabeis, fraqueza.  
 Vós não quereis que me doa.

D. IGNEZ, supplicante

Doce Pedro !

INFANTE

Sois mulher.  
 Desconheceis quanto custa  
 não punir com mão tão justa,  
 tão pronta quanto a lei quer.

D. IGNEZ, muito instante  
Pedro !

INFANTE, cedendo a custo  
    Á bem ! Por esta vez ;  
mas só por esta. E ninguem  
do feito inquiria. Tambem  
quer isto e m'o pede Iñez.

D. IGNEZ  
Tristezas á minha vinda  
Não foram ruim agouro ?

INFANTE, leva-a a um dos escabellos, onde a senta e encára-a carinhoso

Vede se ha face mais linda  
sob fios mais finos de ouro.

*(Para todos)*

I-vos em paz. Descansae.  
É tarde e para a caçada  
cumpre erguer de madrugada.  
A lua sahindo vae  
e ha muito que o gallo canta.  
I-vos em paz. Perdoados  
vos quer a Senhora Infanta.

*(Todos vem beijar de joelhos a mão de D. Iñez e  
saem lentamente)*

INFANTE, a Fernão Vaz de joelhos  
Adverte que meus enfados  
me fazem mau, falcoeiro.  
Usa tambem caparão.  
Bem sabes, Vaz, que o falcão  
Só vale se é caparoeiro.

FERNÃO VAZ  
Foi mocidade que em nós...

INFANTE  
Pois treina-a em ti e por ti.  
Toda alma é bravo nebri;  
mas chega a acceitar pioz.

*(A Gil Eanes de joelhos ante D. Iñez)*

Tu de tão seguro tino  
no concertar da guitarra  
na barulhenta algazarra,  
destemperaste, mofino  
Gil Eanes, meu amigo  
e menestrel.

GIL EANES, com gaiatice

Desconcerta  
a mão talvez mais esperta...

INFANTE

Pois toma tento contigo,  
se presas tua pessoa.

GIL EANES, no mesmo tom

A mão fere com destreza;  
mas a corda de mais tesa,  
ou solta de mais destoa.

INFANTE, sorrindo

Guar-te! E leva-me á caçada  
teu bandolim de alta prova,  
feitura de mãos de fada,  
alguma sirvente nova,  
cousas de riso ou de pena,  
doce canção, fina esparsa,  
rifão vivo, alva, serena...

*(Para D. Ignez)*

Se vós, meu Collo de Garça,  
não preferis vol-o deixe  
para engano de saudades  
de que alguém que eu sei se queixe.

D. IGNEZ

Não, que minhas soledades  
comigo sósinha illudo,  
pondo o sentido no gosto  
de te ver fero e bem posto  
de novo e em breve, meu tudo.

INFANTE, com effusão

Santa!

*(Para Gil Eanes)*

O dito dito.

*(Saem todos deixando aberto o portal)*

## SCENA V

D. PEDRO e D. IGNEZ

INFANTE, a D. Ignez sentada ainda e absorta

Espero

não sejaes triste.

D. IGNEZ

Não sou ;

não sou triste, que não quero  
entristecer-vos.

INFANTE

Não vou

só por meu goso. Aos privados  
de meu padre, ameacei-os :  
justo é que lhes dê receios  
e me não deem cuidados.  
E é bom que saibam... Vereis  
que não me avirá perigo ;  
sempre é sisudo o inimigo  
d'um neto de muitos reis.  
Por vós...

D. IGNEZ

Por mim...

INFANTE

Quem ousara... ?

Um nada o pagaram caro.  
Achaes-vos em Santa Clara.  
Sois sob o potente amparo  
de minha tão santa avó.

Demais, este braço ao perto  
rijo, audaz, comprido e certo  
pune e ao longe, inerte e só.  
Sou infante e Portuguez...  
Tremeis?

D. IGNEZ

Não tremi.

INFANTE

Senti-o.  
De que tremeis, minha Ignez?  
Foi receio? apenas frio?  
Aberto o vasto portal  
deixa que fique á lareira  
o ar agudo e glacial  
das noutes da nossa Beira

*(Sobe até o portal)*

D. IGNEZ, seguindo-o

Não, meu Pedro, não foi frio.  
Foi, foi, nem eu sei o quê.

*(Ante o portal aberto. Depois de pausa)*

Sentis quão brando e macio  
corre o ar? Que noute!

INFANTE

Vê,

Ignez, como a lua cheia  
luz no espaço e derramada  
por essa varzea pasmada  
da branda luz que a prateia.  
Pulsa a vida sob a enorme  
mudez deste alvo sudario;  
mas em leito funerario;  
se é morte é morte que dorme.  
Em nada o ceu, que se arqueia  
menos suave que Ignez,  
falla em voz mais clara e cheia  
que nesta infinda mudéz.

Foge-me o espaço restricto,  
ascendo e perco-me em Deus  
perante o azul infinito  
da noute, ou dos olhos teus.  
Quão suave é a soledade  
de dous que une amor commum.  
É-lhes nada a eternidade;  
que os dous são dous, mas são um.

## D. IGNEZ

Se em breve, Pedro, e em má hora  
houver de morrer de feito,  
deixe Deus que eu morra agora  
em que me ampara o teu peito.  
Fôra a morte um dom superno  
na dulcissima illusão  
de dormir meu somno eterno,  
assim, no teu coração.

*(Põe-lhe no peito a cabeça)*

Que eu não soffrera d'altiva  
que me arrancassem d'aquí;  
e morta ficava viva,  
pois morta ficava em ti.  
Nada tem que mal importe  
a morte na sua essencia,  
senão que a ideia de morte  
involve a ideia de ausencia.  
Amasse-te eu, quando morta,  
d'amor sentido e confesso,  
e a morte fôra-me a porta  
do ceu, que desejo e peço.  
O proprio ceu me parece  
que não dá goso, magoa  
se em Deus de tudo se esquece  
a alma que para Deus voa.  
Que se me apague da gloria  
perpetua, o perpetuo brilho;  
mas não, mas nunca a memoria  
de ti, meu Pedro, meu filho.

Isso, não. Julgas-me louca ?  
 Sim, louca de amor, talvez.  
 Mas, basta. A palavra apouca,  
 sinto-o, quanto sente Iñez.

## INFANTE

Fallaste em morrer ! Não vês  
 que não embargando o inverno,  
 tudo é meigo e doce e terno  
 tudo vive e quer Iñez ?  
 A fallar em morte quem  
 no olhar, na voz, no semblante  
 tem o poder penetrante  
 do que é vida e vida tem.  
 Quem poderia co'a maga  
 virtude que amor encerra  
 das sombras da ignota plaga  
 volver-me de novo á terra.  
 Tal nome, de atroz feitio  
 apaga o riso na bocca,  
 que abre quando um riso a touca  
 as portas do empyreo ; eu vi-o.  
 Não o digas mais. Bem vês  
 que, inda no Nada do inverno,  
 tudo em torno é meigo, é terno  
 tudo te ama e pede, Iñez.

*(Durante esta última estrophe ouvem-se arpejos distantes de guitarra. Pausa)*

D. IGNEZ

Schiu !

*(Cessam os arpejos)*

INFANTE

O que foi ?

D. IGNEZ

Não ouviste

nesta mudez que se sente  
 passar o tremulo triste  
 d'uma guitarra gemente ?

INFANTE

Nada ouvi.



D. IGNEZ

Vagos arpejos.  
prenuncios de cantilena,  
meiga, suave, serena  
como murmúrio de beijos.

INFANTE

Nada ouvi.

D. IGNEZ

Escuta.

UMA VOZ

Ó que pesca tão real  
que se faz em Portugal.

Ao som das quietas aguas  
me vou deslizando ao mar  
co'um mar de sentidas maguas  
no meu peito a marulhar.  
Não tens, mar das tristes aguas,  
mais sentido soluçar.

Á pesca, á pesca real  
que se faz em Portugal.

Vem bem querelloso o rio,  
o rio correndo ao mar;  
correm lagrimas em fio  
destes olhos sem parar.  
Não ha ahi mais triste rio,  
não ha mais triste chorar.

É fado. Á pesca real  
que se faz em Portugal.

Rouba-me a lida á doçura  
ao calor de amigo lar;  
aponta-me a sepultura  
na agua ao longe a arfar, a arfar...  
É tão fria a sepultura  
que as ondas abrem no mar!

Tão fria! Á pesca real  
que se faz em Portugal!

Sei que heide morrer asinha  
no meu lidado lidar;  
mas em tua alma, era minha,  
não me deixes acabar...  
Viva em ti eu, alma minha;  
bem basta morrer no mar.

Adeus! E á pesca real  
que se faz em Portugal.

D. IGNEZ

É bem triste  
em tal noute um tal lamento!  
Sim, a dor maior que existe  
é o pavor do esquecimento.  
Que eu por mim sinto, adivinho  
e creio d'um crer profundo  
que deve extinguir-se o mundo  
primeiro que teu carinho.  
Mas jura-me...

INFANTE

Um pensamento  
de magua...

D. IGNEZ

Não foi. Mas jura  
que nunca...

INFANTE

Presentimento  
d'impossível desventura,  
sob o azulado docel  
deste ceu que te ama e brilha,  
t'inspirou a tonadilha  
desse ignoto menestrel.  
Não juro.

D. IGNEZ

Jura. Não é.  
 Vem a morte, em riso ou dor,  
 de leve e pé ante pé;  
 não tem nem quer precursor.  
 Presentimentos! Loucura!  
 Não estás tu tão sem cuidado?  
 Mas deseja, doce amado,  
 Ignez que lhe jures, jura.

INFANTE

Pois juro e crê que serena,  
 convulsa, ou triste, ou festiva,  
 a vida ser-me-ha pequena  
 para amar-te ou morta ou viva.

D. IGNEZ. beijando-o chorosa  
 Não palavra, um beijo explique  
 todo o prazer que me deste.

INFANTE

Tu choras, anjo celeste!  
 Não chores. Queres que eu fique?  
 Não cumpro a palavra dada.  
 Aqui fico. Irei mais tarde  
 á prometida caçada.  
 Podem chamar-me cobarde?  
 Podem. Chamem. Quem creria?  
 Mas tome-o alguém á má parte.  
 Tudo aceito para dar-te  
 um vislumbre de alegria.

D. IGNEZ. com resolução

Nunca. Vae, vae. Cá te espero  
 na mais sentida anciedade  
 que pode ter-se. Só quero  
 pensar na volta. Quem me hade  
 tolerar quando vieres!  
 Vae, vae, meu Pedro. Uma vaga,  
 vaga sombra, que se apaga,  
 que se apagou... As mulheres

têm muito menos juízo  
e tino que coração.  
Amam demais. É preciso  
que ralhes muito, senão,  
coitado! a cada momento  
direi: «Doce esposo, fica.  
Um cruel presentimento...»  
Não pode ser.

INFANTE

Minha rica  
e santa Ignez! O gamello  
eu sou, vós o veio puro  
que sequioso procuro.  
Vem este dizer tão bello  
na Escriptura. Eu nem intendo  
a vida sem ti.

D. IGNEZ, acarinhando-o

Bonito!

*(Pausa)*

INFANTE

Mas ingano-me, ou estou vendo  
meu escudeiro, Mem de Brito,  
trazendo á mão meu murzello...

D. IGNEZ

Já o divisava ha bocado.  
Vem hoje muito apressado  
Mem de Brito. Estranho zelo!

INFANTE

Não será fóra de termo  
não passa o tempo a quem ama.

D. IGNEZ

A sitio remoto ou ermo  
ou notado por má fama  
de façanhas singulares,  
não vás que tanto m'inquieta.

INFANTE, risonho

Não vou; a caça é discreta,  
nada quer com taes logares.

D. IGNEZ

Não rias...

INFANTE

Não!

*(Fallando para fóra)*

A partida...?

*(Para D. Ignez)*

Vou deixar-te.

D. IGNEZ

Vaes? Só peço  
que te não esqueças...

INFANTE

Não esqueço.

Isto não é despedida.  
Uns dias passam ligeiros.  
Quero esse rostinho enxuto.  
Não vestem damas de lucto  
se seus fieis cavalleiros,  
ao som de guerra, se vão  
ás refregas da mourama.  
Que se dirá d'uma dama  
que ennoitece o coração  
porque seu esposo por brenhas,  
por montes vae, de passada,  
caçar em mansa caçada  
perdizellos e garcenas?  
Rosto enxuto. Nem um beijo  
mais vos darei, se choraes.

D. IGNEZ

Não choro, se é teu desejo.

*(Beijando-o)*

Mais outro. Inda outro. Inda mais.  
Tres dias. Nem mais um dia.

INFANTE

Nem mais um dia será.

D. IGNEZ

Juras á Virgem Maria ?

INFANTE

Juro a ti. Adeus.

*(Despede-se)*

D. IGNEZ

É já ?!

INFANTE

É já, minha Ignez, que os meus  
esperam... Adeus! Cuidado!

*(Encara nella, affasta-se, torna e beija-a)*

Um por não terdes chorado!

Minha Ignez! Adeus!

*(Vae partir)*

D. IGNEZ, enlaçando-o nos braços

Adeus!

Tres! não quatro, ou cinco, ou seis...

Tem bem presente.

INFANTE

Sim tenho.

Só tres. É meu grato empenho,  
vir antes dos Santos Reis.

D. IGNEZ

Pela tardança d'um dia,  
d'um dia, de poucas horas,  
muito, muito, eu choraria...

INFANTE

Eu te prometto, não choras...

Adeus!

*(Desprende-se rapido e parte)*

D. IGNEZ, depois de pausa

Partiu. Doce incanto!

*(Contempla para fora por alguns instantes absorta e silenciosa)*

Vejo-o; mas já me não vê.

*(Pausa. Agita um lenço)*

Adeus! Sou triste, porquê?

*(Sente-se a guitarra)*

Triste e tanto, tanto, tanto!

A VOZ DO PESCADOR, vae-se afastando

«Sei que heide morrer asinha  
no meu lidado lidar;  
mas em tua alma, era minha,  
não me deixes acabar...»





## JORNADA IV

Casas do Infante visinhas do mosteiro e paços de Santa Clara de Coimbra. Oratorio de D. Ignez. No topo, altar com imagem de Maria, velas, lampadas accesas, etc. No canto cortado da direita, alcova. No da esquerda, janella. Portas de serventia aos lados.

---

### SCENA I

D. IGNEZ, n'um tamborete em frente do oratorio.  
ALDONÇA e CUVILHEIRAS, sentadas no chão. Oram. Pausa.

D. IGNEZ

Á celeste Imperadora  
pedi nesta Ave-Maria  
que me traga, em breve e embora,  
o nosso Infante. Que dia!  
O tempo triste, parado;  
o esperar sem termo e em vão!

*(Ás cuvilheiras)*

Devotamente heis orado.  
Fervor de amiga oração  
vence-a; é mãe.

PRIMEIRA CUVILHEIRA

O ceu permitta.

## SEGUNDA CUVILHEIRA

Tanto, senhora, o queremos!

D. IGNEZ

Permittirá. Infinita  
é sua piedade. Oremos!

*(Põe as mãos; inclina a cabeça. Pausa brevissima)*

Ide agora a vossos leitos.  
Vossas rezas são já dictas,  
e vossos encargos feitos  
por hoje. Ide.

*(As cuvilheiras beijam-lhe a mão e sahem)*

## SCENA II

D. IGNEZ e ALDONÇA, que se colloca em frente de D. Ignez  
e encara-a fitamente

D. IGNEZ

Falla. Hesitas?

*(Como ferida de lembrança subita)*

Já sei; desejas me esqueça  
da peccadilha ligeira  
dessa pobre cuvilheira...  
Vê tu que ruim cabeça!  
Perdoei já tudo, tudo.  
Só me esqueci de o dizer.

ALDONÇA

Tal não é.

D. IGNEZ

Pois que ha de ser!  
Que gesto tão carrancudo.

ALDONÇA

Pois se eu vou ralhar...

D. IGNEZ

Se queres,  
se sabes e podes, ralha.

ALDONÇA

Da minha ou da vossa igualha  
que fracas somos. Mulheres!  
Por uma ausencia de nada,  
não ha, do Mondego ao Minho,  
tão desmaiado rostinho,  
alma tão desconsolada.

D. IGNEZ

Partiu Pedro, e mal partira  
entrou-me um desgosto immenso.  
Penso comigo e repenso:  
Que louca! e rio. Mentira!  
Uma tristeza infinita,  
e tanta vontade, tanta,  
de chorar, tanta...!

ALDONÇA

Uma Infanta,  
e tão sisuda e bonita,  
dizer tal. Mexeriqueira,  
eu tudo lhe heide contar  
quando alguém que eu sei voltar...  
Pudera! Isto é lá maneira!

D. IGNEZ, num impeto infantil de alegria

Presumes que inda heide vel-o?  
Jura que sim.

ALDONÇA, com fingida impaciencia

Que fadario  
agora o meu!

D. IGNEZ, com effusão

Meu cabello,  
Virgem Santa do Rosario!  
farei que se vos consagre,  
todo e talhado mui rente,  
se me acabaes o milagre  
de volver-me o doce ausente.  
Morrerei depois sem pena.

ALDONÇA

Morrerdes vós! Que dizeis?  
Meus santos devotos Reis,  
uma comprida trezena  
se a tão ruim creancice  
pondes termo. Alegre, linda,  
devereis de estar co'a vinda  
do nosso Infante!

D. IGNEZ

Se o visse...!

ALDONÇA

Hoje vem. Quando promette  
não sabe faltar.

D. IGNEZ

Deus te ouça.

ALDONÇA

Eramá! Menina e moça,  
vem-lhe tristuras ás sete.  
Uma sombra de ciume...  
Um nadinha de despeito...

D. IGNEZ

De que e porque?

ALDONÇA

Perfeito,  
quem se imagina, presume.  
Maldades de anjinho bento!  
Amuosinhos apenas.  
Deus não vos mande outras penas;  
mas de taes vos mande um cento.

D. IGNEZ

Consola ouvir-te ralhar.

ALDONÇA

Mais vos ralho, se vos praz.

D. IGNEZ

Basta e vae, má entre as más.  
Desejo sósinha orar.

ALDONÇA

Sósinha!

D. IGNEZ

Sósinha!

ALDONÇA

Dois  
corações resam melhor.

D. IGNEZ

A bem! resamos depois.  
Tenho ora prazer maior  
em ser só comigo. Creio  
que me hade assim ouvir logo.

*(Indica a Virgem)*

E sinto menos enleio,  
menos pejo quando rogo.  
Depois que ligeiro somno  
me tenha até a chegada  
de meu guerreiro e meu domno.  
Que interminavel caçada!

ALDONÇA

Sempre o esperar foi mofino.  
Se, acaso, de mim percisa  
a minha Senhora avisa,  
e eu logo torno. Assassino  
não virá, nem roubador.  
Não vos parece?

D. IGNEZ

Parece.

ALDONÇA

Tudo isso em beijos se esquece  
quando o real caçador  
diga: Aquí estou! d'improviso.

Se me ajudasse a memoria,  
 contar-vos-hia uma historia  
 que havia fazer-vos riso.  
 Mas amanhã...

D. IGNEZ

Amanhã,  
 Aldonça, m'a contarás.

ALDONÇA

Sereis então mais louçã.  
 Já outra. Ora!

D. IGNEZ

Vae-te em paz!  
 A prazer de Deus me fico.

ALDONÇA

Mas o dicto...

D. IGNEZ

Dicto, sim!  
 Resa por elle.

ALDONÇA, amimando-a

Que rico  
 geitinho de cherubim!  
 Heis de chamar...

D. IGNEZ

Chamarei.  
 Vae, pois.

*(Aldonça sae)*

D. IGNEZ, chamando rapida

Aldonça!

## SCENA III

D. IGNEZ, só

Deixal-a!

Que lhe queria? Nem sei.  
 Nada. Não! N'aquesta sala  
 lhe ia pedir que dormisse.  
 Fôra mais perto de mim.  
 Terror... De que? Creance!  
 Não era, não. Era, sim.  
 Bem sei que me querem mal,  
 e só por eu querer bem,  
 quanto sei e posso, a quem  
 tanto me quer. Não ha tal!  
 Mas porque haviam matar-me?  
 Triste coitada! Supponho  
 que mal nem sequer por sonho,  
 o tenho feito. Que se arme  
 um rei e tantos, e tantos,  
 e só contra mim, duvido.  
 Mas então porque trepido?  
 Sei que trepido. Quebrantos  
 de animo fraco... Isso não!  
 São Castros e Valladares,  
 nomes dos mais singulares  
 em Portugal e Leão.  
 Ambos são meus. Por meu mal  
 não o esqueça.

*(Vae até a janella. Contempla por um momento a noute)*

Ó noute serena!

inunda-me a alma, que pena,  
 na paz que te inunda! É tal  
 o poder da phantasia,  
 quando a alma palpita em ancia,  
 que escuto um bando a distancia  
 em trigosa correria...  
 Não sinto nada. Illusões  
 de alma que receia e anhela!  
 Fiz as minhas orações.  
 É tarde. Hei frio. A janella,

prefiro-a fechada. Alguem . . .  
 Quem ousava ? Não me importa ;  
 fecho-a.

*(Fica um momento absorta)*

Que noute ! Mas tem  
 na paz de hoje, muda, morta,  
 não sei que de triste !

*(Fecha a janella e volta lentamente para dentro)*

Apago  
 estes brandões. Fez na cera  
 longa a vela um bravo estrago.  
 Não virá ? Mas promettera.  
 Vem de certo. Queria  
 fazer-me chorar ? Uma Ave,  
 bem cá de dentro, á suave  
 madre nossa. Ave, Maria !

*(Resa em voz submissa. Benze-se)*

Amen ! — Sinto um retintim  
 d'armas e armados em pressa.

*(Escuta)*

Nada sentiste, confessa,  
 pobre Ignez.

*(Á Virgem)*

Orae por mim !

*(Dirige-se á alcova. Vae repetindo machinalmente)*

«Sei que heide morrer asinha  
 no meu lidado lidar.»

*(Interrompe-se)*

Por estranha maravilha,  
 desse cantor que não vi,  
 nunca a triste tonadilha  
 me sae d'aqui ou d'aqui.

*(Designa a cabeça e o coração. Entra á alcova. A  
 scena frouxamente allumiada, fica por alguns ins-  
 tantes muda e solitaria)*



## SCENA IV

ALDONÇA, TELLO e D. IGNEZ

ALDONÇA, entrando

Senhora, Senhora minha,  
Erguei-vos, senhora, já.  
Depressa.

D. IGNEZ, entrando da alcova

Que é?

ALDONÇA

Adivinha  
meu coração cousa má.

D. IGNEZ

Que é?

ALDONÇA

Más novas.

D. IGNEZ

Falla.

ALDONÇA

El-Rei. .

D. IGNEZ

Como El-Rei?

ALDONÇA

El-Rei que investe  
seguido de altiva grei,  
em armas. . .

D. IGNEZ

Como o soubeste?

ALDONÇA

Eu própria o vi.

D. IGNEZ, corre á janella

Desta banda  
 não se divisa o portal.  
 Disseste que em pressa...

ALDONÇA

Em tal

que não aguarda, nem manda  
 se lhe descerrem as portas,  
 como a rei, de par em par,  
 vindo assim por horas mortas  
 fel-as á força arrombar.

D. IGNEZ

Que dizes!

*(Vendo Tello)*

Tello!

*(Entre si)*

Perdida!

TELLO

Vossas servas e donzellas  
 como tropel de gamellas  
 ou presas ou de batida...

D. IGNEZ

Vós só ficastes.

TELLO

Só nós.

Mas eu lucto e vos defendo.

D. IGNEZ

Nunca, Tello.

TELLO

Á vossa voz,

como um leão, caso vendo...

Sou velho, mas inda sei  
 que fui besteiro do conto.

Ponho á cara a bésta, aponto  
 e era uma vez um rei...

D. IGNEZ, reprehensiva

Tello!

TELLO

No entrementes cerro...

*(Vae fechar a porta)*

D. IGNEZ, estorvando-o

Somos em Paço Real.

Contra El-Rei se errei, não erro.

Praça a El-Rei.

TELLO, resmungando

A Belial!

*(Olha da porta para fora)*

El-Rei!

D. IGNEZ, com angustia. Á Virgem

Torre de marfim,  
cingida de mil broqueis,  
mais que armadas, mais que reis,  
valeis vós...

TELLO, entre si. Raivoso

Eis a que eu vim?

D. IGNEZ, dirige-se á porta por onde se sente que chega D. Affonso

Sosinha a buscal-o saio.

## SCENA V

Os MESMOS, D. AFFONSO, DIOGO LOPES, PERO COELHO e ALVARO GONÇALVES. Sequito de escudeiros, homens de armas, etc. empunhando lanças, espadas; alguns, tochas. Entram de tropel.

D. IGNEZ, para D. Afonso

Vossa Real Mercê não estranha  
rompendo em ira tamanha  
ver-me em tamanho desmaio.

TELLO, interpondo-se  
A minha garrucha é pronta

ALDONÇA, idem  
E pronta a morrer sou eu.

D. AFFONSO, sanhudo; encara alternada e mudamente os dous. Aos seus

Levae-me essa velha tonta,  
e esse besteiro sandeu.

*(Tello e Aldonça são presos e levados. Para D. Ignez)*

Agora, nós.

D. IGNEZ, faz menção de ajoelhar

Por quem sois,  
que vossa augusta clemencia,  
senhor, desculpe a demencia  
desculpavel desses dois.

D. AFFONSO, arrebatado

Cuidae de vós que em presença  
estaes de vosso juiz  
e condemnador.

D. IGNEZ

Eu que fiz  
contra o meu rei ?

D. AFFONSO

É sentença.  
Não soffro que se discuta ;  
nem lhe consinto tardança.  
Pagareis, senhora astuta . . .

D. IGNEZ

Eu, senhor ?

D. AFFONSO

Abasta. Cança.  
Heis de morrer por maus feitos  
que haveis praticado.

D. IGNEZ

Quaes?

D. AFFONSO

Para meirinho, nem geitos,  
nem tempo tenho demais.

D. IGNEZ

Vosso meirinho decida.

D. AFFONSO

Onde eu estou ninguém tem voz.

*(D. Ignez vae fallar)*

Basta, disse. Inutil lida.  
Os meus reinos contra vós  
pedem morte. Maus peccados  
vos assacam.

*(Gesto de D. Ignez)*

Já vos disse  
que não soffro contrastados  
actos meus. A tal malice  
minha alma em mil raivas freme.

D. IGNEZ

Tenha Deus de mim piedade,  
pois a não tendes...

D. AFFONSO

Verdade,  
verdade, dizeis, estreme,  
não n'a tenho. Outrem a tenha.  
Amen. Comtudo tão breve  
não quero que a morte venha  
que em tantas culpas vos leve.  
Espero. Pedi perdão  
a Deus de vossos peccados.  
Se os desejaes confessados  
trago-vos hi confissão.

D. IGNEZ

Pois tenho de morrer já?

D. AFFONSO

Sim, tendes já que já tarda.

D. IGNEZ

Sem ver meu anjo da guarda,  
sem ver...

D. AFFONSO

Ninguém vos verá.  
Não tendes que ver ninguém.

D. IGNEZ

Pensae, Senhor, que mataes,  
matando esta vida, mais,  
que não vos merecem...

D. AFFONSO

Quem  
me ousara inquirir, pardiez!  
rei eu sou porque vos mato?  
Mas sois ré do desacato  
maior que nunca se fez.

D. IGNEZ

Não sou. Juro-vos.

*(Gesto de D. Affonso)*

Dizei-o.

A não ser que amor tão forte,  
que é vida e da vida esteio,  
culpa seja e me dê morte.

D. AFFONSO

Não é só culpa d'amor,  
a culpa que vos dá morte.  
Se sois lidima consorte  
de Pedro, se peccador  
é Pedro, e vós peccadora  
de culposa mancebia...

D. IGNEZ

Não sou...

D. AFFONSO

Que foreis, senhora.

Peor crime é rebeldia.  
Sagrastes para mór brilho  
de vossos amores vis  
fazer revel ruim filho.  
Eis porque vos sou juiz,  
condemnador e saião.  
Morrerá quem por seu mal,  
ousa a meu sceptro real  
erguer sacrilega mão.

D. IGNEZ

Eu, como ?

D. AFFONSO

Por maus viezes  
para vosso . . . barregueiro  
leváveis-me o sceptro inteiro,  
se . . .

D. IGNEZ

Oh ! não, oh ! nunca mil vezes !  
Nunca pensei tal maleza.

D. AFFONSO

Não mintaes ! Para tal crime  
não bastava a profundeza  
do inferno !

D. IGNEZ, fica por alguns instantes immovel, como absorta;  
depois avisinha-se de D. Affonso,  
toma-lhe a mão e condul-o solememente ante o oratorio

Senhor, ouvi-me.

Aquella sagrada imagem,  
vêde, é da Virgem Maria.  
Beijou-lhe a santa roupagem  
minha mãe, quando morria.  
Veio em mãos d'um cenobita  
da augusta Jerusalem.  
Não teve o mundo, não tem  
outra mais santa e bemdicta.

Não soffre, por seu condão,  
na veneranda presença  
feitura de grave offensa  
sem tremenda punição.  
E nada ha que tanto a fira,  
no esplendor do immenso trono,  
quanto invocal-a em abono  
d'imperdoavel mentira.  
Agora vede se custa  
ser clemente á pobre Ignez,  
que jura á Sublime, á Augusta,  
que tal culpa oh ! não, não fez.

D. AFFONSO, que durante as palavras de Ignez se descarapuçou  
e ficou a contemplar aterrado a imagem

Aquella imagem, Ignez . . .  
Não me dissestes ?

D. IGNEZ, com firmeza  
Aquella.

D. AFFONSO  
E jurarieis por ella  
se eu vos mandasse outra vez ?

D. IGNEZ  
O que vos jurei, jurava  
mil vezes, Senhor, e logo.

D. AFFONSO, baixo a Diogo Lopes  
É cousa rara, Diogo,  
tal imagem, cousa é rara.

ALVARO GONÇALVES, a El-Rei  
Mas, senhor . . .

D. AFFONSO, sem o attender  
Quero mais perto  
ver a expressão viva e boa  
d'aquelle olhar.

*(Approxima-se e contempla-a. Entre si)*

Franco, aberto,  
brada-me na alma : Perdoa !

*(Alto)*



Ignez, pensei comigo. Ide  
a vosso leito.

D. IGNEZ, com effusão

Que escuto ?

D. AFFONSO, a Diogo Lopes e Alvaro Gonçalves

Minha alma não se decide.  
Hesito. Ou antes : não lucto ;  
já decidi. Essa imagem  
é cousa santa. Notae-o.

D. IGNEZ

Senhor, vossa mão...

ALVARO GONÇALVES, áparte

Um raio  
na malfadada viagem...

PERO COELHO

Não ha tal feito !

D. AFFONSO, a D. Ignez que lhe beija as mãos

Agradece  
á Virgem, não ao teu rei.

ALVARO GONÇALVES, baixo a D. Affonso

Não deis tal perdão.

D. AFFONSO

Já dei.

Bem que eu faça, não me esquece.  
Grão milagre a Virgem fez.  
Vinha irado ora sou brando ;  
e meus olhos marejando  
não sei bem o que. Ignez  
havia errado ; esqueci-o.  
A luz desse olhar bemdicto  
fez-me, ó espanto, manso e pio.

D. IGNEZ

Oh meu Senhor!

D. AFFONSO

Necessito

ao estranho dó que me invade  
de contar-me entre os culpados.  
Vae-te em paz.

*(D. Iguez dirige-se lentamente á sua alcova. D. Affonso segue-a enternecido com o olhar)*

## SCENA VI

Os MESMOS menos D. IGNEZ

ALVARO GONÇALVES, a D. Affonso

Nossos peccados  
fizeram vossa piedade.

D. AFFONSO

Não é ré. Assim m'o diz  
quem por força de virtude,  
não illude, nem se illude:  
aquella imagem. Tu ris,  
Diogo?

DIOGO LOPES, com seriedade fingida

Senhor, não rio.

ALVARO GONÇALVES

Fallou-vos a santa Imagem?  
Fez-vos saber por linguagem  
que tal ré não era?

D. AFFONSO

Ouvi-o.

Senti-o. A coitada Ignez  
por testemunha a supplica  
e a imagem divina fica  
tal qual, Diogo, ora a vês.

DIOGO LOPES

Mas quem fallou no sobr'ano  
poder da Imagem sagrada,  
não foi Ignez? Não! que engano!

D. AFFONSO

Foi Ignez. Que mais?

DIOGO LOPES, inclinando-se

Mais nada.

D. AFFONSO, entre si

Diogo Lopes duvida.  
Bem pode ser... Porém, não.

*(Alto)*

Cousa é minha e decidida:  
dei-lhe, está dado, perdão.

ALVARO GONÇALVES

Ah! Senhor, a escarneo tal  
Ora viemos nós cá!  
Que se perca Portugal  
por uma mulher!

D. AFFONSO

Eu já  
te disse o bastante, amigo.  
Ora aconselho silencio.  
Pensa alguém que fiz mal, pense-o;  
mas não n'ó diga.

DIOGO LOPES, entre si

Eu não digo.

ALVARO GONÇALVES

E a c'roa que ancia perjura  
vos inveja...

D. AFFONSO

É cousa incerta.

ALVARO GONÇALVES

E a mancebia em que atura...

D. AFFONSO

Punivel, se é, sem referta,  
provada, por sabia lei  
do de mui santa memoria  
meu louvado Pae, El-Rei  
Dom Dioniz...

DIOGO LOPES, muito devoto

Que seja em gloria!

D. AFFONSO, continuando

É sem duvida? não é.

ALVARO GONÇALVES

Nega o infante e ninguem ousa  
negar nunca a própria esposa.  
Ha prova melhor?

D. AFFONSO, abalado; áparte

A fé!

ALVARO GONÇALVES

E vosso neto Fernando  
que espoliado por ella  
será sem duvida, quando...  
abirdes mão da tutella.

PERO COELHO

Vosso conselho, — justiça! —  
pois nenhum medo o quebranta  
guardail-o para carniça  
d'um Infante e d'uma Infanta?

ALVARO GONÇALVES

Infanta!

PERO COELHO

Amanhã rainha  
e com tal rei.

ALVARO GONÇALVES

Duros annos.  
Cuidae, senhor.

D. AFFONSO, muito abalado

Na bainha  
não metto a espada; mas... vamos  
*(Sae arrebatado com todos)*

## SCENA VII

D. IGNEZ, só; abre a porta, observa e entra.

Partidos! Já não n'os sinto.  
Respiro emfim. Se á ventura...

*(Vae á porta e observa)*

Ninguém. Fecho: Um fero instincto...

*(Hesitando)*

Não. Fecho, sim.

*(Fecha rapidamente a porta e vem ante o oratorio. Pausa)*

Virgem pura!  
Bem me mandaste, mãe minha,  
tel-a em doce e vivo int'resse:  
talvez á santa Rainha  
um dia a vida devesse.  
Mas se lhe importa que eu morra,  
minha vida é d'elle, dou-a.  
Ninguém venha e me socorra.

*(Para a Imagem)*

Pecco em pedir-t'ó? Perdoa.  
É por meu Pedro que eu tremo.  
Por elle tudo se perca,  
por elle o meu bem supremo.

*(Acerca-se da porta)*

Sinto... é certo, alguém que alterca

*(Escuta)*

El-Rei com Pero Coelho,  
Gonçalves, Lopes Pacheco...  
El-Rei falla duro e seco,  
Este subito concelho...

*(Volta á scena)*

E Pedro! não imagina,  
que não me acode. Coitado!  
Tão distante e sem cuidado,  
incaça, apupa, abosina,  
por essa gandra maninha  
o cerdo, contente e forte:  
e eu no emtanto aqui sosinha  
luctando em ancias de morte.  
Se partiriam... Não ousou.  
Chamar... mas ninguem me sente.  
Tão longe! Será prudente  
fugir... Não! Meu doce esposo,  
acode a Ignez que te adora,  
á tua Ignez.— Sinto passos.  
Nem posso os tremulos braços...

*(Em grande terror)*

É já chegada a minha hora.

*(Batem á porta)*

Batem. São elles.

ALVARO GONÇALVES, de fora

De pressa,  
em nome d'El-Rei, abri.

D. IGNEZ

Uma sahida travessa...  
Oh! não! dirão que fugi.

*(Para a Virgem)*

Comvosco fico.

*(Arrombam a porta)*

## SCENA VIII

D. IGNEZ, ALVARO GONÇALVES e PERO COELHO

ALVARO GONÇALVES, irrompendo em scena

Em tal acto  
tanta perfidia nos lança...

D. IGNEZ, com serenidade  
Assim se quebra o recato  
d'uma alcova? É nova usança.

ALVARO GONÇALVES  
Quebro-o sem culpa. Enviou-me  
quem pode o que quer. Sois ré.

PERO COELHO  
Da parte d'El-Rei...

D. IGNEZ, interrompendo-o  
Á fé!  
ousaes invocar-lhe o nome  
ao cumprir tal villania?

PERO COELHO, n'um impeto  
Ré villã, sois vós, só vós.

D. IGNEZ, encarando-o  
Contra mim d'antes erguia  
n'uma injuria Pero a voz?  
Ah meu Pedro!

*(A Alvaro Gonçalves)*

Se heis recado  
d'El-Rei, dizei-m'o e cumpri-o.  
Senão e já...

*(Indica-lhes a sahida)*

ALVARO GONÇALVES  
Tal mandado...  
faz riso e não ira; e eu rio

D. IGNEZ

Senhores, mais tento em vós  
não venhaes a arrepende-vos

ALVARO GONÇALVES

Somos muito vossos servos;  
mas quem manda somos nós.  
Em nome de Deus, El-Rei  
nos manda fazer justiça...

D. IGNEZ

Em quem?

ALVARO GONÇALVES

Em alguém que enliça  
sem vergonha a ruim lei.  
Certo Infante que...

D. IGNEZ

Mas onde  
aventaes o reu? Mostrae-o.

ALVARO GONÇALVES

Vós!

D. IGNEZ

Eu?! A ré só responde  
que sahis vós ou eu saio.

ALVARO GONÇALVES, interpondo-se-lhe  
Nem nós, nem vós.

D. IGNEZ, em angustia

Grito.

PERO COELHO

Grita

vã!

D. IGNEZ

Aqui do Infante!



ALVARO GONÇALVES, crescendo para ella

Abasta!

Nas garras de açon de casta  
eis-te emfim, garça maldita!

*(Aferra-lhe o pulso e toma do punhal)*

D. IGNEZ

Fere, villão! Numa dama  
é bem facil pôr mão rude.

*(Alvaro Gonçalves larga-a e afasta-se, deixando cahir o punhal)*

Senhores de força e fama,  
que esperaes? Ninguem me acude.  
Heis rijos pulsos — senti;  
á baixeza almas opostas,  
se preferis pelas costas,  
eu vol-as volvo, feri.

*(Entre si)*

Não posso mais. Sinto o pranto...  
Abafo na alma de dor...

*(Pausa. Alvaro Gonçalves arremete. Pero Coelho toma-lhe rapido o passo)*

PERO COELHO

Alvaro! Alguem... pára emquanto...  
Ha passos no corredor...

*(D. Ignez entra na alcova e fecha-a. Pero Coelho e Alvaro Gonçalves correm em fressa á porta)*

## SCENA IX

ALVARO GONÇALVES, PERO COELHO e DIOGO LOPES

DIOGO LOPES, da porta

É feito cumprido?

PERO COELHO

Não!

DIOGO LOPES, entrando

Ainda não e ereis dois!

PERO COELHO, enleado

Não sei...

ALVARO GONÇALVES, raivoso

Deus ou o demo...

DIOGO LOPES

Pois

tardastes. Trago o perdão.

ALVARO GONÇALVES

Não pode ser. «Lá fazei  
o que quiserdes» nos disse...

DIOGO LOPES

Disse ? Pois bem !

ALVARO GONÇALVES, continuando

Faz bobice

quem fia acaso em tal rei ?

DIOGO LOPES

Um mandado da rainha  
que roga, supplica, implora  
o perdão.

*(À parte)*

Menti.

PERO COELHO

Eu tinha

previsto este lança...

ALVARO GONÇALVES, inquieto

E agora ?

DIOGO LOPES, cortejando-os por mofa

Agora, Alvaro, Coelho,  
é resignar santamente  
a sangrar na garra e dente  
d'Ignez e Pedro...

ALVARO GONÇALVES, supplicante  
Um conselho  
não tens, Diogo?

DIOGO LOPES  
Si, tenho.

PERO COELHO  
Dize então?

ALVARO GONÇALVES, impaciente  
Dize.

DIOGO LOPES, singellamente  
É matal-a.

PERO COELHO  
Dado o perdão! Não convenho.

DIOGO LOPES  
Ah! tu não convens!

ALVARO GONÇALVES  
Mas falla.

DIOGO LOPES, sarcastico  
Delongae; que é bem perciso.  
Demora de pouca dura  
pode dar nos a ventura  
de ver nosso Infante em viso...

*(Resoluto e rapido)*

Sem reparos infantis  
com presteza e fino aceio  
farei só, e em nada e meio,  
quanto nenhum de vós quiz.

PERO COELHO, hesitante  
Doe-me a covarde facção.

DIOGO LOPES

Corta-lhe logo os gemidos,  
se tens, coitado, os ouvidos  
mui cerca do coração.

PERO COELHO, com resolução subita

Finde-se a traça damnada.  
E já.

DIOGO LOPES

Bravo! — Facção secreta  
carece de luz discreta...  
reduzo esta chamma a nada.

*(Araça a lampada no altar. A scena fica desalumiada)*

## SCENA X

Os PRECEDENTES e D. IGNEZ

ALVARO GONÇALVES, batendo rijo á porta da alcova

Da parte d'El-Rei, que o ordena,  
abri...

PERO COELHO

Da parte d'El-Rei.

D. IGNEZ, assoma á porta. Profundamente abatida

Pronta, submissa, serena,  
aqui me tendes. Se errei,  
prendei-me, julgae, puni...

ALVARO GONÇALVES

Finde a estúpida demanda  
em nome d'El-Rei que manda...

*(Arremette contra D. Ignez que foge espavorida ao altar e ajoelha)*

D. IGNEZ

Que mal vos fiz eu?

ALVARO GONÇALVES, vendo-se sem o punhal,  
a Pero Coelho e Diogo Lopes

Feri.

D. IGNEZ, abraçada ao altar. Supplicante

Oh! não me mateis por ora...  
Meu Pedro... os filhinhos meus...  
Não quero morrer. Por Deus,  
matae-me depois...

ALVARO GONÇALVES

Agora.

*(Lançando-lhe as mãos ao pescoço para a estrangular)*

D. IGNEZ, debatendo-se em agonia

Deixae-me.

ALVARO GONÇALVES, para Pero Coelho

Feri.

D. IGNEZ, procurando soltar-se

Socorro!

Deixae-me viver...

ALVARO GONÇALVES, com grande intimativa a Pero Coelho,  
que arremete por fim

Feri!

*(Pero Coelho apunhala-a)*

D. IGNEZ

Ah! basta! Morro por ti,  
Pedro... Adeus... meus filhos... morro...

*(Alvaro Gonçalves segura-a ainda e deixa-a depois cahir des-  
amparada aos pés do altar)*

PERO COELHO, recua horrorizado; a Diogo Lopes

Diogo, má villania  
havemos feito.

DIOGO LOPES, sarcástico

Cautella

que te esvaneces como ella,  
brando alfenim.

*(Entre si)*

Já o sabia.

ALVARO GONÇALVES, observando D. Ignez  
É morta emfim!

PERO COELHO

Digna é a scena

de nós.

DIOGO LOPES, indicando a Imagem que por instantes esteve contemplando

A imagem divina,  
vedes bem, não nos fulmina;  
olha-nos branda e serena.  
El-Rei é que, manos meus...

ALVARO GONÇAVES

Praz ao povo, a El-Rei agrada.  
Partamos.

DIOGO LOPES, com ironia

O resto é nada.  
Menos que isso: o Infante e... Deus!

# JORNADA V

O scenario da Jornada I. Recamara da Rainha D. Brites.

---

## SCENA I

BEATRIZ DIAS, DULCE AFFONSO, cuvilheiras da Rainha, dormem de recovo nas almofadas do estrado. D. BRITES

D. BRITES, entra e contempla com ar de benignidade  
as duas cuvilheiras adormecidas

Dormem, coitadas! Da alongada vela  
prostrou-as o cançasso.

*(Olhando a uma das janellas)*

Rompe o dia  
a custo. Na janella  
o frio da manhã condensa o orvalho.

*(Escuta)*

Rouqueja ao longe o gallo; a cotovia  
desfere o grito estridulo.

*(Voltando ás cuvilheiras adormecidas)*

Coitadas!  
Despertaes, minha Dulce; a pé, dormente  
Beatriz...

DULCE AFFONSO, acordando

Perdoae-nos: fatigadas...

BEATRIZ DIAS, idem

Inda tentámos resistir...

D. BRITES

É minha  
a vossa culpa. Invejo-vos, não ralho.  
Quando se é esposa, quando se é rainha,  
quando se é mãe mormente,  
o somno é mais esquivo.  
Aos vossos leitos; ide em paz. Mas antes  
que o somno agora as palpebras vos cerre,  
dormidoras gentis,  
á Mãe de Deus em supplicas instantes,  
encommendaes meu Pedro.

BEATRIZ DIAS

Algum perigo  
receaes que lhe avenha?

D. BRITES

N'um sobresalto vivo,  
vejo-os na caça quasi em cada brenha.  
Sustos de mãe que o filho quer comsigo!  
Pedi que todo o mal o ceu desterre  
do monteador fragueiro.

BEATRIZ DIAS

Permittis  
que vos reconte um sonho...? Quem mal sonha  
tem de narrar quanto sonhou...

D. BRITES

Louquinha!  
Pois inda crês em sonhos? Que vergonha!

DULCE AFFONSO

Mas permitti, Rainha.  
Esvaem-se narrados os revezes  
que em sonho aventa mysterioso instincto.



D. BRITES, fazendo-se subitamente séria

Segundo a Igreja, e ao que ella intende assinto,  
são necedade os sonhos. . . muitas vezes.

*(Com firmeza)*

Ide.

*(Dulce e Beatriz retiram-se silenciosas depois de haverem beijado a mão de D. Brites)*

## SCENA II

D. BRITES, só. Fica por alguns instantes pensativa

São sempre necedade os sonhos?  
Talvez envia Deus ás almas puras  
vislumbres de futuro, como envia  
luz ás cristas dos pincaros alpestres,  
quando inda a noute em sombra inunda os vales.

*(Pausa)*

Se da garça formosa o colo frio  
adormeceu na morte, Affonso, Affonso,  
ó meu rei, meu senhor, um Deus piedoso  
se amerceie de nós. Vejo-o, o meu Pedro  
lacerando raivoso os teus dominios  
como lacera o almalho a rubra capa  
na arena que seu pé pulsa e repulsa!

*(Vae rompendo a manhã. Pausa. D. Brites escuta)*

Avisinha-se alguém. Talvez, Gonçalo.

## SCENA III

D. BRITES e D. GONÇALO de caminho

D. BRITES

Sois vós. . .

D. GONÇALO, abatido e triste

Sou eu.

D. BRITES

Que novas?

D. GONÇALO

Ruins novas.

D. BRITES

Consummado o mau feito ?

D. GONÇALO, com agonia

Consummado.

D. BRITES, fulminada

Assassinada Ignez! A minha angustia  
compõe-se de mil dores. Em mim soffro,  
e soffro, e inda mais nelle. Assassinada  
a meiga e linda Ignez! A pobresinha  
que me osculava ha pouco as mãos, tremente,  
e humildosa e em joelhos supplicava  
perdão de tanto amar seu doce Infante.  
Sem mãe, só tendo agora as minhas benções  
e os meus beijos, sem mãe, os meus nétinhos.

D. GONÇALO

Ao dar-me o certo aviso o exacto inculca  
duvidei: d'antes ferros portuguezes  
despontavam-se em carnes de mulheres.

D. BRITES

Como em vão suppliquei piedade em nome  
da misera e de mim ?

D. GONÇALO

Alguns instantes  
hesita incerto El-Rei; mas vossos rogos  
venceram finalmente. Perdoada!  
murmurou.

D. BRITES, erguida e sobranceira

Tal sentença quem ousava  
desacatar ?

D. GONÇALO

O vosso esposo.

D. BRITES

Afonso!

*(Vae ajoelhar ante o oratorio e resa entre soluços)*

D. GONÇALO

El-Rei ás vozes dos ministros cede  
e «Lá fazei o que quizerdes» diz-lhes  
deixando-a a taes villões.

D. BRITES, erguendo-se e enxugando as lagrimas

Basta de lagrimas!

Lagrimas são fraqueza e nas mulheres  
que a mão de Deus dotou co'a angustia e a gloria  
de esposas e de mães, fraqueza é culpa.  
Restaura-me o Senhor da juventude  
os tormentosos dias na velhice...  
Motins, assolações, armada guerra

D. GONÇALO

Entre um infante e um rei...

D. BRITES

O filho e o esposo :

Que é como se dissereis lucta brava  
entre a alma e o coração; entre quem devo  
e quero amar e quem, nem que o quizesse,  
deixaria de amar mais que a mim propria.

D. GONÇALO

Deu-vos exemplo uma rainha...

D. BRITES

E o exemplo  
de tão sagrada mãe me hade ser guia

*(Depois de pausa breve)*

Mas Pedro como dar-lhe aviso  
da tremenda verdade?

D. GONÇALO

Um falcoeiro  
corre entretanto as brenhas, os desvios  
mais buscados de feras e monteiro  
em sua demanda.

D. BRITES

E que recados leva?

D. GONÇALO

Que torne em pressa...

*(Olhando-a com intenção)*

e em pressa acuda a ver-vos,  
a deshoras que chegue, ao vosso alcacer.

D. BRITES, com angustia

A mim o encargo de dizer-lhe: Filho  
arrancou-te uma barbara... justiça  
mais do que vida e mãe ..!

D. GONÇALO, com muita firmeza

A vós, rainha;  
a vós, mãe, esse encargo. As alegrias  
que vêm por mãos de mãe são mais festivas;  
pungem menos tristuras que nos trazem  
maternas mãos.

D. BRITES, desalentada

Mas, Padre, falta-me a alma  
tão conturbada e tanto em magua a tenho!

D. GONÇALO

A mais triste das mães, a mais dorida,  
de mães na angustia, a Mãe benigna e santa  
hade accorrer...

D. BRITES, apoz breve pausa; com angustia

E vós heisde partir-vos  
quando mais quero o vosso amigo amparo?

D. GONÇALO, com affecto

Não partirei. O meu sagrado officio  
longo tracto de affecto em taes gravezas  
assentam-me o logar ao vosso lado.

D. BRITES

Não desampara Deus a quem padece...

D. GONÇALO

Tanto que torne o Infante — e que não tarda  
é dado presumir — eu proprio o guio,  
a vossos pés, Senhora. A vós o dar-lhe  
a tremenda certeza, a mim, dispol-o  
co'o vago murmurar...

D. BRITES

Deus me acompanhe!

D. GONÇALO

Vossa obra é santa, Deus hade abençoal-a,  
como eu vos abençôo. Ao nosso empenho.  
Bem prestes nos veremos.

(Sae)

## SCENA IV

D. BRITES e D. AFFONSO

D. BRITES

Virgem Santa!

Potente valedora! Mãe dolente!  
que sabeis quanto amarga o pranto amargo,  
que pelos filhos verte a dor materna,  
orae por nós. Estrella matutina,  
Castello de David, Insigne Vaso  
de Amor e Devoção, Mystica Rosa,  
orae por nós!

D. AFFONSO, de caminho. Descobre-se ao ver a Rainha  
e contempla-a um momento em silencio. Aproxima-se

Dae-me perdão, se turbo  
entrando á vossa camara a deshoras  
as praticas devotas.

D. BRITES, ergue-se, enxuga rapida as lagrimas

Não me turba  
jamais vossa presença.

D. AFFONSO

Grave assumpto  
me guia a vós, apenas cogitado  
de vosso coração.

*(Pausa)*

De pae benigno,  
a quem foi comettido o guardamento,  
o bem reger d'um povo, fatigou-se  
a já longa paciencia.

*(Pausa)*

Altos queixumes,  
que mudo, inerte ouvira, foi-lhe força  
attender finalmente, porque o imperio,  
que herdou de seus avós e quer intacto  
a seus netos herdar, não sovertesse,  
nas convulsões da raiva, um povo em armas.  
Co'o rei luctava o pae; na lucta, e é justo  
que assim acontecesse, o pae vencido  
curvou a signa ao rei.

D. BRITES, com serenidade

Nem sempre é justa  
a victoria que sobre o amor paterno  
o regio officio alcança.

D. AFFONSO

A regedores  
val dictado supremo, irrevogavel,  
a salvação do povo. É lei de Roma.  
Tem-n'ó alvitrado assim os mais prudentes  
em ambos os direitos.

B. BRITES

Em todo homem,  
summo imperante, humilde pegureiro,  
impera a mesma lei. A todos cumpre  
obedecer-lhe e em tudo.

D. AFFONSO

Os reis havemos  
emanação de Deus, outros direitos.  
Assim o pede a gloria.

D. BRITES

E Deus recusa.  
Que nunca, em seus preceitos, vi distinctos  
do povo os reis.

D. AFFONSO, em assomo d'impaciencia

Sou eu que vol-o digo.  
Não mente um rei, e falla o vosso esposo.  
Torto não fiz a Deus e fiz direito  
ao povo meu e vosso.

D. BRITES, submissa

Fio e espero.

*(D. Affonso passeia muito agitado)*

Heis cumprido justiça, — que vos turva?  
Já palavras de Brites tanta colera  
movem em Dom Affonso.

D. AFFONSO, acalmando

Nunca, amiga  
e santa esposa minha. Ou, se um momento...  
Perdoae, vol-o peço. Docil, pronto,  
sempre me houvestes e em bem rijos trances.

D. BRITES, brandamente reprehensiva

Sempre, Affonso?

D. AFFONSO, desintendido

Na rude adolescencia...  
que hei vivido, neguei-me a avisos vossos.  
Tredo irmão accendia-me taes iras,  
as fraquezas d'um pae tanto raivavam  
o sangue ao moço infante que... Mas, basta!  
Vae delida a memoria de taes feitos.  
Esposa, e pae, e mãe — ó mãe finada  
e santa — todos já me heis perdoado.

D. BRITES

E não achei, ha pouco, ás minhas preces  
cerrado o vosso coração ?

D. AFFONSO

É certo.

Mais do que vós — sou rei — logrou, comigo,  
a vontade do povo. Não relembro  
o tresloucado amor que o trouxe preso,  
rendido, avassallado, como escravo,  
— elle, infante ! — á vontade d'uma . . .

D. BRITES, atalhando, quasi reprehensiva

Affonso !

D. AFFONSO

Amor, ultraje, um'hora, ás leis mais sacras,  
á fé de esposo, a uma princesa e esposa,  
offensa agora a todo o reino. Amores,  
que em seu ardor impuro, ameaçaram  
de escandalos, de mortes, de ruínas,  
a terra portugueza, quaes infamam  
os da suja Jusman a castelhana,  
e enchem de dor a vossa filha ! Instancias  
de ministros gravissimos, conselhos  
da alvoraçada mãe, vivos reparos,  
urgentes suggestões, rijas censuras  
de pae, de rei, tudo desdenha, agrava  
o amor que o doma e tem. Senti piedade,  
tolerei taes desdens. Baldada a esp'rança  
na emenda do culpado, fatigou-se  
a paciencia real e fez justiça.  
Era já tempo. A astuta castelhana,  
a falsa embahidora . . .

D. BRITES

Affonso ! Affonso !

Deixae-lhe inteiro o nome, se vossa ira  
a vida pode arrebatat-lhe.

D. AFFONSO

E poude . . .

Era dever, cumpri-o. A ingrata . . . dama



— já que dama a quereis — contra os dictames  
d'um pae que era seu rei, ousava altiva  
manter a rebeldia desse Infante  
vilmente enfeitado, embora astuta  
negasse e com que juras! e eu rei puni-a.

D. BRITES

E foi justiça, Affonso?

D. AFFONSO

Foi justiça.

Não é Affonso, o quarto, o do Salado,  
o neto de seis reis, que vê torcido,  
como o docil fiado d'uma roca,  
o seu querer em mãos de qualquer... dama.  
Tal nome lhe quereis, haja tal nome.

D. BRITES

A pousada da santa aragoneza,  
mãe vossa e minha mãe, seus regios paços  
de apar de Coimbra, o seu dilecto alcacer,  
tinto de sangue e — perdoae-me, Affonso,  
sangue innocente...

D. AFFONSO, em colera subita

Não rediga Brites

tão submissa a seu esposo, ao rei tão mansa,  
— Não tem culpa quem pae, quem rei despreza —  
que pode um justo espanto de escutal-a  
subverter estes muros.

D. BRITES

Se desprezo

não era, mas fraqueza.

D. AFFONSO

Era desprezo —

Um dia, o grão Diniz, quasi tamanho  
na estatura dos feitos, quanto Affonso,  
o primeiro e maior, tenta a um bastardo  
dar o que o jus lhe defendia, — o trono.

Pois o lidimo herdeiro, o espoliado  
das fraquezas d'um pae, sabeis, Senhora,  
quanto fez e era Infante.

D. BRITES

Armava o braço  
hostil ao rei, seu pae...

D. AFFONSO

Mas a direito  
o fez.

D. BRITES

Fel-o a direito!

D. AFFONSO

E, alçado ao trono,  
de que a ambição fraterna, sobre todas  
peccadora ambição, inanemente  
pretendera esbulhal-o... Heis recordar-vos  
o que fez do revel, mal lhe foi dado  
castigal-o a sabor...

D. BRITES

Affonso, basta!

D. AFFONSO

Ambicionava um trono, arrebatei-lhe  
por força, a patria, o haver. Outro bastardo  
ousava malquerer-me, — degolei-o.  
Pois quanto a honrado pae, a rei não soube  
Affonso consentir em sangue e armas,  
odio e lucta mortal, quanto a soberbos  
rebelados irmãos, mimosos e avidos,  
não tolerou sem banimento e morte,  
havia de soffrel-o ao proprio filho,  
e a uma... dama, dirieis, a manceba  
e barregã, digo eu?

D. BRITES, encarando-o com senhoril altiveza

Mas vossa esposa  
dama é ainda e rainha; a minha camara  
não é solto arrayal, Senhor.

(D. Affonso fica-se silencioso e torvo. Pausa)

D. AFFONSO, avizinhando-se carinhoso

Comvosco  
 posso e quero ser fraco. Apraz a Affonso  
 ceder a aceno vosso... e cede.

D. BRITES

E a supplicas...

D. AFFONSO

Era dever de rei. Mas no cumpril-o,  
 — punge-me esta certeza e dá-me gosto —  
 hesitou, como um fraco Affonso o Bravo!  
 Commoveu-me, senhora, a vossa carta.

*(Aparte)*

Porem ella illudiu-me infamemente —  
 Venci-me, emfim, venci-vos, que sou forte  
 Mas doeu-me o triumpho e doe-me ainda...

*(D. Brites vae a fallar ; mas emmudece a um aceno de D. Affonso)*

Meu officio é cumprido. Importa agora  
 que vós cumpraes o vosso. Curtamente  
 volta da caça o Infante; sabe parte,  
 que novas, e más novas, correm presto.  
 Se não, por vós conheça da justiça  
 que duramente hei feito em seus amores  
 deshonestos...

*(Gesto de D. Brites)*

Corrijo : em seus amores.

Recordae-lhe que é filho e que é vassallo;  
 eu, seu rei e seu pae. Ter-me-ha benigno,  
 se manso se amostrar, senão lembrae-lhe  
 — se lembrar-lh'o é mister : Pedro conhece-me —  
 que sei quebrar, a ousadas, rebeldias,  
 e gosto de quebral-as rijamente.  
 Careceis de repouso e o sol é nado.

*(Sac)*

## SCENA V

RAINHA, só. Depois RAINHA e o INFANTE

D. BRITES

É bem duro ser mãe! E como fundo  
castigam os espinhos do infortunio.  
no conchego dos mantos arminhados.

*(O Infante irrompe em scena. Á porta por que entrou D. Pedro assoma a figura de D. Gonçalo, o qual se tem um momento immovel, depois desaparece atraz do reposteiro que desce. O Infante aos pés da mãe, toma-lhe as mãos e beijalh'as muito terno)*

És tu, meu filho, emfim!

INFANTE

Eu que em joelhos  
osculo e osculo as vossas mãos queridas,  
ancioso de consolo.

D. BRITES, affagando-o

Incorrigivel  
monteador quanto tardaste! Nunca  
tremeu por ti minha alma tanto, tanto.  
Muito te quiz aqui, muito em Coimbra  
te quiz... Como senti esses alentos  
de mancebo e guerreiro que te arrastam  
por montes e por valles, que te forçam  
a deixar por lebreus e girifaltes  
todos e tudo filho.

INFANTE, supplicante

Essas palavras,  
passadas de censura, embora amiga  
suavissima censura, me dão pena...  
Não m'as digaes jamais...

D. BRITES, muito commovida

Meu pobre Pedro!

## INFANTE

Sabeis que desde tamanino a guerra  
 as algaras sangrentas de agarenos,  
 no ouvil-as recontar, m'infeitiçavam.  
 As justas, os torneios, os combates,  
 onde esplende ao mais bravo, ao mais braceiro,  
 no applauso feminil, o sol da gloria,  
 o rude montear, dias e noutes,  
 á cata do montez, na piugada  
 do cervo fugidio, entre penhascos  
 e quebradas sem fim, palpando o risco  
 e rindo alegre delle, eram enleio  
 — e quão suave enleio! — a vosso filho.

## D. BRITES

Ralhava, quanta vez, de taes loucuras  
 que em perpetuo alvoroço a tresnoutavam  
 a rabugenta mãe!

## INFANTE

Mas recrescia  
 de ponto inleio tal, — bem n'ò recorda  
 o maternal amor — quando na volta  
 vos podia amostrar o meu pelóte  
 lacerado do rabido colmilho  
 do acecado javali.

## D. BRITES

E de meus sustos  
 o monteador sorria. Na altiveza  
 de infante de mancebo, só ferido  
 ousava appellidar-se a todos neto  
 do maior dos avós, Affonso, o grande.

## INFANTE

Mas na vida, somente dous affectos,  
 suaves como o rir da meninice,  
 como ao guerreiro apoz refrega rija  
 o triumphal clangor da rouca tuba  
 me tem domado o peito: o amor que me une  
 e me hade a vós unir, mãe doce e santa,  
 e o amor á minha Ignez, alma d'um lyrio...

*(D. Brites desvia o rosto para occultar a commoção)*

Não vos riaes, ó mãe. Se houvessem alma  
as mais gentis e enamoradas flores,  
alma haveriam como a della, como  
a alma da minha Ignez, mais minha ainda,  
mais eu do que vós sois... ó mãe, perdoa!

D. BRITES

Coitado do meu Pedro!

INFANTE

Sim, custava  
partir-me de ambas vós; mas das coutadas  
trilhadas só de feras, para logo  
me inebriava o rijo alento e livre...  
Todos, tudo esquecia, a vós, e a ella,  
a voar perdizellos e garcenas,  
a açular ao javardo os meus sabujos;  
vendo o nebri motir no voo, á brava,  
ás altezas do espaço e, no révoo,  
baixar, cahindo, á preia.

D. BRITES

Pobre filho!

INFANTE

Tudo mudou, ou mudei todo. Os bosques,  
tão meus, tão conhecidos, farejados  
tanto e tanto dos meus alãos, pisados,  
quanta vez, de meus ageis corredores,  
o ar montez, acre e puro, os ermos cerros  
da nossa Beira alpestre, os sons briosos  
da tuba urrando brados de victoria,  
os echos da quebrada, alvoraçados  
co' o vozear, e o rir, e o apupo e os canticos  
do caçador tropel, todo esse inlevo  
dè moços corações, triste, funereo,  
como o psalmear prantivo d'um trintario...

D. BRITES

Eras tão triste, filho, e tão distante  
dos olhos de tua mãe...

INFANTE

Nunca hei vivido  
taes dias de saudade e desconforto!  
Desde que me parti de Santa Clara,  
tristes visões, presagas phantasias,  
sustos, cuidados, sobresaltos...

D. BRITES

Filho!

Deus é pae!

INFANTE, mudando de tom

Porem tudo ao vosso aspecto,  
como á luz da manhã vago duende,  
de pronto se esvaiu... Sois mãe e basta!  
Cerca de vós aspiro a longos haustos  
conforto, esp'rança, vida. Eram loucuras  
de moço e enamorado os taes presagios...

D. BRITES, áparte

Que doce engano!

INFANTE

... Diz-m'o vosso aspecto  
desassombrado. Oh! como é bom ser filho  
de tal mãe, como vós. Que taes fraquezas  
deveram-me pejar: sou filho vosso.

D. BRITES, animando-se muito

E filho mui valido, e mui devoto  
a sua mãe...

INFANTE

Se sou.—Por meu castigo  
vou narrar-vos um caso, uma loucura,  
que tanto me doeu... Á redea solta  
persiguia na gandara um gamello  
ferido. Apodrecia perto o verde  
marnel, onde sangravam sanguesugas  
Martim Annes de Riba de Avizella.  
No veloz galopar devoro o espaço...

De subito a meus pés cae fulminada  
 uma garça real: toda a plumagem  
 crespa e sangrenta, o olhar humido e triste,  
 côr do ceu portuguez se expira o dia,  
 feito de sombra e dor, e em mim pousado...  
 Pungia aquelle olhar... Desmonto e observo-o  
 E nelle eu proprio vi — tal lembrança  
 me turva ainda — o olhar cheio de pranto  
 de saudade, de lucto, de agonia  
 do meu *collo de garça*! A vossa filha  
 naquelle olhar seu doce olhar puzera  
 de eterno adeus, tão triste quanto a morte...  
 Juro-vos que chorei. Cavalgo á pressa  
 meu bom murzello e fujo qual do encalço  
 d'uma hoste de descridos agarenos.  
 Que fero monteador! Mãe, não vos rides?

*(D. Brites que tem procurado suffocar as lagrimas rompe em soluços)*

Que! choraes? vós?

D. BRITES

Pois tuas dores, filho,  
 são dores para mim!

INFANTE

Esta era louca,  
 inane dor; não era?

D. BRITES

Mas choraste.

INFANTE

Como um louco; isso sim. Mas não corria  
 sem motivo o meu pranto?

*(Pausa. Sobresaltado)*

Respondei-me.

A immensa paz que ao ver-vos m'inundava,  
 sinto-a apagar-se, ó mãe!

D. BRITES, com funda angustia

Quanto quizera  
 poder-te consolar...



INFANTE

Jurae, senhora,  
que o funeral presagio era mentida  
illusão. Não vos nego, meigo, humano,  
me fitava esse olhar; mas Gil Eanes  
alvitra que será moura encantada,  
que penava na garça e que ferira,  
no remontado voo, a garra adunca  
do gaveão garceiro. Diz que infestam  
infeitiçadas mouras estas brenhas,  
que alta noute se escutam desveladas  
tristemente ululando á luz da lua...  
Não seria talvez moura encantada?

D. BRITES

São mysterios de Deus! Mas os presagios  
vem, quanta vez, de Deus!

INFANTE

Por vida minha,  
se tendes ruim nova, dae-m'a. Ignora  
acaso o vosso amor que esta incerteza  
é tortura amarissima?

D. BRITES

Meu filho!

*(Pausa. Chora)*

INFANTE, muito carinhoso

Não tendes dó de mim?

*(Ferido de uma ideia súbita)*

Advirto agora:  
o recado do velho Dom Gonçalo,  
seu estranho balbuciar, o incerto alcance  
do imperfeito dizer, vagos murmurios,  
olhos baixos, quebrados, essas lagrimas,  
esse semblante ancioso, um ar de lucto  
que tudo e todos cobre, prenunciam-me  
infortunio e medonho. Mãe, que é isto?

*(Com um grito)*

Ignez! Que é feito della?

*(D. Brites tem o rosto embecido entre as mãos)*

Intendo — e v vo ?

Da castissima alcova, á bruta força,  
arrancada alta noute, jaz sumida  
em embrenhada torre, onde os filhinhos  
mais não veja na vida e longe acabe  
do esposo e da coroa. — Mas, bandidos,  
ministros de meu pae e meus algozes,  
inganaes-vos nas contas, tem meu braço,  
o braço d'um infante, assaz longura  
para arrancar Ignez da vil masmorra,  
onde a sepultam vis e arrebatam-vos  
na lama, em que a sumis, almas e vidas,  
Sei dar o que me pedem : pedis guerra ;  
guerra haveis — de morte. . . Não me queixo,  
que o insensato fui eu ! Bem me dizieis,  
e tanta vez, mãe santa, bem dizieis,  
Gonçalo, amigo e padre, bem dizieis :  
e eu não vos cri ; ouvi seus ameaços ;  
ouvi — e ri-me delles O insensato  
fui eu, fui eu.

*(D. Affonso assoma á porta e conserva-se silencioso e quedo)*

Mas lidos nos direitos,  
sabidos nas historias, muito illustres  
e doutos conselheiros d'um rei. . . fraco,  
d'um pae desamorado, heis-de lembrar-vos  
como infantes se vingam. Guerra ! guerra !  
Haveis bem presente como sabe  
punir um rei lembrado injurias feitas,  
uma hora, ao moço infante. Dava Affonso,  
vosso rei, o esforçado, o bravo em raptos  
de damas desvalidas, todo agora  
ao mister de rufião mais que ao das armas,  
co'um bastardo rebelde, em vil cutello,  
proveitosa lição. Por Deus, vos juro  
tel-a-hei de cor. Vereis.

*(Vae a sahir)*

D. BRITES, procurando tel-o nos braços ; supplicante

Meu filho ! Pedro !

Silencio ! É vosso Pae !

INFANTE, desenleando-se-lhe dos braços

Ó mãe, deixae-me !

Deixae-me, disse-o já, mãe !

*(Dá, ao sahir, com o pae; torna atraç)*

## SCENA VI

Os MESMOS, D. AFFONSO, depois D. GONÇALO

D. AFFONSO, desce. Lento e sisudo

Desde quando

a infantes se consente e portuguezes  
viltar seu rei, seu padre, no recato  
das alcovas reaes ?

D. BRITES

A dor dementa-o.

INFANTE

Desde que paes e reis trocam seu alto  
officio, pelo officio mais folgado  
de raptores.

D. AFFONSO, com refreada colera

Infante !

INFANTE

Pae benigno,  
piedoso rei, que heis feito de donzella,  
tão formosa que vel-a só podera  
volver ao bem vossos ruins privados.

D. AFFONSO, abufando na sanha

Pedro, tal. . . dama, — sempre me has negado,  
tão doce e cara te era — ser-te esposa, —  
vivia em feia culpa, n'uma jura  
mentindo torpemente, alimentava  
por vil cobiça a ingrata rebeldia  
de certo infante portuguez ; vendida

aos inimigos de teu rei, vendida  
aos inimigos de tua patria, Infante  
de Portugal, relapsa em seus maus feitos  
foi punida segundo o jus do reino  
e á guisa dos traidores...

INFANTE, arranca a adaga e arremette ao pae  
Fementido!

D. AFFONSO, sem se mover; com voz tranquilla  
Fere, exemplo de filhos, fere!

D. BRITES, suspendendo-lhe o braço  
Pedro!

É teu Pae!

INFANTE

Meu verdugo! — Inutil ferro  
para longe de mim!

*(Lança de si o punhal)*

D. GONÇALO, que tem entrado e coberto o rei de seu corpo

Senhor Infante! —  
Sempre o Eterno puniu, severo e justo,  
injurias contra seu Pae. Para seus filhos  
inda o mais cru dos paes é o mais sagrado  
dos homens.

INFANTE. lançando-se dilacerado nos braços da mãe

Minha Ignez, ó mãe querida,  
perdida para sempre! Assassinada!  
Vilmente assassinada!

D. GONÇALO, com reluctancia  
Embora injustas,  
ordens de vosso pae...

INFANTE, desatando-se dos braços da mãe  
Meu Pae! Perdi-o;  
hoje mesmo o perdi. Um pae que arranca  
ao filho o coração, que lh'o retalha,

que faz desses retalhos palpitantes  
o cibalho em que treina a seus ministros,  
que vê, cheio de jubilo ferino,  
a golfar nesse sangue o proprio sangue,  
é pae ou assassino? Dom Gonçalo,  
desfaizei-me esta duvida!

D. BRITES, para o Infante

Meu Pedro!

*(Para D. Affonso que arranca contra o filbo)*

Vosso filho...

*(Breve pausa)*

D. AFFONSO, arrefecendo na colera. Desdenhoso

Um sandio a quem devera  
pronto castigo.

D. GONÇALO, com voz submissa ao Rei

A quem deveis piedade.

INFANTE

A gloriosa espada do Salado,  
quebrada, convertida em vil cutello  
em portuguezas mãos. Ora o soberbo,  
o triumphante heroe só pelas costas  
sabe ferir e fere cauteloso  
mulheres desarmadas. Nobre officio!  
Mister de cavalleiros! De seu escudo  
descenda a aguia altaneira que o repulsa  
e tome-lhe o logar rasteiro abutre.  
Diz-lhe melhor co'os feitos.

D. AFFONSO

Pedro! Infante!

Nos juncaes de meus reinos brotam varas  
para açoutar nas costas quer infantes,  
quer refeces truões, que os não distingo.

INFANTE

Mas heis de os distinguir quando as cearas  
talar de vossos campos, quando em chammas  
banhar de extremo a extremo os vossos reinos.

Doce Ignez, cada gota do teu sangue  
 hade expial-a um mar de sangue e fogo.  
 Darei cento por um aos teus verdugos.  
 Gloria, empreza e dever seja a meus filhos  
 odiar quem a seu pae deu vida e pode  
 arrancal-a sem culpa á mãe que choram.

D. AFFONSO

Viva Deus! Ergo ainda rijo o braço  
 que prostou no Salado a vil mourisma;  
 e é tão duro a punir mouros descridos  
 quanto infantes reveis.

INFANTE

E inda vive

a raça d'um Samsão. As sanguesugas  
 geradas nos passes que brotam varas  
 para açoutar infantes, sugam sangue  
 de reis sem grande custo. Os desse talhe  
 e estatura meã cabem á larga  
 no mais curto marnel destas defesas.  
 Se me ensinaes agora, ó rei benigno,  
 a ser algoz e pae, já me ensinastes  
 a ser filho e rebelde. Mãe querida!  
 Orae por vosso infante que é já morto,  
 pois o que inda resfolga neste corpo  
 vida não é. Adeus! Mãe minha!

*(Sae a correr)*

D. BRITES, ajoelha aos pés de D. Affonso, supplicante

Esposo!

*(D. Affonso levanta-a e affasta-a brandamente de si)*

## SCENA VII

Os MESMOS, menos o INFANTE

D. AFFONSO

Appellide-se á guerra. Inda a velhice  
 meus braços não quebrou. Sopéso ainda  
 a lança do Salado; e soffre o peito

o contacto do arnez. — Oh ! como punge d'um filho a rebeldia ! E fui eu filho, e fui revel tambem . . . Mas de meu lado eram razão e jus. E agora, creio — illudo-me, Gonçalo ! que ao rebelde faltam jus e razão.

D. BRITES

Perdão para elle !

D. AFFONSO, ferocissimo

Nunca !

*(Emendando-se)*

Talvez ! Quando vencido ! Affonso sabe ainda vencer. Honrado Padre, haveis de ser por mim.

D. GONÇALO

Minha alma a Pedro ;  
a minha espada a vós.

D. AFFONSO, aos brados

Affonso, alarma !  
Reverendos Prelados ! Ricos-homens !  
Infanções de meus reinos ! Filhos de algo !  
E vós, fieis mistreres, contra o Infante,  
rebelde a seu senhor, — alarma ! alarma !

*(Toma rijo do braço de D. Gonçalo e sae, gesticulando como se brandisse uma lança. D. Brites dá alguns passos para elle e cae de joelhos)*

FIM









BINDING SECT. APR 9 - 1968

PQ            Sousa Monteiro, José Maria de  
9261            D. Pedro, poema dramático  
S7D3            em cinco jordanas  
1913

PLEASE DO NOT REMOVE  
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

---

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

---

UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C  
39 11 12 22 03 026 4